ALFREDO BRANDÃO

A Escripta Prehistorica do Brasil

COM UM APPENDICE SOBRE
A PREHISTORIA DE ALAGOAS

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA
DIRIGIDA PELO PROF. DR. ARTHUR RAMOS — VOL. XI

A Escripta Prehistorica do Brasil

DO MESMO AUTOR

Livros:

TABAGISMO — Bahia, 1902 (esgotado).

VIÇOSA DE ALAGOAS — (Notas historicas, geographicas e archeologicas) — Recife, 1914 (esgotado).

NOITES DO PARAGUAY — Narrativa do tempo da guerra — (publicado sob o pseudonymo de Aldebar Loubrand) — São Paulo, 1927.

Memorias e artigos principaes:

SOBRE A GEOGRAPHIA BOTANICA DO ESTADO DE ALAGOAS — (Trabalho apresentado ao 4.º Congresso de Geographia, reunido no Recife em 1915) — Publicado nos Annaes do mesmo Congresso.

INFLUENCIA DO MEIO COSMICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO BERIBERI. — (Trabalho apresentado ao 2.º Congresso de Medicina, reunido no Recife em 1915 e publicado na revista *Medicina Militar* em suas edições de Setembro de 1918 a Janeiro de de 1919, Rio de Janeiro.)

OS NEGROS NA HISTORIA DE ALAGOAS. — (Memoria apresentada ao Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, reunido em Recife em 1934) — Publicada em *Estudos Afro-Brasileiros*, Ed. Ariel, Rio, 1935.

AS ORIGENS DA SYPHILIS NA AMERICA. — Em *Medicina Militar* — (Setembro de 1917), Rio de Janeiro.

SOBRE O LEVANTAMENTO DE FERIDOS NO CAMPO DE BATALHA. — Em *Medicina Militar* (Setembro de 1917), Rio de Janeiro.

NOTICIA HISTORICA SOBRE O CHOLERA MORBUS NO BRASIL — Em *Guttemberg*. — 1-11-1910. Maceió.

AS ORIGENS DE MACEIÓ. — Em *Gazeta de Alagoas*, 4-6-1935, Maceió.

ALFREDO BRANDÃO

A Escripta Prehistorica do Brasil

(Ensaio de Interpretação)

Com um appendice sobre
a Prehistoria de Alagoas

Edição Illustrada

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA
Sob a direcção de ARTHUR RAMOS
Vol. XI

1937
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. - Editora
RIO DE JANEIRO

DEDICATORIA

**Á memoria de minha esposa
Almerinda Guimarães Brandão**

Almerinda

Seja o teu nome querido a primeira palavra que appareça no primeiro livro que publico depois da tua morte.

Hoje é apenas a tua doce lembrança que ainda faz vibrar a minha alma, que me estimula como nos dias felizes de outróra, quando a tua vida alegrava o meu viver.

Partiste para esse Além mysterioso e insondavel. Hoje vives numa outra esphera de luz, vendo outros sóes, outras auroras, mas eu comprehendo que me contemplas, que estás junto a mim e se não te posso ver, se não te posso ouvir e tocar, é apenas pela deficiencia material dos meus miseraveis sentidos.

Expandèm-se, ainda, em flores e perfumes os prados; povôam-se de estrellas as noites; o luar é brando e meigo, sussurram as brisas nas verdes frondes, e as tardes, sob a vermelhidão dos poentes, derramam a mesma poesia

de outróra, mas, flores, perfumes, estrellas, luares e poentes já não me trazem as doces impressões dos dias passados, porque eras tu, objecto querido dos meus sonhos, quem fazias com que eu visse a alegre natureza através o prisma encantador das illusões.

Mira-se a flor nas "aguas que se vão" e as aguas guardam da flor a fugitiva imagem. E correm as aguas por grotas e valles e rolam e despenham-se em saltos e quédas e se engrossam e se espalham em torrente caudal. Um dia, no verde oceano vão todas morar. E o oceano, em vapores, sobe ás alturas longinquas do céo. E o azul da abobada, em nuvem de ouro, conserva a imagem da flor que uma vez, no valle, brotára e crescera á luz da manhã.

Tudo o que, no mundo, á luz se expandiu, deixa na luz, impereciveis, os seus traços. E que os annos rolem em sua marcha vertiginosa e fatal. Tudo o que nos mundos um dia viveu, nos mundos viverá eternamente.

E por isso eu sei que tu vives ainda, que tua intelligencia não se apagou.

Eu creio numa luz transcendental em cujo seio nos encontramos um dia; eu creio num Deus immortal e bom que nos creou, não para o anniquilamento ou para a eterna separação, porém que nos reunirá mais tarde, para todo o sempre, livres da morte e do soffrimento, numa região de claridades e sonhos.

Hoje o teu corpo dorme o ultimo somno nas terras do sul, lá nesse cemiterio "São Paulo", em São Paulo, á sombra dos cyprestes e dos terebynthos em flôr, mas

a tua alma de santa paira pelas regiões do céo, nos intermundos entre as estrellas brilhantes, no azul, no espaço, no seio immenso de Deus.

Este livro, cujas primeira folhas foram organizadas ao teu lado, cujas ultimas paginas foram escriptas no isolamento, na solidão e na dor de tua ausencia, eu te offereço, dedico e consagro.

Maceió, 1933.

ALFREDO

Á memoria do

Dr. Ladislau Netto,

o sabio archeologo patricio que primeiro procurou interpretar as inscripções prehistoricas do Brasil.

Admiração de Alfredo Brandão.

Ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

Ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Ao Instituto Historico e Geographico da Parahyba.

Homenagem do socio correspondente

Alfredo Brandão.

Ao meu irmão

Dr. Manoel Brandão.

Ao meu filho

Milton Guimarães Brandão.

Aos sobrinhos:

Octavio Brandão.
Dr. Théo Brandão.
Eloy Brandão Sá.
José Aloysio Villela.

Sincera amisade

de

ALFREDO BRANDÃO.

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Muitos archeologos, nacionaes e estrangeiros, julgam que as inscripções rupestres do Brasil são destituidas de valor significativo. Nestas condições, qualquer trabalho de interpretação não será mais do que pura phantasia.

Todos se esquecem, porém, que os primeiros decifradores dos hieroglyphos egypcios e da escripta cuneiforme, tambem tiveram de lutar contra a descrença dos seus contemporaneos, e apesar disso, continuando em seus trabalhos, conseguiram, á força de pacientes estudos, ampliar a historia, trazendo do cháos do passado a narrativa de factos já de todo apagados na memoria dos homens.

Acreditamos que no Brasil primitivo medraram civilizações mais ou menos adeantadas e que os caracteres encontrados em nossos rochedos representam a escripta dessas civilizações.

Actualmente, as velhas narrativas sobre a Atlantida estão sendo cada vez mais comprovadas.

A geologia, de mãos dadas ás outras sciencias naturaes, nos demonstra que o nosso planeta através das idades tem passado por grandes vicissitudes, tem sido atormentado por grandes cataclysmas que lhe alteraram

por diversas vezes a conformação physica. Tem-se assim largas ensanchas para se explicarem as origens das civilizações prehistoricas do Brasil.

Nosso trabalho é baseado em todas essas theorias de continentes desapparecidos. A ellas se filia, dellas haure a seiva nutritiva e ao mesmo tempo procura, com sua pequena contribuição, reforçar-lhes as idéas, trazendo-lhes o adjutorio paleographico.

A interpretação que procurou dar á nossa escripta prehistorica, tem o seu ponto de partida na analogia que os nossos caracteres offerecem, não só com os caracteres prehistoricos do velho continente, mas ainda com os alphabetos dos tempos historicos de quasi todas as nações da antiguidade.

Falando de interpretação, é de justiça prevenirmos o leitor que essa interpretação não vae além de um simples ensaio. Ainda tacteamos no vasto mysterio dessa escripta, e achamos mesmo que a decifração completa constituirá uma tarefa ainda para muitas gerações. Como quer que seja, julgamos ter aprehendido alguns fios da meada, e desses fios, ainda tenues, já podemos prever a importancia que o conhecimento perfeito do assumpto poderá trazer ao estudo da evolução humana.

Adeantamos, logo de começo, que os povos antediluvianos possuiam uma sciencia — a magia — e que essa sciencia ainda se encontra intacta, em seus caracteres primitivos, em rochedos do Brasil. É provavel que a escripta prehistorica guarde em si muitas noções das grandes verdades que o homem historico em sua curio-

sidade incessante procura desvendar ha milhares de annos.

Do pouco que podemos interpretar, deduzimos que o prehistorico já se preoccupava com as origens dos seres e das cousas, que jogava com forças e energias que nos são hoje desconhecidas, e sobretudo que tinha noções de um deus consciente, creador e eterno do qual a luz era uma das grandes manifestações.

Precisamos dar ainda uma explicação ao benevolo leitor: o facto de citarmos a cada passo o grego, o phenicio, o hebraico, a assyriologia e as linguas indigenas do Brasil, poderia parecer á primeira vista, uma pretensão de nossa parte a querer exhibir uma erudição que, na realidade, não possuimos. De linguas archaicas, de orientalismo e de americanismo, os nossos conhecimentos não vão além de algumas noções que podemos adquirir com o rapido folheamento de grammaticas, diccionarios e tratados sobre o assumpto. O aprofundamento em qualquer uma dessas materias, absorveria todo o tempo da vida de um homem.

Reconhecemos que a nossa obra tem muitas lacunas, muitos defeitos, mas lacunas e defeitos serão corrigidos pelos que vierem depois de nós. O principal fim que almejamos é apenas chamar a attenção dos estudiosos para o vastissimo problema da prehistoria brasileira.

Resta-nos declarar que alguns excerptos da presente obra já foram por nós publicados na imprensa alagoana e no *Diario de Pernambuco*.

ALFREDO BRANDÃO

CAPITULO I

Inscripções em rochedos do Brasil. — Noticia sobre a descoberta dessas inscripções e localidades onde as mesmas se encontram. — Inscripções e desenhos da louça de Marajó. — Conjecturas sobre as origens e sobre os autores dessas inscripções. — Discussões suscitadas. — Idéas sobre a existencia, nos tempos prehistoricos, de uma lingua e de uma escripta universaes.

A escripta prehistorica do Brasil encontra-se gravada ou traçada na superficie de rochedos em todo o paiz e especialmente nos Estados do norte.

Encontra-se, tambem, nos restos de ceramica da ilha de Marajó, na fóz do Amazonas.

Foram as inscripções em rochedos que primeiro chamaram a attenção dos curiosos e a mais antiga descripção se acha no *Dialogo das Grandezas do Brasil.* O autor dessa obra relata que, no dia 29 de Dezembro de 1598, Feliciano Coelho de Carvalho, então capitão-mór da Parahyba, encontrou junto a um rio chamado *Arasoagype,* uma cova composta de tres pedras "que estavam conjunctas umas com outras — capaz de se recolherem nella quinze homens".

Na face mais alta dessa cova, da banda do poente, "estavam cincoenta móssas todas conjunctas, que tomavam principio de baixo para cima de um tamanho que semelhava no modo com que estavam arrumadas o em que se pinta por meio de retabulos o rosario de Nossa Senhora..."

O autor estende-se na descripção dos signos, nos quaes julga ver uma cruz, e "caveiras de defunto", desenhos de rosas e molduras.

A descripção é acompanhada de uma copia dos caracteres, copia que reproduzimos neste nosso trabalho. (Ver estampa numero VII).

Parece que o copista se limitou, apenas, a transcrever alguns especimens dos caracteres. Estes, como quer que seja, são de muito valor, e conforme veremos mais adeante, são identicos aos de outras inscripções. Pela descripção da cóva, ou monumento de pedras, vê-se perfeitamente que se trata de um *dolmen*.

O padre Simão de Vasconcellos fala em pegadas humanas e signaes encontrados em rochedos de São Vicente, Cabo Frio e Bahia. (1)

Elias Herckman, hollandez, que por ordem de seu governo percorreu a capitania da Parahyba, em 1641, diz tambem ter visto inscripções em rochedos, mas não as copiou nem descreveu. (2)

Martins de Nantes, um padre cathechista, que em

(1) Padre Simão de Vasconcellos, *Chronicas da Companhia de Jesus.* No capitulo X trataremos das pegadas de S. Thomé.

(2) Ver Barleus, *Rervm per Octennivm in Brasilia.*

1675 missionou entre as tribus Kariris da Parahyba e do rio São Francisco, encontrou no sertão, gravada numa pedra, uma bella cruz sobre uma penha em fórma de globo.

O mais importante grupo de inscripções que possuimos, é o do autor das "Lamentações Brasileiras", o padre Correia Telles de Menezes, "o caçador de thesouros", como o denominou Alfredo de Carvalho. Levado pela sêde de ouro, emprehendeu longas viagens pelo interior do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagoas, tendo encontrado numerosas inscripções que copiou e descreveu, estendendo-se em detalhes geographicos da região e citando, ao mesmo tempo, os monumentos prehistoricos encontrados. Tristão de Araripe publicou minuciosa noticia sobre essas inscripções. (3)

Outras inscripções que muita luz terão de prestar ao estudo da escripta prehistorica, são as que foram encntradas numa cidade abandonada no interior da Bahia. (4)

Um simples cotejo dessas inscripções com outras de diversos pontos do Brasil, mostra a semelhança de muitos caracteres.

No volume primeiro da "Revista do Instituto Historico do Brasil", se fez menção de lithoglyphos. Cons-

---

(3) Ver Tristão de Araripe, *Cidades Petrificadas*, pagina 213 do volume L da Revista do Instituto Historico do Brasil. Esse autor acha muita semelhança das inscripções do padre Telles com os desenhos da louça de Marajó.

(4) Adeante teremos de voltar sobre essa cidade abandonada.

tando que no alto da Gavea, no Rio de Janeiro, existiam letreiros phenicios, o Instituto nomeou uma commissão composta de alguns de seus membros para os examinarem.

Essa commissão, desempenhando-se do encargo, tirou uma copia dos caracteres e apresentou um relatorio, no qual, nem affirmava nem negava se os riscos de pedra tinham sido feitos pela mão do homem ou se não passavam de méro resultado das intemperies — do vento e da chuva.

Na estampa numero VIII, damos alguns desses caracteres. São grosseiros, mal feitos; não sabemos se esta circumstancia é devida aos possiveis autores ou aos copiadores do Instituto.

Como quer que seja, julgamos entrever, tambem, alguma semelhança com outros caracteres do Brasil prehistorico. Afastamos a idéa de serem sulcos devidos á acção da agua das chuvas porque nesse caso taes sulcos deveriam se prolongar de cima para baixo, em grande extensão, e não apresentariam as partes inferiores arredondadas. (5)

---

(5) A proposito da inscripção ou pseudo inscripção da Gavea lembramos que as antiguidades prehistoricas do Rio de Janeiro não se acham sufficientemente estudadas. Perto da estação de Madureira, bem como no caminho de Jacarépaguá, existem muitas pedras que parecem monumentos megalithicos. Lembramos, ainda, que no alto do rochedo que fica perto da lagoa de Freitas, nas proximidades do Jardim Botanico, existem muitos riscos que podem, é verdade, ser scissuras e veios naturaes da pedra ou effeitos de dilatação ou desagregação, mas que tambem podem ser signos. Nas mesmas condições se acha a cruz de Copacabana, a qual se encontra num rochedo desse elegante bairro.

Em principio do seculo passado, o sabio bavaro, Carlos Frederico Von Martius, descobriu diversos lithoglyphos na serra do Anastacio, na Bahia, lithoglyphos que elle comparou a caracteres punicos e siberianos e que nós achamos muito semelhante á escripta oghamica.

Mais ou menos por esse tempo, falam em inscripções em rochedos o inglez Henri Koster e o padre Ayres do Casal.

São importantes as monographias dos sabios americanos Hartt e Branner, monographias que foram traduzidas e publicadas com as respectivas copias de inscripções pelo dr. Regueira Costa. (6)

Em sua obra — *Prehistoria Sul Americana* — apparecida no Recife em 1910, o illustre engenheiro Alfredo de Carvalho, trata de inscripções em rochedos, não somente do Brasil mas de toda America do Sul. Esse talentoso escriptor pernambucano faz um apanhado de quasi todos os trabalhos publicados a respeito até o seu tempo e, assim, pode-se ter noções das descobertas de Wallace, Istradeli, Coudreau, Browan, Lindistone, Burton, Castelneau, Stein, Ehrenreich, e sobretudo de Koch-Gruenberg, cujas idéas abraça, sobre as origens dos lithoglyphos.

Em 1910, descobrimos e estudamos inscripções em rochedos de Viçosa, no Estado de Alagoas, e apresentamos uma detalhada memoria ao Instituto Archeologico

(6) As inscripções de Hartt ficam á margem do Amazonas e as de Branner em Alagoas e Pernambuco.

ESTAMPA I



Caracteres das margens do Riachão — Viçosa, Estado de Alagoas. (Copiados do original por Alfredo Brandão)

e Geographico Alagoano, memorias que sob o titulo — *Vestigios de raças prehistoricas na Viçosa,* — se acha publicada em o numero quatro da Revista do mesmo Instituto, do mez de Dezembro de 1913 e em nossa obra *Viçosa de Alagoas.* (7)

As principaes inscripções de que trata a nossa memoria, se encontram em rochedos á margem do Riachão, no engenho Paredões, e á margem esquerda do rio Parahyba, no engenho Veados. São formadas por longos riscos de dez a cincoenta centimetros, gravados na pedra, formando angulos, triangulos, parallelos, cruzes e mais diversos signos circulares e em forma de ellipses. Desses ultimos, uns são ligeiramente deprimidos, apresentando a superficie esmeradamente polida, dando ao tacto a sensação de maciez; outros são cavados como pequenas canoas, parecendo a marca de machados de pedra do homem primitivo, machados que o vulgo denomina coriscos.

Mais tarde, tivemos noticias de outras inscripções no municipio de Viçosa e noutros pontos do Estado de Alagoas, das quaes trataremos no appendice.

Outros escriptores nacionaes, tambem, se occuparam de inscripções lapidares, cumprindo citar o engenheiro Retumba, na Parahyba, Barbosa Rodrigues, no Amazonas, Cunha Mattos, em Goyaz, Severiano da Fonseca,

---

(7) Alfredo Brandão, *Viçosa de Alagoas* — notas historicas, geographicas e archeologicas. Recife, 1914.

em Matto Grosso, (8) Sebastião de Vasconcellos, em Pernambuco, Domingos Jaguaribe, em São Paulo.

O engenheiro geologo Luciano de Moraes, inspector de obras contra as sêcas, publicou um excellente trabalho em 1924.

---

(8) Sobre inscripções em Matto Grosso, vamos citar na presente nota o que tambem verificamos: em 1903, por occasião da questão do Acre, achavamo-nos incorporados ás forças que, na previsão de guerra com a Bolivia, aguardavam ordens em Corumbá. Nesse mesmo tempo fomos encarregados do serviço sanitario da segunda secção da commissão Rondon, que se encontrava nos pantanaes do rio Paraguay activando a ligação das linhas telegraphicas de Corumbá com o Rio de Janeiro. Em um dos ultimos dias de Dezembro, atravessando a serra de Pyraputanga, descansamos alguns instantes na Fazenda São Domingos. Conversando sobre as curiosidades da região e admirando os cabeços da serra, constituidos de ferro e manganez, lembrando zimborios de velhas cathedraes, fomos informados pelo fazendeiro que nas immediações existia uma pedra de letreiros e que mezes atraz um estrangeiro a tinha visitado e copiado as inscripções. Pelo adeantado da hora, foi-nos impossivel tambem visitar a tal curiosidade, porém alguns dias mais tarde, achando-se a Commissão em trabalhos no planalto de Urucum, umas tres léguas aquem da Fazenda S. Domingos, ouvimos de um soldado encarregado do transporte d'agua, que perto da fonte, no meio da matta, existia uma lagea com muitos letreiros. Dirigimo-nos para o ponto indicado e vimos uma especie de tanque natural ou pequena lagoa. Em uma das bordas desse poço, sobre uma lagea friavel e granulosa, gréz ou arenito, rocha em formação ou decomposição, viam-se pegadas de homens adultos e de crianças, pegadas de cães, de cabras e de aves.

Um soldado mattogrossense chamou-nos a attenção para uns vestigios que, segundo elle, eram rastos de onça. Havia na parte inclinada muitos outros riscos e diversos signaes cujas formas não se nos gravaram na mente, ou ás quaes não prestamos a devida attenção, visto como, nesse tempo,

Esse trabalho contem photographias das pedras com os respectivos *letreiros,* os quaes nos parecem pertencer a remotissima antiguidade. (9)

Ultimamente têm apparecido em revistas e jornaes noticias de novas descobertas de lithoglyphos. Gustavo Barroso descreve-o no Ceará, na sua recente obra "Aquem da Atlantida".

O engenheiro Flot e o naturalista portuguez Miguel dos Anjos, tratam do mesmo assumpto em cavernas da Bahia e de Minas. (10)

Conforme um telegramma publicado em Fevereiro de 1929, no "Estado de São Paulo", o general Rondon, que se achava então em commissão do governo nos limites do Brasil com as Guyanas, encontrou inscripções muito identicas ás de Marajó.

O archeologo Silva Ramos, em 1930, publicou um trabalho monumental sobre as tradições da America,

---

não nos entregavamos a taes estudos. Achamos que esses *letreiros* eram os mesmos de que nos havia falado o fazendeiros de São Domingos e deviam ser, tambem, os copiados por Vojtech Fric, cujo trabalho é citado na mencionada obra de Alfredo de Carvalho.

(9) Luciano Jacques de Moraes, *Inscripções Rupestres do Brasil.* Rio de Janeiro, 1924. As inscripções são do Rio Grande do Norte e da Parahyba.

(10) O naturalista Miguel dos Anjos, fez interessantes revelações, em Janeiro de 1933, ao jornal do Rio "A Noite", sobre a existencia das inscripções acima mencionadas. Refere-se aos trabalhos sobre o mesmo assumpto do dr. Flot, engenheiro francez que ha muitos annos reside na Bahia. Segundo a noticia, os dois recolheram mais de tres mil inscripções.

trabalho sobre o qual teremos de nos reportar por mais de uma vez. (11)

Em 1933, o erudito historiador Mario Mello, secretario perpetuo do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, digno continuador da obra de Alfredo de Carvalho, deu conhecimento pelo "Diario de Pernambuco" de inscripções em varias localidades do seu Estado. Os interessantes artigos a respeito são acompanhados de desenhos e copias dos *letreiros.*

Finalmente, em 1934 e 1935, Angione Costa e Estevão Pinto, em seus bellos trabalhos, (12) tambem dão noticias e apreciações sobre inscripções lapidares do Brasil.

Sobre as inscripções da louça de Marajó, encontram-se muitos elementos para o respectivo estudo nos trabalhos do sabio americano Hartt e nos dos nossos conterraneos Ferreira Penna e Ladislau Netto, publicados nos volumes 1.º e 6.º dos "Archivos do Museu Nacional", do Rio de Janeiro.

A louça consta, em sua maioria, de fragmentos de alguidares, urnas funerarias ornadas de caracteres, e mais de um objecto de barro, mysterioso, tambem cheio de traços e desenhos, objecto denominado *babal* pelos aborigenes e que os nossos archeologos pensaram servir

---

(11) *Inscripções e Tradições da America Prehistorica, Especialmente do Brasil,* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1930.

(12) Angyone Costa, *Introdução á Arqueologia Brasileira.* São Paulo, 1934. Estevão Pinto, *Os Indigenas do Nordeste,* São Paulo, 1935.

ESTAMPA II



Inscripções em rochedos do engenho Veados — Viçosa — Alagoas (Copiados do original por Alfredo Brandão)

de tanga ás indias marajoenses, identicas, nos fins, á folha de vide que cobriu as partes pudendas de Eva, depois do peccado.

Teremos adeante de nos estender sobre o *babal* e sobre os caracteres e symbolos dessa louça a qual, segundo o nosso modo de pensar, estará reservado no estudo da escripta prehistorica do Brasil um papel tão importante como o dos tijolos de Babylonia no estudo da escripta cuneiforme.

Como se vê, a literatura sobre inscripções em rochedos e caracteres da louça, já vae se tornando muito vasta e uma descripção succinta de todos os trabalhos apparecidos requer alguns volumes.

Conjecturas e explicações mais ou menos aventurosas têm apparecido sobre a origem e sobre os autores das inscripções prehistoricas do Brasil.

Os explicadores podem sêr divididos em quatro grupos: 1.º — os que encaram os signos como simples riscos ou sulcos naturaes dos rochedos; 2.º — os que pensam que os lithoglyphos são obra dos aborigenes e não possuem a menor significação ou importancia; 3.º — os que vendo nos signos uma verdadeira escripta, acham que os autores foram navegantes aqui aportados em épocas prehistoricas; 4.º — os que relacionam as inscripções á existencia de uma civilização brasileira indigena e antiquissima.

Sobre os do primeiro grupo, diremos que um olhar experimentado distingue perfeitamente os riscos naturaes dos que são feitos pela mão do homem. Aquelles seguem sempre a direcção dos pontos mais frageis da pedra, e os ultimos revelam, a cada passo, o caracter intencional. Além disso, as inscripções nem sempre são gravadas; ás vezes apparecem algumas pintadas a tinta vermelha.

Entre os do segundo grupo, destacam-se Koch-Gruenberg e Alfredo de Carvalho. O autor allemão acha que os lithoglyphos são obras dos indios, que foram feitos por méro desporte em horas de lazer; "são sempre ociosos e grosseiros primordios de uma arte primitiva."

Alfredo de Carvalho, adepto convencido de Koch-Gruenberg, accrescenta que o homem primitivo, como as nossas crianças de hoje, tinham uma tendencia innata para garatujar. Portanto, o que se julga uma escripta não é mais do que o resultado de um pueril passa-tempo.

Muito embora a admiração e grande acatamento que tributamos aos nomes desses dois autores, seja-nos permittido discordar da maioria de seus argumentos.

Attendendo-se ao facto do grande e afanoso trabalho que a execução das gravuras deveria exigir, pelo attrito lento da pedra sobre a pedra, ha de convir-se que tal desporte nada tinha de recreativo.

Sem um fim determinado, sem um fim religioso, ou sem ser dominado pela idéa de querer chamar a attenção dos homens de sua época ou das gerações futuras, para um facto, um objecto, um phenomeno cuja lem-

brança podesse despertar jubilo, pesar ou temor, o pre-historico não iria passar horas, dias, semanas, mezes, e talvez annos, gravando em rochedos esse acervo de signaes espalhados pelo Brasil, cuja abundancia é de causar pasmo.

Ainda outro facto: como se pode explicar apparecerem essas gravuras, muitas vezes em pontos elevados, no alto de rochedos, á beira de rios, demandando o uso de escadas ou andaimes, o estacionamento de pirogas ou embarcações nessas paragens, um summo trabalho, em-fim, quando se tratando de um passa-tempo, a lei do menor esforço, tão innata na especie humana, teria naturalmente de dirigir taes esportes para pontos que não exigissem tão grande trabalho?

A criança tem, realmente, uma propensão para o garatujamento, mas não será isso um principio de hereditariedade ligado ao facto de seus ancestraes escreverem?

Note-se que esses signos apparecem, ora em pontos proximos uns dos outros, ora em regiões as mais afastadas da terra, affectando uma identidade perfeita, dando a idéa de que são uns a reproducção dos outros, parecendo que representam factos semelhantes, que constituem a expressão de povos que se entendiam, se comprehendiam e trocavam suas impressões.

Se tudo isso não passa de coincidencia, forçoso é reconhecer que se trata de uma coincidencia muito forte, muito fóra do commum, e facto assim de tal ordem, é sempre velario da verdade, ou antes, uma verdade empanada, occulta ou mal comprehendida.

A este grupo ligam-se tambem aquelles que pensam não passarem as inscripções de sulcos de afiação das armas de pedra dos indigenas. (13)

Admittindo-se esta ultima idéa, estaria cortado o nó gordio da questão e dariamos por terminada a controversia.

Se os caracteres lapidares não têm importancia, se não são mais do que os vestigios de amolação, para que nos amolarmos com semelhante assumpto? No emtanto, temos poderosas razões para continuar a martelal-o.

Os do terceiro grupo, affirmavam que, trazidos pelas correntes maritimas, vieram ás nossas plagas, em remotas éras, povos de nações civilizadas, taes como phenicios, judeus, troyanos, etc.

São sobretudo os primeiros os mais indigitados como os autores das inscripções e tal idéa se apoia em factos que, realmente, á primeira vista, parecem justificar a vinda dos phenicios ao Brasil. (14)

Aliás, essa presumpção vem de longe.

O padre Simão de Vasconcellos, (15) baseando-se numa passagem de Diodoro, já dizia que os primeiros

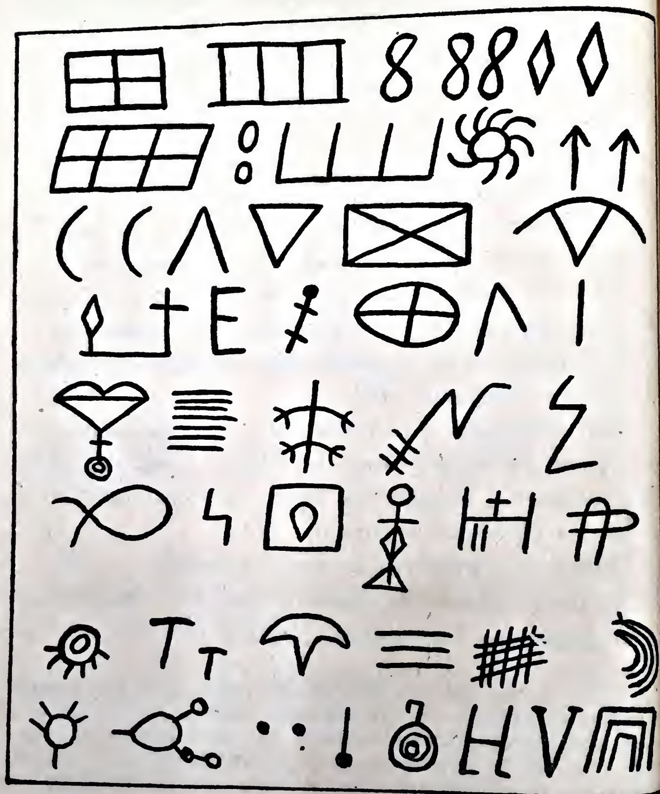
---

(13) Quem tal affirma, que as inscripções não passam de sulcos de afiação, ou não viu esses sulcos ou se os viu procurou resolver o problema sem se dar ao trabalho de raciocinar, pois do contrario chegaria á conclusão que o aguçamento de um machado de pedra, em lugar de um sulco estreito, deixaria como vestigio uma superficie mais ou menos extensa, deprimida e lisa.

(14) Silva Ramos, em sua obra já citada, acha que os lithoglyphos do Brasil são de origem phenicia ou grego-archaico, e nestas condições procura interpretal-os.

(15) Padre Simão de Vasconcellos, *Chronicas da Companhia de Jesus.*

ESTAMPA III



Especimens de caracteres do padre Telles de Menezes, encontrados nos sertões do nordeste. (Extr. da Revista do Instituto Historico do Brasil)

povoadores do Brasil tinham sido os phenicios africanos. (16)

Que as inscripções eram obra dos hebreus, deduziram do facto da grande semelhança dos alphabetos judaicos e samaritanos com o phenicio archaico, do qual os dois se derivam.

É ainda a obra de Simão de Vasconcellos que nos vae orientar sobre a ancianidade de tal tradição: "outros disseram que estes povoadores foram daquellas gentes dos hebreus as quaes o sabio Salomão costumava enviar em suas náus do Mar Vermelho á região chamada de Ophir, em busca de ouro, paus preciosos, simios e cousas semelhantes, e têm para si que essa região de Ophir é a da America, especialmente o Perú, o Mexico e o Brasil".

Modernamente, Onffroy de Thoron, fez reviver essas idéas. Apoiando-se tambem em Diodoro e nas narrativas de Platão sobre o continente Atlantida, procura demonstrar que a America já era conhecida dos antigos, que fôra colonizada pelos phenicios e que mais tarde os navios de Salomão tinham vindo ao Brasil buscar ouro na terra de Parvaim, que o citado autor diz ficar no Amazonas. (17)

---

(16) Dizia Diodoro que "os phenicios africanos em tempo antiquissimo, sahindo a navegar fóra das Columnas de Hercules e correndo a costa de Africa, foram levados do impeto dos ventos a uma terra nunca vista de notavel grandeza no meio do oceano que defronte da Africa corria á parte poente; e essa terra amenissima, fertilissima, cheia de bosques, rios, etc. nenhuma outra podia ser senão a America".

(17) Onoffroy de Thoron, *Voyage des vaisseaux de Salomon au fleuve des Amazones.*

O conego Pennafort, secundando as theorias de Thoron, affirma que esses phenicios deixaram vestigios de sua passagem na America, em hieroglyphos semelhantes aos dos egypcios e em ruinas de monumentos taes como as encontradas em Yucatan e no Mexico. (18)

Além dos phenicios e dos judeus, alguns autores falam em troyanos que, após a destruição da desgraçada Ilion, vieram se estabelecer nas regiões brasilicas. Emprestam força a estes argumentos as descobertas de Schliemann nas planicies d'Hissarlik, na Troada, na Asia Menor, onde elle affirma ter encontrado os *campus ubi Troya fuit.*

Das escavações emprehendidas por esse sabio allemão, resultou o achado de muitos vasos de bronze e ceramica, com inscripções iguaes ás da ceramica prehistorica da America do Sul.

Sylvio Roméro, em seu tempo, já se revoltava contra essas idéas de viagens e colonizações. A todas essas narrativas elle denominava *ridiculas robinsonadas.*

Chegamos emfim ao quarto grupo de explicadores — o daquelles que considera os caracteres do Brasil uma escripta prehistorica pertencente a uma civilização primitiva.

É aos que pensam deste modo que nos filiamos, com algumas restricções, é verdade.

As idéas de cataclysmas e continentes desapparecidos, demonstrando o fraccionamento da terra e o afastamento das partes com interposição dos mares, são

---

(18) Conego Pennafort, *Brasil Prehistorico.* Fortaleza, 1900.

mais que sufficientes para explicar a unidade da familia humana e a dispersão pelos pontos os mais longinquos da terra.

Tem-se assim largas ensanchas para se resolver o problema das origens do homem americano.

Dessa these da unificação dos povos antigos, surge o corrolario de uma lingua primitiva universal e de uma escripta universal tambem — escripta que foi a mãe de todas as escriptas, de todos os alphabetos modernos; escripta que a principio se apresentou como um longo tactear na arte graphica de representar o pensamento; escripta que evoluiu em certas regiões, que estacionou em outras chegando ao ponto de desapparecer, como aconteceu entre os nossos aborigenes.

É dessa escripta primitiva, dessa escripta mater, que vamos encontrar os restos, ainda em sua fórma simples e originaria, nos grosseiros riscos dos rochedos do Brasil e na louça de Marajó.

Deste modo comprehende-se a confusão que se estabeleceu quando se quiz explicar a origem dos nossos signos; fica demonstrado porque uns julgavam vêr caracteres phenicios, outros hebraicos e ainda outros troyanos, egypcios, etc.

Nenhum dos autores estava com a verdade, porém a verdade estava com todos sob uma outra fórma.

A escripta não era nem phenicia, nem hebraica, nem oghamica, mas continha em germen, em origem, todos os systemas — era a antepassada, a geradora de todas as outras escriptas, e ainda hoje todos os alphabetos conservam alguma cousa de commum.

CAPITULO II

Analogia entre os caracteres prehistoricos do Brasil e a escripta de diversos povos antigos. — Considerações sobre a historia do alphabeto. — Inscripções prehistoricas e historicas do velho mundo. — O signario das nações do Mediterraneo no quinto millenio pre-christão. Ligação do signario com os caracteres prehistoricos do Brasil

Levantamos, portanto, a these de que os nossos grosseiros riscos de pedra e os caracteres da louça de Marajó, representam uma verdadeira escripta, antiquissima, universal, mãe de todos os systemas actualmente existentes.

A prova flagrante do que avançamos se encontra, principalmente, na analogia entre os caracteres dos rochedos do Brasil e os caracteres prehistoricos e historicos do velho mundo, analogia que se poderá verificar, não só pelas considerações que vamos fazer, mas sobretudo pelo quadro comparativo que estampamos no presente trabalho.

Do cotejo desses signos, resae, impõe-se a idéa da relação que existe entre elles.

Contra factos não pode haver argumentos.

A coincidencia do acaso, tambem, não póde ser invocada, pois são tantas as figuras que se repetem que tal hypothese deve ser posta á margem.

Para melhor esclarecer o assumpto, é preciso dizermos alguma cousa sobre a historia geral do alphabeto.

Até poucos annos, era uma noção corrente que o alphabeto tinha sido inventado pelos phenicios. Grandes commerciantes, navegadores audazes, elles teriam, para commodidade de suas transações com os differentes povos com que se achavam em contacto, creado caracteres especiaes para registro dos seus negocios.

Em 1859, o egyptologo francez E. Rougê, apresentou uma desenvolvida memoria á Academia de Inscripções, segundo a qual, o alphabeto phenicio. como de resto todos os outros alphabetos, teria sido derivado dos hieroglyphos egypcios. (19)

---

(19) Ver Edward Clodd, *Storia dell'Alfabeto*, traduzida do inglez para o italiano por G. Nobilli, Torino, 1903.

Vamos em duas palavras resumir aqui a historia da interpretação dos hieroglyphos: este systema de escripta tinha perdurado no Egypto mais ou menos até o 2.º seculo depois de Christo, cahindo então no esquecimento e perdendo-se a sua noção durante a media-idade. O povo passou a considerar toda essa serie de caracteres gravados e pintados nos monumentos, como motivos ornamentaes ou decorativos. O primeiro a consideral-os systema de escripta foi o sabio dinamarquez dr. Zoega. Durante a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egypto, os sabios que o acompanhavam descobriram em Roseta, na fóz do Nilo, um obelisco coberto de inscripções em caracteres gregos, demoticos e hieroglyphicos. Sendo transportado para a França, cahiu, em viagem, no poder dos inglezes e se acha hoje no Museu Britanico. Logo ao chegar á Inglaterra a tal inscripção de Roseta, como é

O autor para demonstrar o que affirma, entra em longas considerações e analysa e compara a escripta antiga do Egypto, do tempo de Ména, o fundador da primeira dynastia, com a escripta dos semitas, notando a semelhança dos caracteres.

Este conceito dominava o mundo scientifico quando o dr. Hommel procurou demonstrar que os inventores da escripta tinham sido os sumeres não semiticos, isto é, os acadianos, fundadores da cultura primitiva de Babylonia.

Portanto, o alphabeto não teria vindo das margens do Nilo, mas das inscripções cuneiformes, ou antes da escripta figurada dos sumeres. (20)

---

conhecida, foi o texto divulgado por Granville Penn. Em 1845, Salucy fez a analyse grammatical do texto demotico e finalmente, em 1851, Brugsch decifrou os hieroglyphos. Pode-se dizer que o texto grego foi a principal chave da interpretação.

Nessas descobertas notabilizaram-se muitos orientalistas e entre outros Belzon, Young e sobretudo Champollion, que escreveu uma grammatica.

Para maiores detalhes sobre o assumpto, consultar-se a obra de Clodd acima citada e mais a *Storia della scrittura*, de Rovinelli e o 1.° volume da Historia Universal de Cesar Cantu.

(20) A escripta dos antigos imperios da Assyria, de Babylonia, da Media e da Persia, era constituida de signos em forma de cunhas (dahi o nome cuneiforme dado ao systema). Em 1621, o viajante italiano, Pietro della Valle, visitou as ruinas importantes de Persepolis e teve a idéa de que as gravuras das pedras dos monumentos representavam uma escripta. Os naturaes do paiz diziam tratar-se de symbolos magicos, os quaes sendo comprehendidos e pronunciados devidamente em certos dias e horas, abriam a porta a meandros encantados, onde se encontrariam thesouros guardados por touros e leões phantasticos.

ESTAMPA IV



Especimens das gravuras da louça de Marajó. (Colhidos em diversas estampas do n.º 6 dos Archivos do Museu Nacional)

Por sua vez, Meyer levanta a hypothese de que a escripta phenicia é derivada da hieroglyphica hitita, que ainda não se acha decifrada e que, segundo suppõe Sayce, vem da syllabica chipriota. (21)

Vamos ver, agora, a grande tendencia que se estabeleceu entre os sabios para se procurarem noutros pontos as origens alphabeticas e como, nessa corrente de idéas, encontramos o élo que prende as inscripções do Brasil prehistorico ás inscripções tambem prehistoricas do velho mundo.

Evans, fazendo escavações no sul da ilha de Créta, encontrou restos ou vestigios dos primitivos habitantes ante-helenicos, os eteos-crétes.

Entre esses restos, figuravam vasos e outros objectos com inscripções. Nas ruinas do palacio real de Cnossa, viu tambem inscripções e desenhos feitos a tinta, em diversas paredes. Essas inscripções eram pictoricas e lineares. Da descoberta e do estudo que dellas fez, tirou a conclusão de ter havido em Creta uma

---

Em 1875, monsenhor Beauchamp, percorrendo os sitios onde se suppunha ter sido Babylonia, chamou a attenção dos eruditos para caracteres desconhecidos gravados em tijolos encontrados nas ruinas.

Botta, entre 1843 e 1845, descobriu o local verdadeiro onde se tinha elevado Babylonia. Publicou trabalhos sobre a decifração da escripta. O inglez Rawlinson, achou, em 1848, a chave da escripta cuneiforme, por intermedio de uma inscripção de trilingue de Dario, encontrada alguns annos antes, na rocha de Behistan. (Ver sobre o assumpto a obra de Clodd e o trabalho do dr. Hommel sobre Babylonia, trabalho que faz parte da Historia Universal de Onken.

(21) As opiniões de Mayer e Sayce são citadas no mesmo trabalho de Hommel.

civilização indigena e um intercambio activo entre a Grecia, o Egypto, a Syria e outras regiões, muito antes dos phenicios terem navegado no Mediterraneo e passado as Columnas de Hercules. (22)

Verificou-se, depois, que inscripções e caracteres prehistoricos identicos aos de Evans eram encontrados em diversos pontos da Europa, da Asia e da Africa. (23)

No proprio Egypto, Flinders Petri, Amilinau, Demorgan e outros, descobriram uma escripta anterior á hieroglyphica e da qual esta deveria ter se derivado e que pertencia a uma civilização minoana cretense.

O mesmo fundo de parentesco apresentam as inscripções dos vasos de Villa Nova, perto de Bolonha, as da gruta de Mas d'Azil, na base dos Pirineus, as dos *dolmens* e de outros monumentos megalithicos de França e sobretudo as inscripções dos antigos sumeres da Mesopotamia. (24)

---

(22) Clodd, obra já citada.

(23) Rovinelli, *Storia della scrittura.* Ver tambem a respeito: Sir Evans, *Données archeologiques nouvelles dans le Sudoeste et dans le berceau égeen.* Memoria publicada no numero 1 — 8 de Setembro de 1917 na "Revue Scientifique". Consultar ainda Glotz: *Civilisation Egeenne* — Paris, 1923.

(24) Uma ligeira descripção e copia dos caracteres de Villa Nova e de Mas d'Azil, encontram-se na pequena e interessante obra acima citada, de Rovinelli, e na memoria do professor Giuseppi Sergi, publicada na *Scienza per tutti* de 1.° de Janeiro de 1914. Sobre monumentos megalithicos de França, consulte-se o grande trabalho de Bertrand — *La Religion des Gaulois.* Ainda sobre as origens da escripta e sobre lithoglyphos da França, deve-se lêr um artigo de Courty em *La Revue,* de 1.° de Setembro de 1912. Pode-se verificar a semelhança dos caracteres prehistoricos da Europa com os sumerianos, no referido trabalho do dr. Hommel.

Flinders, (citado por Clodd) fala na existencia de um *signario* ou conjuncto de signaes, que existiu nas nações do Mediterraneo no quinto millenio pre-christão, que se ligava á civilização pelasgica, que teria vindo da Iberia e que fôra diffundido pelos phenicios nas ilhas do mar Egeu, no Egypto, na Asia Menor e na região dos hittitas.

A existencia desse *signario*, numa época remotissima, a sua propagação entre os povos desse tempo e a transformação do mesmo em caracteres alphabeticos, pelos phenicios, é um facto muito importante para as theorias que sustentamos, é meio caminho andado para a nossa explicação.

De facto, se o *signario* de que fala Flinders, se propagou em todo o Mediterraneo, se esse *signario*, que devia conter em si os elementos de uma verdadeira escripta primitiva, foi transformado em signaes alphabeticos, encontra-se explicada a relação que existia entre as diversas escriptas antigas. Portanto, o alphabeto grego não vinha dos phenicios, o dos phenicios não provinha dos egypcios, nem o destes se originava dos caracteres cuneiformes. Todos se derivavam do tal *signario*, o qual se filiava aos velhos caracteres prehistoricos de que acabamos de falar.

O artigo *Acadianos, da Enciclopedia Espasa*, muito ensina a respeito das civilizações prehistoricas de Babylonia e da Assyria.

Sobre as descobertas de Marques de Vogué, consultar a sua obra monumental: *Inscriptions Semitiques*, obra hoje muito rara.

ESTAMPA V

Quadro comparativo entre os signos do Brasil prehistorico e caracteres do mundo antigo

Brasil prehistorico	Caracteres Sabeanos	Caracteres megalithicos	Signos de Creta e affins	Signos da Etruria	Signos do Egypto prehistorico	Signos sumerianos	Signos berberes	Alphabeto Grego Primitivo	Alphabeto Phenicio	Alphabeto Hebraico primitivo	Alphabeto Iberico primitivo
Λ V λ	Λ V	Λ V	1 V	/ 7	ʎ	V V	Λ	Λ	1 7	1 1	V
Λ Λ V	Λ Λ V	Λ Λ V	V Λ	V Λ	X	V		Ǝ	N N	N	Ǝ
⋒ ∩ U	⋒ ∩ U	∩ ⋒		m	∩		U		M		∩
Ψ I Ψ	+ Ψ	✗ √	\	Ψ	⚓			W	Ч	Ч	
||| ≡	||| ≡	||| ≡				≡ =	||||				
+ X ✗	+ X	+ X ⁞	X X +	+ X	+	+	+ X		Ч +	+ X	+ X
8 4 8	8	8 8	8 ⋈	8 ⋈		⋈ 8	8 ⋈ X	4	A 4	9	◁ ▷
T T T	T λ	T T I		T T	T			T			T
Δ ∇	Δ		Δ Δ	◇	Δ Δ	Δ 9 Δ		◁ Δ	Δ	Δ	D
ϟ ϟ ϟ	ϟ ϟ ξ	ȝ S	7 ~	7			ξ	ϟ ϟ	ϟ ϟ	ϟ	ϟ
E E Ш	E E	E	E	E		m		E			E
H H I	H H Ш	H	H H B	B B 9	B	H	H ▭	B		B ∞ I	B H
⊞ ⊞	‡ B	#	# ⊞	⊞	⊞ #	⊞ ⊞		⊞			⊞

ESTAMPA V-A

Continuação do quadro comparativo

Brasil pre-historico	Signos sabeanos	Signos megalithicos	Signos de Creta	Signos da Etruria	Signos do Egypto pre-historico	Signos sumerianos	Signos berberes	Alphabeto Grego primitivo	Alphabeto phenicio	Alphabeto hebraico primitivo	Alphabeto iberico

Agora vamos ver que esses caracteres prehistoricos do velho mundo, por sua vez, tambem se filiavam aos caracteres das duas Americas: são encontrados especimens identicos ou muito analogos, nos Estados Unidos, nas ruinas do Mexico e nas ruinas incaicas do Perú e da Bolivia, nas ruinas de Catamarca na Republica Argentina, e sobretudo e especialmente na louça de Marajó e nos riscos dos rochedos do Brasil.

Tudo quanto dizemos pode ser verificado no quadro das analogias de inscripções, quadro que estampamos no presente trabalho e que foi organizado por nós. (25)

Portanto, as inscripções prehistoricas da Gallia (comprehendendo as inscripções dos *dolmens* e das grutas de França), as inscripções de Etruria, de Creta, e mais do que todas, as inscripções sabeanas do marquez de Vogué, (26) formam o élo, que de um lado se prende aos signos e alphabetos antigos, taes como o phenicio, o grego primitivo e o hebreu archaico, e de outro lado se filiam aos caracteres americanos e especialmente aos caracteres do Brasil.

---

(25) Não cabendo dentro dos limites desta obra dar uma noticia minuciosa sobre as inscripções prehistoricas de diversos pontos da America, enviamos o leitor ás obras do dr. Alfredo de Carvalho, *Prehistoria Sul-Americana* e ainda mais a Cronau, *America;* Alexandre de Humboldt, *Quadros na Natureza* e Verrier, *Etudes Ethnographiques.*

(26) Marquez de Vogué, *Inscriptions Semitiques.* Paris, 1868-1877. Não nos cansamos em elogiar esse importante trabalho. Seu illustre autor divide-o em duas partes: *inscripções arameanas e inscripções sabeanas.* As primeiras constam, na maior parte, de inscripções Palmyrianas colhi-

Nas mesmas condições se acham os signos berberes, o alphabeto iberico e os rupestres das Canarias. Nestes ultimos, o dr. Verneau, citado por Flammand, (27) encontrou circulos, ellypses, cruzes circuladas, crescentes, linhas serpenteantes, espiraes, circulos concentricos etc. — signos estes identicos aos do Brasil.

Do quadro acima, verifica-se que em 75 signos do Brasil prehistorico se encontra a seguinte relação em signos do velho mundo:

Caracteres sabeanos: identicos, 40; semelhantes, 8.

Caracteres de Creta: identicos, 15; semelhantes, 19.

Caracteres megalithicos: identicos, 23; semelhantes, 19.

---

das nas ruinas dessa cidade. Representam uma escripta mais ou menos identica ao systema hebraico quadrado. Trata tambem de textos nabatheanos, os quaes constituem um ponto de ligação entre os palmyrianos e os sabeanos. Estes ultimos formam a segunda parte da obra — são inscripções encontradas aos milharès nos desertos da Syria Central, em monumentos denominados Ridjims, feitos de montões de pedras brutas. As inscripções são gravadas nas pedras. O Marquez de Vogué, que interpretou as de Palmyra e alguns textos nabatheanos, declara, conscienciosamente, que não lhe foi possivel decifrar as inscripções sabeanas. Baseando-se na opinião de Wetzstein, elle dá uma origem relativamente recente, remonta ao 2.º seculo antes de Christo. Diz serem devidas a tribus sabeanas que são originarias da Arabia. Em nosso humilde modo de ver, taes inscripções pertencem a uma alta antiguidade, pois, conforme pode-se ver no nosso quadro analogico, ha muita identidade com os signos antigos da Europa. Outros autores que della se occuparam, notaram a semelhança com o alphabeto ethiope — hymiarita, portanto, com as inscripções rupestres berberes ou caracteres *tiffinares* do norte d'Africa. O Marquez de Vogué publica num *infolium*, trinta e sete estampas de gravuras.

(27) Flammand, *Les Pierres Écrites*. Paris, 1921.

ESTAMPA VI

Alguns alphabetos antigos

ALPHABETO GREGO PRIMITIVO	TITULOS DAS LETRAS	ALPHABETO PHENICIO	ALPHABETO HEBRAICO PRIMITIVO	TITULOS DAS LETRAS	ALPHABETO PALMYRIANO
	alpha			Aleph	
	bêta			Beth	
	gamma			Jimel	
	delta			Daleth	
	epsilon			He	
	zeta			Zain	
	eta			Heth	
	theta			Thet	
	iota			Yod	
	Kappa			Caph	
	lambda			Lamed	
	mu			Mem	
	nu			Nun	
	ksi			Samech	
	omicron			Ain	
	pi			Pe	
	rho			Resch	
	sigma			Shin	
	tau			Tau	
	upisilon			Vau	

Caracteres etruscos: identicos, 11; semelhantes, 19.

Caracteres prehistoricos do Egypto: identicos, 10; semelhantes, 6.

Caracteres berberes: identicos, 8; semelhantes, 3.

Caracteres alphabeticos gregos: identicos, 14; semelhantes, 3.

Caracteres alphabeticos phenicios: identicos, 10; semelhantes, 9.

Caracteres alphabeticos hebraicos: identicos, 6; semelhantes, 9.

Caracteres sumerianos: identicos, 12; semelhantes, 6.

Caracteres alphabeticos ibericos: identicos, 16, semelhantes, 9.

Encontram-se, ainda, caracteres identicos e analogos, em menor proporção, é verdade, nos alphabeticos punico, grego-cadmeu, jonico, eolo-dorico, arameu, samaritano, sidonio, sinaitico e até na escripta *oghamica* da Irlanda e nas *runas* da Escandinavia.

Conclue-se de tudo isso que havia, primitivamente, uma escripta prehistorica que se estendia da America á Europa, norte da Africa e confins da Asia; escripta representada pelo *signario* a que nos referimos acima, o qual não se limitava somente ás nações do Mediterraneo, mas abrangia todo o mundo antigo. Conclue-se, mais, sem grande esforço de imaginação, que todos os signos que acabamos de representar, eram elementos do *signario*, elementos que foram sendo selecionados e mo-

dificados, á medida que os alphabeticos iam se constituindo com o evolver dos annos.

Devido a causas que explicaremos mais adeante, em algumas regiões esses signos ficaram estacionarios e não foram continuados pelos povos que succederam e que retrogradaram, tal como aconteceu entre outros aos do Brasil, não passando os signos de caracteres mnemonicos, ideographicos ou, quando muito, esboçando-se a phase phonetica. No velho continente, muitos evoluiram e chegaram a representar sons, syllabas, e letras. Formaram pois, repetimos, os diversos alphabetos dos diversos paizes, alphabetos que se desenvolveram e se tornaram independentes, modificando-se e transformando-se á medida que se affastavam do tronco commum, conservando todos entre si, até os nossos dias, alguns traços de parentesco ou mesmo caracteres intactos.

Portanto, fica justificada a nossa these de que *os signos prehistoricos do Brasil são os restos de uma escripta antiquissima e universal, mãe de todos os systemas actualmente existentes.*

As origens dessa escripta perdem-se nas trevas da prehistoria, acham-se no mundo anterior aos cataclysmas cosmicos, nas civilizações desapparecidas: no mundo mythico e lendario dos deuses e dos tempos epicos, dos heróes; nas éras fabulosas dos genios, das fadas, e dos dragões. E nisso repousa a affirmativa de escriptores antigos, "que a escripta era obra dos deuses, os quaes a haviam ensinado aos homens". E de facto, nos pro-

prios vocabulos *hieroglypho* e *hieratico*, se encontra a significação de caracteres de divindade.

Nas lendas da Babylonia, foi Oanès — um deus sahido das aguas do Eufrates, que instruiu a humanidade a escrever.

A Biblia, ao nos falar pela primeira vez em caracteres escriptos, relata o facto de Jehovah, entre as sarças ardentes do Sinai, gravar com o dêdo nas duas taboas de pedra que entregou a Moysés, os dez mandamentos da sua divina lei.

Ainda hoje, os descendentes dos nossos indigenas, quando se lhes pergunta quem foram os autores dos letreiros e dos signos encontrados em rochedos, respondem, com um temor supersticioso, que foram os seus deuses, que foram seres antiquissimos, beneficos ou maleficos, todos divinos, que habitaram ou passaram pelas suas terras em uma época muito remota.

Deante dessas identidade e analogia, parece que a interpretação da nossa escripta prehistorica se torna muito facil. Effectivamente, se um dado signo do Brasil é igual a um outro do velho continente e se esse outro é por sua vez igual a uma letra de qualquer alphabeto antigo, historico, segue-se que este ultimo servirá de chave.

Na realidade, porém, o facto não é tão simples como se poderia suppor. O signo que hoje representa um som, uma letra, pode ter representado nas idades primevas da humanidade, uma syllaba, uma palavra, uma idéa, uma narrativa, uma historia.

Será portanto, neste ultimo caso, um méro auxiliador da memoria, apenas um signo evocador desse facto, dessa narrativa, dessa historia conhecida em todos os seus detalhes, e transmittida de geração em geração.

Depois, é preciso attender-se ao longo periodo de seculos decorridos entre os tempos prehistoricos e os tempos actuaes.

Tudo muda, tudo se transforma com o perpassar das éras.

Tal signo que não tenha evoluido graphicamente, que tenha estacionado em sua fórma, terá no entanto, ao escopro dos annos, variado em sua significação, de época em época, de paiz em paiz e até de tribu em tribu.

Como quer que seja, a noção da analogia, e por conseguinte a noção de uma origem commum, já é uma ponta que apprehendemos da meada. Será o nosso primeiro e um dos melhores guias nas veredas cheias de encruzilhadas por onde vamos nos embrenhar.

CAPITULO III

O contacto do Brasil prehistorico com o velho mundo. — A Atlantida e os cataclysmas cosmicos. — Narrativa de Platão. — Idéas de outros autores sobre a Atlantida e o diluvio. — Possibilidade de uma outra conformação da terra antes dos cataclysmas. — Ponto de vista do autor sobre o local da Atlantida. — Conformação geographica do Brasil antigo. — Considerações sobre uma ligação immediata do continente americano com o velho continente

O que acabamos de expor nos capitulos antecedentes nos leva, forçosamente, a admittir que, primitivamente, existia um intercambio de idéas entre a America e o velho continente, intercambio activo, intenso e directo.

Havia um contacto continúo, um modo de pensar e agir identico, uma similitude em todos os actos. Parecia que toda a familia humana se communicava com facilidade.

Ora, tal communicação só pode ser explicada pela não existencia da distancia entre os dois continentes, e um conceito, assim tão audacioso, por sua vez, só pode tambem ser explicado por outro conceito não menos temerario — o de uma diversa conformação do globo terrestre em éras primitivas.

Cae-se, assim, na velha questão, hoje resuscitada, do continente Atlantida, desapparecido por um ou diversos cataclysmas cosmicos. (28).

Ultimamente, tem-se muito escripto sobre a Atlantida, e o assumpto já se tornou por demais conhecido. Mas como elle se liga de perto ao nosso trabalho, e como a nossa opinião a respeito diverge um pouco dos outros autores, vamos fazer um resumo do que se tem dito e manifestar o nosso modo de encarar a questão .

Fala-se na Atlantida desde os tempos de Platão. D'ella se occuparam ainda Theopompo, Diodoro da Sicilia, Estrabão, e outros autores da antiguidade.

Nos tempos actuaes, entre os livros apparecidos a respeito deste magno assumpto, que aborda problemas transcendentaes de prehistoria, cosmologia, cosmogonia, paleontologia e paleographia, destacam-se os do abbade Moreux, Gatefosse, Manzi, Devigne, Amato, Scott-Elliot e Perrone.

Em 1929, fundou-se em Paris uma sociedade sabia de naturalistas, astronomos e archeologos, com o fim exclusivo de estudar a questão.

Aqui no Brasil, além das obras — *Atlantida* — de Domingos Jaguaribe; — *Aquem da Atlantida,* de Gustavo Barroso; — *Lemuria e Atlantida,* de Rachel Prado, tem sido publicada, em revistas e jornaes, uma infini-

---

(28) Segundo as idéas de Scott-Elliot, (autor theosophista) os habitantes da Atlantida tinham meios rapidos de viagem aerea. Existiriam apparelhos mais ou menos iden-

dade de memorias e artigos tambem sobre o mesmo assumpto. (29).

A narrativa de Platão, a mais antiga de todas, serviu de base a descripções posteriores e abriu as portas á phantasia e a proveitosas investigações scientificas.

Esse autor, em seus *Dialogos Socraticos*, conta que Critias relatou a Socrates o que o legislador Solon ouvira dos sacerdotes egypcios da cidade Sais.

Segundo o relato, teria existido, além das Columnas de Hercules (estreito de Gibraltar), uma grande ilha, maior do que a Asia e a Lybia (Africa) reunidas.

Dessa ilha se podia passar a outras e dessas ultimas ao continente, que ficava em frente ao oceano verdadeiro.

"Nessa Atlantida reinava principes de uma força formidavel que estendiam o seu poder pelas outras ilhas e pela maior parte do continente".

Em seguida, Platão faz a descripção da ilha e discorre sobre os costumes dos atlantes, os quaes descendiam do rei Atlas, filho de deus Neptuno e da mortal

---

ticos aos nossos aeroplanos, que estabeleciam a communicação entre os pontos os mais afastados. O conhecimento que Scott tem desse facto lhe vem por meio da *revelação*, e se não nos abalançamos a discutil-o, preferimos não invocal-o.

(29) Entre as memorias de valor, convem citar a de Eneas Martins Filho, *O Lendario Imperio Americano dos reis de Israel*, publicada na revista "Sul America", de Abril de 1932. Eneas Martins, em seu trabalho cita as memorias de D. Maria Ribeiro de Almeida e de D. Basto Cordeiro.

Clito. A ilha era cercada de muralhas, as quaes cingiam tres circuitos — a muralha exterior era revestida de bronze e as do interior de estanho. Dentro viam-se templos e palacios decorados de ouro e prata. O palacio real ficava no meio da cidadela, no ponto onde tinha sido a residencia de Neptuno. Nessa habitação, as paredes eram revestidas de *oricalca* — um metal prehistorico da côr resplandecente do fogo. Em torno a cidade, havia uma planicie cheia de pomares e pontilhada de burgos ricos e povoados. Havia mais na ilha portos, canaes, rios, pontes, lagos, prados e campos cultivados. Nas florestas se encontravam madeiras preciosas e animaes selvagens de varias especies. Sob o ponto de vista politico, o paiz era dividido em cantões governados por chefes, os quaes, com os magistrados, destribuiam justiça, de accordo com as leis que se achavam gravadas pelos antigos chefes atlantas numa columna de *oricalca*, erigida no meio da ilha.

Os atlantas foram bons e sinceros durante muitos seculos — eram moderados, prudentes, adoravam os deuses de seus paes, estimavam a virtude e não conheciam a avareza nem o orgulho. Mas, com o correr dos annos, perverteram-se, corromperam os seus costumes, tornaram-se ambiciosos e levaram a guerra aos outros povos seus vizinhos, chegando até a invadir a Grecia e o Egypto. Deante disso, a Divindade resolveu punil-os. "Então, após um terrivel tremor de terra junto a um diluvio provocado por uma chuva torrencial de um dia

e uma noite, a terra se abriu e a Atlantida desappareceu num vasto abysmo".

Sobre a veracidade desses factos, citamos aqui as palavras que Platão attribue a Socrates, ao ter Critias terminado a historia do continente lendario: "É importante que se olhe o que acabas de dizer não como uma fabula inventada por nós, mas, como uma historia verdadeira". (30)

Escriptores mais ou menos phantasiosos, têm collocado a Atlantida em diversas partes do globo: uns a situaram no Mediterraneo, outros no oceanno Indico, uns terceiros a imaginavam no deserto de Gobi e mais outros no norte da Africa. A maioria, porém, é a daquelles que pensam, como o proprio nome indica, ter a Atlantida existido no oceano Atlantico, aliás como já o havia dito Platão.

Ainda aqui, uns dizem que o mar de sargaços é o ponto exacto onde ella se erguia, (31) outros acham que foi na zona oceanica, onde se encontram as ilhas do Cabo Verde, as Canarias e os Açores; ainda outros a situam na propria America, e mais outros, como os

---

(30) Quem desejar conhecer a narrativa de Platão, pode encontral-a na obra de Gattefosse — *La verité sur l'Atlantide*. O autor deste trabalho transcreve a tradução do abbade Jabilois, que elle acha uma das melhores. Na parte da localização, prefere, no entanto, a tradução de Negri.

(31) A parte do Atlantico denominada *mar de sargaços*, contem tamanha quantidade dessas plantas marinhas, que chega difficultar a navegação. Os aviadores notaram, recentemente, que essa região é sujeita a cyclones e temporaes nas camadas atmosphericas.

theosophistas, descrevem o continente se estendendo, como uma ponte, em toda a largura do Atlantico. (32).

Sobre as causas do desapparecimento da Atlantida, fervilham as hypotheses: a mythologia já as explicava pela fabula de Pháeton, o filho de Apollo, que, querendo guiar o carro do pae, desgovernou-se e rolando das alturas provocou um abalo e um incendio na terra.

Adhemar e outros nos falam de cataclysmas periodicos que se succedem de dez em dez mil annos e que se acham ligados ao phenomeno da precessão do equinoccio e á obliquidade da eclyptica.

No que diz a respeito á época desses cataclysmas, ha ainda uma grande descordancia: Platão marcava oito mil annos e modernamente os theosophistas assignalam para o primeiro as cifras formidaveis de novecentos mil anos e para o ultimo, que subverteu o resto da Atlantida, oitenta mil annos. Deste amontoados de idéas e de factos conclue-se, porém, que a Atlantida existiu.

Provam-na, tambem, as outras recitações e lendas antigas. Referem-se a cataclysmas e convulsões da terra quasi todos os povos: na Grecia as lendas conservavam a lembrança do diluvio de Deucalião; a Biblia se occupa do diluvio do tempo de Noé e na Samosthracia a tradição recordava um transbordamento dos mares que teria devastado cidades e campos. Na America, diversas tribus guardam reminiscencias desse cataclysma e os indios do Brasil, do tempo da descoberta, falavam de um diluvio que cobrira d'agua toda a terra, tendo apenas

(32) Vêr *l'Atlantide,* de Scott-Elliot.

ESTAMPA VII



Inscripções da serra do Capaboba-Parahiba. (Extr. do Dialogo das grandesas do Brasil)

se salvado com a mulher e os filhos um certo indio chamado Tamandaré, que se refugiram todos na copa de uma palmeira.

Mais alto do que as lendas e comprovando estas, falam em favor da Atlantida os estudos de oceanographia — as sondagens feitas no Atlantico pela fragata *Challenger* e outras, os estudos da geologia, da botanica, da zoologia, e da anthropologia.

A configuração accidentada do fundo do oceano e os especimens de diverdas rochas ahí encontradas, revelam que grandes convulsões se produziam em épocas passadas, determinando afundamentos e levantamentos de terras.

O abbade Moreux, tratando dessas sondagens do oceano, descreve uma grande rugosidade formando um planalto de largura variavel, que se estende em forma de *S* de norte a sul pelo meio do Atlantico, mais ou menos a igual distancia do velho e do novo continente. (33)

---

(33) Abb. Moreux — *L'Atlantide a t'elle existé?* é um trabalho de valor. Encara a questão sob o ponto de vista scientifico, principalmente no que diz respeito á astronomia e geologia. Occupa-se da famosa expedição da *Challenger*. Sobre os trabalhos dessa fragata, o leitor encontrará uma descripção minuciosa na *Revue Scientifique*, pg. 151, 2.° semestre de 1878.

Em sua monographia sobre a ilha de Fernando de Noronha, o sabio americano J. Branner fala tambem nessa expedição que estendeu os seus trabalhos e investigações até as costas do Brasil em 1873. "A gente da Challenger, diz Branner, procederia a investigações minuciosas se o permittissem os officiaes brasileiros que tinham a seu cargo aquella ilha, mas era tal o cuidado que empregavam elles na

Essa rugosidade parece ter sido a cicatriz de uma grande fenda, de uma grande fractura da crosta terrestre. Como uma bola de argila humida que exposta ao sol reseca e se racha em diversas partes da superficie, assim o nosso globo terrestre, pelo resfriamento, através das idades, vae se fendendo aqui e ali, produzindo-se enormes sulcos que os geologos francezes denominam *plissements*. São essas fendas, essas fracturas que produzem os cataclysmas cosmicos (34) e que em diversas épocas da terra lhe têm alterado a conformação; aqui cavando mares onde eram terras, ali fazendo surgir terras onde eram mares; mais adeante transformando montanhas em valles e valles em serranias.

Todas essas vicissitudes que têm pesado sobre o nosso planeta, fragmentando-lhe a crosta, podem tambem ter afastado continentes e ter interposto entre elles oceanos e centenas de leguas, podem ter approximado regiões que dantes se achavam afastadas, modificando climas, transformando a temperatura de zonas torridas em zonas frigidas, transformando mares em areas, terras aridas em terras ferteis, banhados e pantanos em planicies e planaltos seccos.

---

vigilancia dos sentenciados e tão falso foi o ponto de vista sobre o qual encararam o objectivo dessas investigações, que, infelizmente, foi retirada a licença para isso concedida".

(34) A explicação se torna muito facil, muito racional: se uma dessas fendas se produz no fundo do mar, as aguas chegando ao contacto da massa ignea transformam-se em vapores, decompõem-se em gazes, augmentam de volume, augmentam de tensão interna e dahi a explosão, a dilatação da fenda, o afastamento dos bordos, com fracasso e com destruição das partes circumvizinhas.

Sabe-se que na Europa, no periodo que os geologos denominam *glacial,* todo o norte foi transformado n'uma enorme geleira, tendo havido a emigração de povos e animaes, parecendo mesmo que dentro desse periodo houve uma época em que as condições climaticas se tornaram incompativeis com a vida. (35)

O deserto de Sahara, conforme a opinião de muitos geologos, era um grande mar que se communicava com o Mediterraneo, e segundo outros, era um grande lago, o lago Tritão, do qual Herodoto ainda nos fala, se bem que, em seu tempo, já reduzido a infimas dimensões. (36) Bem pode ser que o mar se tivesse transformado em lago e o lago, desapparecendo, deixasse em seu logar o areal.

Alguns autores, baseando-se na similitude dos nomes e na similitude climatica do Estado do Ceará no Brasil, com o deserto do Sahara, na Africa, já levantaram a idéa de uma ligação immediata, em tempos prehistoricos, desses pontos tão distantemente afastados agora. Realmente, a semelhança dos vocabulos, na graphia e na pronuncia, é notoria, e quanto ás condições physicas, pela natureza silicosa do terreno e pela secura do meio ambiente e consequente raridade das chuvas — as catingas

---

(35) Nessa época, as regiões do norte, vizinhas do polo, gozavam de um clima deliciosa e os mythos e as lendas antigas localizavam ali os "Campos Eliseos" — lugar da felicidade.

(36) Herodoto — *Historia,* livro IV. Ver tambem *La Mer Interieure du Sahara, La Revue Scientifique,* 28 de Outubro de 1876.

do nosso Estado nortista offerecem alguns pontos de commum com o deserto africano. (37)

Esses factos vêm robustecer a idéa dos que pensam ter a terra, primitivamente, formado um só bloco, um só corpo homogeneo, inteiro, fraccionando-se após uma serie de cataclysmas que se estendeu por um periodo de milhares de annos. (38)

Á frente da theoria que a terra formava um bloco cercado pelo mar, se acha o sabio austriaco Wegener. De accordo com a opinião desse autor, no periodo pre-cambriano os continentes actuaes formavam um só continente — o *Pangeas* — que foi pouco a pouco se dividindo. No principio da edade cretacea, a parte occidental do *Pangeas* separou-se da parte oriental, e fluctuando pelo mar e afastando-se cada vez mais para o occidente, foi formar a America. (39)

Assim, o novo continente faria parte integrante do antigo e as duas Americas estariam unidas á Europa e a Africa. (40)

---

(37) A palavra *sertão*, com que se designa mais vulgarmente a zona de catinga, é uma corruptela do vocabulo desertão.

(38) A idéa da homogeneidade da terra já era professada pelos antigos babylonios. Estes traçaram em argilla, um mappa mundi, no qual a terra affectava a forma de um disco cercado pelo mar. Esta nota encontramos no artigo Babylonia, da Enciclopedia Espasa, cujo artigo diz achar-se o tal disco, actualmente no Museu Britanico.

(39) Wegener, *Die Entstehung der Kontinente und Ozeane.*

(40) O autor Montressus (citado pelo dr. Jaguaribe, em sua obra *Brasil Antigo*), fala na existencia do continente

Em uma primeira prova, basta lançar-se um rapido volver de olhos sobre um planispherio terrestre para se notar que pela conformação das costas atlanticas brasileira e africana, ha muita probabilidade nas affirmativas acima enunciadas.

Parece, realmente, que a parte brasileira comprehendida entre o delta do Parnahyba até a entrada da bahia de Todos os Santos, no Estado da Bahia, esteve encaixada na grande curva africana do golpho da Guiné, tendo a pós uma raptura, um afastamento de perto de 50 graus e ao mesmo tempo um outro afastamento de 4 a 5 graus no sentido norte sul.

Esta theoria pode ser considerada uma heresia scientifica, mas apenas na hypothese de negar-se a outra grande theoria, a dos cataclysmas cosmicos. Acceitando-se esta podemos argumentar: se as forças da natureza podem subverter em dias, horas ou minutos, um continente do tamanho da Asia e da Europa juntos, porque essas mesmas forças não seriam capazes de fender a crosta terestre do norte a sul e afastar os bordos um do outro centenas de leguas?

Mas vamos pedir á propria geologia a apoio para as idéas que perfilhamos.

Segundo Henri Guéde (41), na éra primitiva houve a formação do continente paleartico, que se estendia da America á Asia e do qual são restos hoje a Laponia, a Finlandia, o Spitzberg e mais outras terras.

Africano-Brasileiro. Segundo o mappa deses autor, o norte da America estaria ligado á Europa e o sul á Africa.

(41) Henri Guéde — *Les Continents disparus.*

Esse continente era limitado ao sul por uma cadeia de montanhas denominada pelos geologos *cadeia huroniana.*

No começo desse periodo, o Brasil se achava submerso por um oceano que cobria a Africa e a Oceania; no fim produziram-se novos *plissements* e appareceram novas terras ao sul desse continente paleartico. Na Europa essas terras descem até as ribas actuaes do Mediterraneo e se unem á Siberia e formam um continente unico — a *Eurasia.*

No hemispherio autral, um continente apparece de leste a oeste, desde a costa oriental da America do Sul, até a Nova Zelandia, comprehendendo o Brasil, o sul da Africa, a India e a Australia. Esse continente era separado do continente norte por um vasto mar mediterraneo — o mediterraneo triasico — o qual vindo do Pacifico cobria a China, o Hymalaia, o Ural, a Russia, os Alpes Meridionaes, o norte da Africa e ia, a oeste, separar as duas Americas.

No periodo jurasico, ainda na época secundaria, os continentes mais importantes concentravam-se no hemispherio austral. A Europa formava um archipelago banhado pelo mediterraneo triasico. Continúa a existir no hemispherio sul um continente *brasilo-ethiopico,* que se estendia pela America Meridional, o Atlantico austral e a maior parte da Africa e da Arabia. Entre esses continentes, o Mediterraneo triasico (do qual o actual fazia parte) separava as terras arcticas das terras austares e banhava o archipelago europeu. A Asia Menor

se achava submersa. A leste do Caspio, existia a grande ilha de Turan, formada pelo Turquestão, o Pamir e as regiões dos Kerghisses. O fim da éra secundaria é assignalado por uma invasão marinha: os mares das regiões equatoriaes se dirigem para os polos e cavam o Atlantico por um enlarguecimento do mediterraneo estendido entre o continente austral e as terras boreaes.

O mar, agora, cobre grande parte da Europa, inclusive a França, a Hespanha e a Europa. Na America, cobre os Estados Unidos e a America Meridional. Durante a éra terciaria o aspecto da superficie da terra se encaminhava para o estado actual. Em um primeiro esforço, os continentes procuram adquirir as dimensões e os relêvos que apresentam hoje. A Europa torna-se terra firme: a época miocena é caracterizada pela formação de novas terras indo de Marrocos á Indo-China e fechando a communicação entre o Atlantico e o Mediterraneo. Em seguida a esse esforço produzem-se afundamentos que cavam fossas no Mediterraneo, abrindo ao norte e ao sul o Atlantico.

Do acima exposto conclue-se que primitivamente existiam dois continentes: o do norte e o do sul, separados pelo mediterraneo triasico e que haveria terras de permeio ligando a America do Norte á Europa e a do Sul á Africa, terras essas que formavam a Atlantida do Norte e a Atlantida do Sul e que, desapparecendo, teriam dado lugar á fóssa do Atlantico.

Segundo Guéde e os geologos do seu grupo, as forças cosmicas que provocaram os cataclysmas, teriam

provocado afundamentos e emersões. Outros, porém, como Laparent e Negri (42) nos falam em movimentos lateraes da crosta terrestre e, apegando-nos a estas ultimas idéas, achamos uma explicação para o problema do afastamento das duas partes resultantes da fractura do continente afro-americano.

Houve, portanto, uma ruptura de norte a sul da crosta terrestre — essa ruptura partiu ao meio o mediterraneo triasico, e absorveu-lhe grande parte das aguas as quaes se precipitando nos abysmos cavados e chegando em contacto da materia ignea central, transformaram-se em massas enormes de vapores que, cada vez se dilatando mais pelo calor, afastaram as duas Americas da Europa e da Africa, determinando ao mesmo tempo no primeiro desses continentes uma impulsão de norte a sul, de modo que a America Meridional ficou mais alguns graus ao sul do velho continente e deste separado por toda a largura do Atlantico. A região onde possivelmente medravam as civilizações da Atlantida, deveria ficar no meio do continente Afro-Brasilico, mais ou menos na linha de fractura do globo, de modo que a maior parte desappareceu por occasião do cataclysma.

Este nosso modo de encarar a questão é todo proprio, baseando-nos, no entanto, nas idéas de Montreus e nas de outros autores que acima citamos; é uma adaptação, uma conclusão, uma selecção e combinação de theorias diversas. Si se trata portanto, de uma heresia

---

(42) Laparent, *Le Globe Terrestre.*
Negri, *Sur le dystrophisme terrestre.*

ou aberração scientifica, os germens isolados foram colhidos em seáras cultivadas por homens de valor.

Tal systhematização dá ganho de causa ao facto de alguns raros autores, baseados no relêvo da terra, terem pensado que esta formou um bloco unico.

Por sua vez, a idéa da união immediata da America ao velho continente explica a approximação da familia humana, approximação que, nessas idades primevas, dadas as condições precarias de transportes maritimos ou terrestres, se tornaria impossivel, quer a extensão que medeia entre os dois continentes fôsse preenchida, como hoje é, pelas aguas do Atlantico, quer nella existisse o problematico continente desapparecido. Reconstituindo o mundo antigo, reconstituindo somente a parte que nos interessa, em seus traços geraes, teremos a seguinte synthese geographica: a porção mais saliente do nordeste brasileiro se acha encravada na parte reintrante da Africa, na vasta curva do golpho da Guiné.

O actual deserto de Sahara é um vasto mar, uma continuação do Mediterraneo, extendendo-se ao Sul mais ou menos até o Congo, cobrindo todo o Sudan. A oeste, esse mar penetra nas terras do Brasil formando golphos, bahias e pequenos mares interiores que se prolongam pelo coração do nosso paiz, nos lugares onde hoje se estendem as zonas da catinga. Esses pequenos mediterraneos, esses golphos e essas bahias são povoadas de ilhas mais ou menos extensas e de pontas ou cabos que são prolongamentos da terra firme.

A bacia do Amazonas faria tambem parte desse mediterraneo, prolongamento do mar sahariano, dila-

tando-se até o Pacifico, não havendo ainda surgido as Cordilheiras dos Andes.

As Guyanas, a Venezuela, a Colombia, o Equador e uma parte do territorio brasileiro, ao norte do rio Amazonas, formariam uma grande ilha, visto como um outro ramo do mediterraneo triasico, prolongando-se pelo actual das Antilhas, cobria o isthmo de Panamá, communicava-se tambem com o Pacifico e separava as duas Americas. Esse mar recortava-se pelo interior da Venezuela cobrindo as vastas planicies dos *lhanos* ou paramos dessa nação.

O mar que cobria a bacia do Amazonas era pontilhado de ilhas, das quaes, uma das mais importantes, comprehendia a actual ilha de Marajó, que nesse tempo devia se estender para leste.

Hartt e Orville Derby affirmavam que o valle do Amazonas, ao principio, appareceu como um largo canal entre duas ilhas ou grupo de ilhas, das quaes uma constituia a base, o nucleo do planalto brasileiro e a outra, ao norte, o planalto da Guyana. Estas ilhas appareceram no principio da idade siluriana ou pouco antes della. Os Andes surgiram depois dessa idade e transformaram o canal (cujas duas extremidades, a do Pacifico e a do Atlantico, constituiam dois golphos) numa bacia com sahidas ao norte e ao sul. "Todo o continente foi depois deprimido de modo tal que as aguas cobriam amplamente os planaltos das Guyanas e do Brasil. Quando o continente surgiu outra vez sobre as aguas, primeiramente levantaram-se os planaltos; e o valle do Amazonas tornou-se um mediterraneo commu-

nicando a leste com o Atlantico por um apertado canal". (43)

Os sertões do nordeste, occupados pelos prolongamentos do mediterraneo, eram tambem ricos em ilhas — o municipio de Cimbres, no interior de Pernambuco, Sant'Anna do Ipanema e Viçosa, em Alagôas, deveriam tambem ter sido terras emersas do mediterraneo triasico, onde floresceram civilizações, como justificam os restos ainda hoje encontrados de estações prehistoricas.

Nas mesmas condições se encontram todos os outros pontos do Brasil onde são encontrados vestigios identicos.

O continente brasileiro avançaria no continente africano até mais ou menos o 10° meridiano. Mas para o oriente, o mar sahariano se estenderia até o mar Vermelho e ao sul cobria a Arabia Petrea, communicando-se amplamente com o oceano Indico, recortando pontos taes como o Egypto, parte da Nubia e parte da Arabia, isolando ilhas que ainda hoje são representadas por *oasis*, em alguns dos quaes se encontram restos de estações prehistoricas, como as regiões onde Pierre Benoit colloca a sua Atlantida.

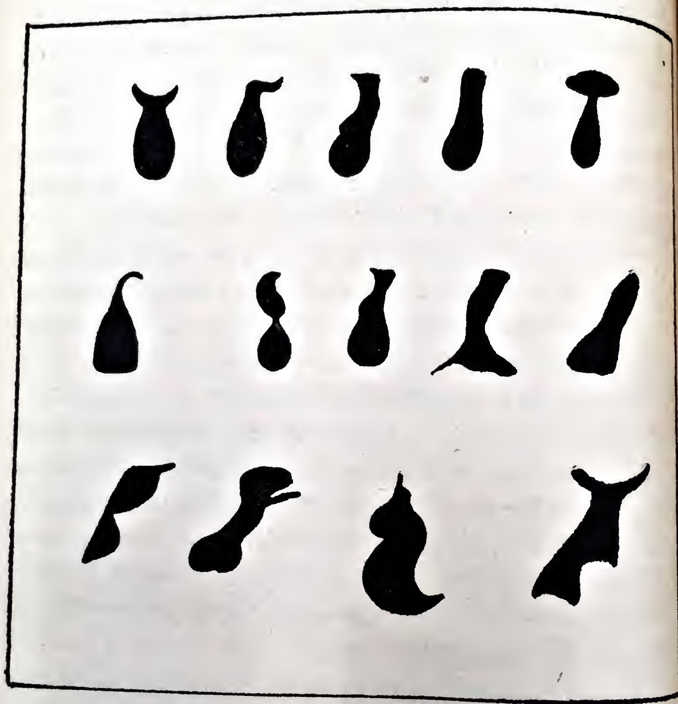
Para o norte, o mar sahariano cobrindo parte dos actuaes territorios de Marrocos, Argelia e Tripoli, ou cobrindo caminho através delles, communicar-se-ia com o actual Mediterraneo.

Em compensação, as terras do sul da Europa e do occidente da Asia Menor, introduziam-se pelo mar a

---

(43) Orville Derby, *Geologia do Baixo Amazonas — Archivos do Museu Nacional.*

ESTAMPA VIII



Especimens de caracteres da Gavea — Rio de Janeiro
(Extr. da Revista do Instituto Historico do Brasil)

dentro, não existindo nesse tempo nem o mar Egeu, nem o Adriatico nem o Tyrreno, sendo as ilhas do Archipelago grego, a ilha de Creta, as Jonicas, as do sul da Italia ligadas ao continente; o sul da França e o da Hespanha desciam até as Baleares.

A peninsula Iberica continuava-se ao sul com a Africa, e a cadeia do Atlas corria desde essa penisula até mais ou menos o parallelo 30, ao longo da actual costa africana, estendendo ramificações para oeste, para os pontos onde se encontram hoje os Açores, a Madeira, as Canarias e as ilhas de Cabo Verde.

Portanto, por mais absurdo que pareça o facto, pode-se affirmar que o Brasil já esteve proximo do sul da Europa, relativamente perto da ilha de Creta e tambem da Asia Menor e da antiga ilha de Turan, numa parte da qual floresceram, depois, os grandes imperios da Media, Persia, Assyria e Babylonia.

Explicam-se, assim, a semelhança de monumentos prehistoricos, a semelhança e quasi identidade de lendas, costumes, religiões e linguas; tem plena explicação o facto da escripta universal, cuja semelhança flagrante, authentica, nos esforçamos de demonstrar no capitulo anterior.

CAPITULO IV

Vestigios de civilizações primitivas do Brasil. — Civilização megalithica. — Dolmens, menhirs, cromlecks, monumentos cyclopicos. — Semelhanças dos nossos monumentos prehistoricos de pedras brutas com os monumentos megalithicos da Grecia e da Gallia. — Civilização contemporanea dos atlantes. — A cidade das portas de ouro dos theosophistas e a lenda brasilica do El-dorado. — A povoação abandonada do interior da Bahia. — Considerações sobre a degradação dos indigenas brasileiros

A geologia nos demonstra, pois, que a terra através das idades tem apresentado diversas conformações. É provavel que a principio formasse um só bloco, o qual deveria ter se fragmentado em successivos cataclysmas.

Por outro lado, a archeologia, a paleontologia, a paleographia, as lendas, os mythos e as tradições vão nos ensinar que duas ordens de civilizações floresceram sobre a superficie do nosso planeta.

Uma primeira se nos mostra confusamente: é uma civilização toda especial e mysteriosa, abrangendo o cyclo mythico dos deuses, dos genios e dos gigantes.

Essa civilização deixou como vestigios de sua passagem os monumentos megalithicos — os *menhirs*, os

dolmens, os *cromlecks*, os *logans*, e as *construções cyclopicas*. (44)

É bem possivel que ella tivesse apparecido no tempo em que a crosta terrestre não havia se fragmentado.

A segunda civilização corresponde á dos atlantes e continua-se com a dos tempos historicos e se caracteriza

---

(44) Na bella expressão de Louis Figuier "os monumentos megalithicos são restos grandiosos de uma época mergulhada na noite dos tempos, enigmas colossaes que se impõem á nossa razão e despertam até o mais alto ponto a curiosidade do erudito e do pensador".

Os *menhirs*, conforme a definição de Cesar Cantú, "são pedras alongadas, verticaes, pousadas ou cravadas no chão; serviam, ao que parece, para commemorar acontecimentos importantes e tambem para marcar lugares ou sepulturas, pois que junto de alguns têm apparecido ossadas humanas. O Genesis, no capitulo XXXI, diz que Jacob tomou uma pedra e levantou-a como monumento. No Monte Sinai, Moysés levantou nove pilares de pedras".

Os *menhirs* mais importantes do mundo são os denominados alinhamento de Carnach na Bretanha.

Os *dolmens* são monumentos megalithicos construidos pelo homem prehistorico e que, segundo se julga, serviram de tumulos ou altares. A sciencia, no entanto, ainda não disse a ultima palavra sobre o mysterio que os envolve. Geralmente constam de uma pedra plana disposta sobre tres pedras brutas, verticaes. E' raro não se encontrarem inscripções nessas pedras. Existem disseminadas pelas cinco partes do globo.

Os *cromlecks*, são pedras levantadas em circulos ou ovaes. Diz ainda Cesar Cantu, que o *cromleck* de Abury, na Gran-Bretanha, mede mil e duzentos metros de diametro. Stonehenge é tambem um *cromleck* famoso em Inglaterra. Todos elles estão ligados a idéas religiosas.

Os *logans* ou pedras de equilibrio ou ainda pedras balouçantes, são monolithos collocados uns sobre os outros em taes condições que podem oscilar ao menor impulso.

por monumentos taes como as pyramides do Egypto, as torres rotundicas de Babylonia, os *teocális* do Mexico, e da America Central e as *chulpas* do Perú.

Todo um mundo desconhecido repousa no sub-solo da historia. O que nos ficou occulto na prehistoria, o que ficou para traz, constitue um outro mundo de civilizações estranhas completamente differente das civilizações hodiernas.

Fica-nos nesse passado um mundo de deuses, anjos, demonios, espiritos das trevas, genios, elfos, fadas, gigantes, gnomos, magicos, encantadores, bruxos e feiticeiros.

A historia quando começa a considerar os imperios antigos, taes como o Egypto, Babylonia, Ninive e a Persia, já os encontra como povos civilizados — com instituições sociaes, politicas e religiosas. Donde vieram essas civilizações? Quem as fundou? Quantos seculos haviam decorrido desde a sua origem até o momento em que apparecem na historia? A nossa sciencia ainda não respondeu a todas estas perguntas, mas se concebe, se adivinha que todas são restos de civilizações diversas desapparecidas, as quaes dormem sob as capas da terra como os nossos mortos dormem sob o solo do cemiterio e como nós ao lado delles dormiremos tambem um dia.

Em nosso paiz, como vamos ver, quer no litoral, quer no centro, norte e no sul, existem muitas ruinas de monumentos megalithicos — monumentos cyclopicos como os da Grecia antiga, monumentos de pedra bruta como os da Gallia. Fomos nós que primeiramente, no *Viçosa de Alagoas,* apparecido no Recife em 1914, chamamos a attenção para a semelhança dos nossos monumentos prehistoricos de pedras brutas com os monumentos megalithicos da Gallia.

Mais tarde, o illustre academico Gustavo Barroso, num artigo publicado na "Illustração Brasileira", nota a mesma semelhança.

Os *dolmens,* os *menhirs* e os *cromlecks,* são muito parecidos aos de França.

Em o nordeste brasileiro, encontram-se montões de pedras affectando a fórma dos *tumulos* gaulezes de Mane-Lud e Mane-er-Hoeck.

Entre outros locaes,ricos em destroços de monumentos megalithicos, convem citar o municipio de Cimbres (45) em Pernambuco, que parece ter sido um grande centro prehistorico — alli se encontram vestigios de raças antigas: tuneis em pedras, pedras que sôam e que parecem esculpidas, *letreiros* em rochedos, ossos etc. (46)

---

(45) Note-se de passagem a semelhança do nome *Cimbres* com os *Simbrios* e *Sicambros* — povos antigos da Europa. Sebastião Galvão, no entanto, acha que o vocabulo é de origem e significa — lugar de ensino.

(46) Sebastião Galvão, *Diccionario Geographico Pernambucano.*

Vestigios identicos se acham tambem em Alagôa de Baixo, perto de Cimbres, em Aguas Bellas, e diversos outros pontos citados por Sebastião Galvão.

Estas zonas do sertão pernambucano, ligam-se ás estações prehistoricas do Estado de Alagoas — Sant'Anna do Ipanema, onde Branner encontrou as inscripções a que já nos referimos; Viçosa, cujas antiguidades — inscripções, *dolmens, cromlecks,* cêrcas de pedras e restos de fortificações — foram divulgadas por nós em diversos trabalhos.

Bezerra de Menezes, em seu primoroso livro "Notas de Viagens pelo interior do Ceará" nos descreve restos de construcções cyclopicas, as quaes constituem outros tantos indicios de civilizações. Merece especial menção a curiosidade denominada "Casa de pedras" situada no logarejo Olhos d'Agua dos Picos.

Conforme a citada memoria de Tristão de Araripe — *Cidades Petrificadas* — o viajante Jacome Avelino descobriu uma cidade petrificada no interior do Piauhy, toda formada de monumentos megalithicos, dando o aspecto de muralhas, torres e casas. (47)

O dr. Regueira Costa, foi o primeiro escriptor que se occupou dos *dolmens* no Brasil. O illustrado archeologo, em um artigo publicado no numero quarenta e

---

(47) Ao lermos a descripção das cidades petrificadas, ficou-nos a impressão que tal curiosidade é natural devida a uma conformação especial do terreno, como a curiosidade de Villa Velha, no Estado do Paraná. O olhar adestrado de um geologo ou paleontologista poderá, porém, resolver a questão.

cinco da *Revista do Instituto Geographico Pernambucano,* fala-nos em *dolmens* encontrados no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Parahyba e em São Paulo.

Em 1910, descobrimos dois dolmens em Viçosa de Alagoas. Daremos uma descripção desses monumentos no appendice desta obra.

Os *menhirs* são um pouco mais raros, porem Henri Coudreau diz tel-os encontrado á margem do rio Xingú. (48)

Da segunda civilização, encontram-se tambem muitos vestigios. Os mais estudados são os da ilha de Marajó, no Pará. Não se trata, aqui, de monumentos mas de restos de ceramica.

Os theosophistas nos falam na celebre "Cidade das Portas de Ouro", capital da Atlantida, a qual, segundo os seus mappas, não ficaria muito distante do ponto em que se acha Marajó. Scott-Elliot, em sua *"Histoire de l'Atlantide"*, (obra traduzida do inglez para o francez) faz a descripção da "Cidade das Portas de Ouro". Deve ser a mesma cidade de que se occupa Platão, pois os detalhes são mais ou menos identicos — as habitações cercadas de bosques e o palacio do rei no alto da collina; templos, aqueductos, muralhas, cingindo circuitos, lagos, portos, etc.

Essa "Cidade das Portas de Ouro" tem probalidades de haver existido. Talvez a ella se ligue a lenda brasileira do "El-dorado" que habitava a cidade de

---

(48) Henri Coudrau, *Voyage au Xingú.*

ESTAMPA IX

Inscripções da povoação abandonada do interior da Bahia.
(Extr. do v. I da Revista do Instituto Historico Brasileiro)

Manôa, nas proximidades do lago Parima. Essa curiosa lenda é recitada na America desde a chegada de Colombo. O rei todas as manhãs, coberto de ouro em pó e acompanhado de um grande sequito, ia banhar-se na lagôa. O lago Parima ficaria nas paragens ao norte do rio Amazonas, mas nunca foi encontrado, apesar das explorações, a principio de Raleigh e posteriormente de Kernis e outros viajantes. (49)

Muito curiosa tambem é a noticia de uma povoação abandonada no interior da Bahia. (50)

O roteiro dessas ruinas foi encontrado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e se acha publicado no volume 1.º da citada "Revista do Instituto Historico".

A noticia é minuciosa — assignala a região percorrida e faz a descripção de ruas, praças e estatuas, dando a conhecer ao mesmo tempo uma copia de inscripções dos monumentos

Num relatorio apresentado ao Instituto, em 1841, o conego Benigno de Carvalho declara que, de accôrdo

---

(49) Sobre este assumpto leia-se *Brésil*, de Ferdinand Dénis e os *Cuadros de la Naturalesa* (tradução castelhana) de Alexandre Humboldt. A *America*, de Cronau, tambem faz referencias a essas curiosidades.

(50) "Relação historica de uma occulta e grande povoação antiquissima, sem moradores que se descobriu no anno de 1753 em a America nos interiores... contiguos aos dos mestres de Cam... e sua comitiva, havendo dez annos que viajavam pelos sertões a ver se descobriam as decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca etc. Veio esta noticia ao Rio de Janeiro em o principio do anno de 1754".

com o roteiro, percorreu a zona indicada e se bem que não encontrasse a tal cidade ou povoação, colheu, porém, informações que habilitavam a affirmar que ella ficava na serra do Sincorá.

Duvidas foram mais tarde suscitadas sobre a existencia dessas ruinas, mas em 1907, Lindolpho Rocha trouxe novas luzes á questão. Numa conferencia realizada no Instituto Historico da Bahia, sob o titulo — "Zona desconhecida no interior da Bahia" — diz que um caçador, perdendo-se numa floresta nas immediações do Rio de Contas, teria visto uma "tapéra sem gente". Declara o mesmo caçador que havia "veados brancos" nessa região. O facto do roteiro da povoação abandonada falar em veados brancos, levou Lindolpho Rocha a conjecturar que a tal "tapera sem gente" fôsse a mesma de que trata o documento. Essa idéa tornou-se-lhe ainda mais plausivel depois que teve a certeza da existencia de veados brancos na zona de Gongugy, pois teve occasião de ver a pelle de um desses animaes que esteve em exposição na capital da Bahia.

O dr. João Severiano, no livro "Viagem ao redor do Brasil", faz allusão ás ruinas de uma cidade — *Xerez* — perto do rio Aquidauana, no Estado de Matto Grosso. Diz que essa cidade fôra construida por castelhanos aventureiros. O dr. Severiano fala por informações. Não se tratará de ruinas prehistoricas?

Quando servimos na Commissão Rondon, em Matto Grosso, estivemos em Aquidauana e ouvimos referencias a essa antiguidade e mais a um cáes que existiria á

margem do rio, no meio da floresta. Não nos foi possivel visitar tudo isso.

Nas mesmas condições de *Xerez*, se acham as ruinas de outras cidades citadas por Sebastião Paraná, em sua "Chorographia do Estado do Paraná". Umas ficam no interior e outras junto aos saltos do Iguassú.

Servimos tambem na Colonia Militar do Iguassú, e um dia, em visita ás cachoeiras, exploramos as mattas da visinhança, em procura das ruinas. As nossas investigações, porém, fôram infructiferas.

Muitos restos antigos devem ainda se encontrar por todo o Brasil, perdidos no meio das mattas e das catingas, nos pntanaes dos rios, ou estão soterrados pelas alluviões dos mares de outrora.

A geologia nos prova que uma grande parte do Brasil foi coberta pelo mar.

Os sertões do norte demonstram ainda, na constituição arenosa e salina dos seus terrenos, a inundação oceanica em tempos longinquos. Comprehende-se que o rolar das aguas durante milhares de annos, forçosamente, teria de cobrir os vestigios da arte humana.

As correntes dos rios actuaes, a chuva e mesmo a acção dos ventos, vão dia a dia nos expondo á mostra restos de ruinas.

O futuro se encarregará de provar a verdade do que dizemos sobre antigas civilizações.

Ficam assim resolvidos muitos problemas, taes como os que dizem respeito ás emigrações dos povos, ao contacto e ás communicações entre os dois continentes, ao

intercambio de idéas; e ficam sobretudo resolvidas as questões sobre os autores das inscripções dos rochedos e dos ceramios do Brasil.

Taes autores não foram os indios do tempo da descoberta, não foram phenicios, judeus ou troyanos. (51) Foram naturaes do paiz, representantes de duas civilizações remotissimas — a civilização megalithica e a civilização contemporanea da Atlantida e a esta integralizada. Foram ellas as geradoras, as antepassadas de todas as outras civilizações do mundo. O Egypto, Babylonia, a Assyria, a Media, a Persia, a Phenicia, o reino de Israel, a Grecia, a Etruria, a Iberia, a Gallia, finalmente todas as nações do mundo antigo, eram filhas desse mundo prehistorico e mysterioso que floresceu no continente *brasilafrico,* nesse *Pangeas,* na feliz denominação de Wegener.

Com a acção dos cataclysmas, parece que as regiões da Asia e da Europa resentiram-se menos do que as da America e da Africa, dahi a continuação da civilização Atlantida nas primeiras regiões.

Em nosso paiz, a população que sobreviveu á segunda catastrophe foi relativamente pequena; ficando isolada do resto do mundo, estacionou e tendeu a degradar-se.

---

(51) Ficamos agora apparelhados para julgar quão inexequivel é a idea de serem os phenicios e judeus autores das inscripções. Se estas fôssem apenas no litoral poder-se-ia ainda pensar, mas são espalhadas em todo o Brasil, provando assim que são obras de nativos.

Uma das principaes causas do progresso e do desenvolvimento humanos é a troca de idéas, é o contacto dos homens entre si. Uma idéa géra outra idéa, um pensamento géra outro pensamento e dessas idéas, desses pensamentos transmittidos de individuo a individuo pela palavra oral ou escripta, surge o progresso.

Da união nasce a força.

Foi Martius o primeiro, ou um dos primeiros, que levantou a these da degradação dos nossos aborigenes: "Os indigenas brasileiros, affirma o eminente ethnologo e distincto botanico, não são uma raça que começa, mas uma raça que acaba." (52)

E de facto, o nosso indigena não é o representante do homem primitivo, do ser na infancia da vida, tal qual teria sahido das mãos do Creador, mas constitue o typo residuo de uma ancianidade longinqua — o ser vergado ao peso hereditario de estigmas de centenas de raças já vividas, já desapparecidas, no abysmo profundo das idades.

A grande catastrophe que segregou a parte brasileira da America do resto do mundo, impressionou de tal modo os poucos representantes da especie que aqui sobreviveram, imprimiu-lhes no systema nervoso uma tal sensação, que tarou a especie em grande numero de gerações.

O meio cosmico resentira-se enormemente: houve mudanças de climas: — zonas temperadas tornaram-se

(52) Carlos F. P. Von Martius, *Die Vergangenheit und Zukunft der amerikanischen Menschheit.*

equatoriaes, terras ferteis tornaram-se aridas. O escoamento das aguas dos mares formou vastos pantanos, as alluviões crearam no litoral grandes extensões de brejos e terras alagadas. (53)

O clima quente e muito humido tornou-se malsão, doentio, e assim, reunindo-se todas estas causas — molestias endemicas e epidemicas, impropriedades mesologicas, calor e grande tensão atmospherica de vapor d'agua, e ainda mais, a falta de conforto, a vastidão das terras apaúladas, a solidão das mattas e das restingas, o deserto das planuras, a extensão das catingas, o isolamento, tudo creou no descendente do atlante abandonado ao furor dos elementos e aos rigores do clima, o typo do nosso indigena — o homem selvagem como a propria natureza que o cercava, triste, melancolico, desconfiado, ignorante e desanimado.

O afastamento da civilização foi pouco a pouco apagando no homem prehistorico do Brasil as noções das grandes verdades, os conhecimentos foram decrescendo. As familias, as tribus, afastadas entre si, por centenas de leguas, por montanhas e cordilheiras inaccesiveis, por lagos enormes e rios caudalosos, tiveram novos dialectos: estabeleceu-se a confusão das linguas e a escripta, modificando-se, alterando-se, acabou por desapparecer.

(53) O cordão de mattas que se estende do cabo de S. Agostinho até a margem norte do S. Francisco, constituindo a zona assucareira do norte, terreno de uma vegetação prodigiosa, é formado dos productos de alluvião arrastados pelos mares que cobriam os sertões no periodo pliocenico.

Os costumes e a religião, soffrendo tambem transformações, degeneraram, corromperam-se, e a narrativa dos factos passou para o dominio das lendas vagas, esparsas, apparentemente sem connexão.

Tal foi a sorte do nosso prehistorico: a principio estacionou e depois, retrogradando, degradou-se, degenerou tanto que estava prestes a desapparecer quando houve o acontecimento da descoberta da America, ou diriamos mais acertadamente, o reapparecimento do continente, que de novo só tinha o nome.

CAPITULO V

Classificação geral dos diversos systemas de escripta. — A classe a que pertencia a escripta prehistorica do Brasil. — A escripta figurada ou pictorica calculiforme. — Os coriscos. — O cyclo de ita e o cyclo dos "muyrakitãs". — Os quipos o rosario e a cruz. — Caracter divino da escripta primitiva. — Influencia da magia sobre a escripta. — Reminiscencia das praticas da magia entre os indios do Brasil. — As condições psychicas do homem prehistorico. — Processos magicos de mnemotechnica

A escripta, em geral, é classificada nos seguintes systemas:

a) mnemonico.

b) ideographico.

c) phonetico.

O mnemonico era um systema destinado a avivar a memoria por meio de signos e objectos.

No systema ideographico os signos, ás vezes, representavam symbolos, representavam uma qualidade ou uma funcção de um determinado ser ou de uma cousa. Por exemplo: uma estrella significava a noite; a imagem do sol representava o dia, a luz, a claridade.

O systema phonetico, consta de caracteres representativos dos sons. Este systema torna-se verbal quando o signo tem o valor de uma palavra, syllabico quando significa uma syllaba e finalmente alphabetico quando tem o som de uma letra.

Todos os signos — mnemonicos, ideographicos ou phoneticos — podiam ser figurativos ou pictoricos, isto é, podiam representar a figura, a imagem, a pintura de um ser, de um objecto.

Alguns autores affirmam que os proprios caracteres do nosso actual alphabeto não são mais do que imagens representativas que se modificaram com o evoluir dos tempos. Veremos no decorrer do presente trabalho, que a tal affirmativa não faltam razões.

A qual destes systemas pertencia a escripta prehistorica do Brasil?

Diremos, logo de começo, que ella não se filia a nenhum considerado isoladamente, porque pertence a todos, porque ella contem em si todas as formas.

A principio mnemonica e ideographica, tornou-se provavelmente phonetica ou tendia para tal quando se deu a ultima catastrophe.

Quer mnemonica, quer ideographica, quer phonetica, um caracter essencial a assignalar é que ella, a principio, foi figurada. Este facto é muito importante porque nos orienta na pista da interpretação de muitos signos.

Releva declarar, que é a diversidade de systemas que complica o estudo dos caracteres prehistoricos do Brasil. Rigorosamente falando, não temos uma escripta,

mas diversas escriptas que se differenciam, graphica e signativamente, no tempo e na distancia, guardando todas, porém, um fundo commum de origem.

Entretanto, é forçoso confessarmos que o systema que mais predominou foi o systema primitivo — o mnemonico.

Para melhor comprehensão do nosso trabalho, vamos nos estender um pouco sobre a mnemonica e ver as relações que ella apresentava com a divindade e com a magia, estudando ao mesmo tempo, embora muito perfunctoriamente, as suas origens e o seu desenvolvimento no espirito humano através o perpassar das éras.

A mnemonica pode ser objectiva e graphica.

É objectiva quando o despertar da memoria é feito por um objecto tangivel. Vamos exemplificar: um camponez indo á cidade é incumbido de fazer uma certa compra; não confiando em sua memoria, ou tendo receio de se esquecer, dá um nó na ponta do lenço ou prende uma fita na cadeia do relogio. Ao utilizar-se do lenço ou ao procurar ver as horas, o nó do primeiro ou a fita do segundo lhe desperta a idéa adormecida de que tinha de fazer uma compra. (54)

O processo mnemonico objectivo precedeu a escripta propriamente dita. Os objectos empregados foram pe-

---

(54) No conhecido conto popular *João mais Maria*, temos um caso de mnemonica: João para não se perder na floresta, vae collocando, espaçadamente, no estreito carreiro, pequenos seixos que lhe indicarão a regressar o verdadeiro caminho entre outros carreiros.

dras — seixos rolados a principio, pedras talhadas e polidas mais tarde.

Os hespanhoes do tempo de Cortez, ainda encontraram no Mexico um systema de escripta *calculiforme*, usado pelas antigas civilizações. Constava de agregados de pequenos seixos mais ou menos quadrados e de cantos arredondados. (55)

No Brasil, com em todas as partes do mundo, encontram-se, a cada passo, pedras especiaes a que o vulgo chama *coriscos.* (56) Esses *coriscos* ou pedras cahidas do céo, como é crença do povo, são pelos scientistas considerados instrumentos do homem primitivo. Realmente, alguns dos *coriscos* são ou serviram de machados, de facas, de raspadores, de pontas de lança e de flechas; outros, porém, eram objectos sagrados, symbolos, fetiches, amuletos representando a divindade e como taes passaram depois a signos.

---

(55) Harcourt, *L'Amerique avant Colombe.*

(56) Em o norte do paiz existe a lenda de que o corisco ou raio é uma lasca de pedra incendiada que rola das nuvens por occasião das tempestades. Ao cahir, penetra na terra numa profundidade de duas braças e depois vae pouco a pouco aflorando á superficie, de modo que no fim de cinco annos fica a descoberto, sobre o solo.

Outra lenda a respeito da pedra de *corisco* é que ella se move, se desloca, parecendo ficar dotada de vida.

Sobre a origem da primeira lenda, vamos aqui registrar uma observação nossa: em Dezembro de 1907, viajavamos nos Campos Geraes de Palma, em demanda da Colonia Militar do Chapecó do Xanxerê, na região então litigiosa do Paraná e Santa Catharina. A tarde estava abafada e grossas nuvens presagiavam tempestade. De repente, com um grande clarão, ouvimos um forte estampido e enorme galho

Essa especia de escripta, essa mnemonica por meio de seixos, evolue entre os primitivos. A principio simples pedras roladas pela acção natural das aguas dos rios e das ribeiras, são mais tarde trabalhadas pelos homens — pedras talhadas e pedras polidas.

Desses elementos mnemotechnicos, aqui no Brasil, temos duas especies que classificamos em dois grupos correspondentes a dois cyclos: o cyclo de *ita,* a pedra bruta, e o cyclo *muyrakytã* ou da pedra polida.

Teremos de voltar sobre os *muyrakytãs* e *coriscos* e estudal-os sobre um novo conceito, como elementos da escripta mnemonica.

---

de uma imbuia que um pouco além se erguia no ponto mais elevado da cochilla, ruia por terra sob a acção do raio. Logo depois desabou o temporal. Terminada a furia dos elementos, nós e mais dois officiaes, companheiros de viagem, fomos examinar a arvore e verificamos que o phenomeno meteorologico tinha deixado de alto a baixo, no tronco, o vestigio de sua passagem numa fita zigzagante e carbonisada. Lascara alguns ramos e fizera um ligeiro orificio. A terra dos bordos e do interior desse orificio havia sido fundida pelo calor da faisca electrica, apresentando um aspecto vitreo, crystalizado e quebradiço. Acreditamos que a lenda de ser o machado de pedra o *substractum,* o esqueleto do raio, repousa na presença desses crystaes.

Sobre a segunda lenda, achamos que poderá haver algo de verdade na hypothese das pedras dos machados serem pyrites de ferro, oxydo de ferro magnetico. Nesse caso não se daria o facto dos machados se moverem, mas carregando-se da electricidade do meio ambiente poderiam manifestar phenomenos de atracção, repulsão, choque de animaes e desprendimento de chispas ou fagulhas. Os fios de arame distendidos ao ar livre, accumulam electricidade por occasião dos temporaes, e como já observamos, dão choques nas pessoas que os tocam.

Ainda como auxiliares da memoria podem ser considerados muitos monumentos megalithicos — os *menhirs,* os obeliscos e as pyramides. Mas essas ampliações dos amuletos, se podemos nos exprimir assim, foram perdendo o seu caracter de elementos mnemotechnicos, para ficarem adstrictos ao seu papel de imagens da divindade.

A mnemonica objectiva atravessa o periodo prehistorico, parallelamente com o systema escripto graphico, entra no periodo historico e chega até nós.

Como exemplo da mnemonica proto-historica, temos o systema *calculiforme,* a que já nos referimos, e os *quipos* do Perú. Esses *quipos* tambem ainda foram encontrados pelos hespanhoes conquistadores do imperio

---

A designação *corisco,* mostra que as lendas vieram da Europa por intermedio dos portuguezes, pois *corisco,* conforme a etymologia, é palavra derivada do latim.

Por outro lado, porém, encontra-se no nosso dialecto indigena dos *Kariris* o vocabulo *cro* designado pedra, vocabulo que muito se assemelha a *keranio,* grego, que tambem significa pedra do raio, cahida do céo.

Parece-nos, portanto, que em tudo isso ha a ligação prehistorica de que tanto temos falado. Mesmo nesses tempos ante-diluvianos, já havia a crença de que os *keranios* ou *astropelekias* vinham do céo. Mais tarde essas idéas se generalizaram por todo o mundo historico. Os celtas e gaulezes acreditavam em tal e tanto assim que entre elles os machados de pedra denominavam-se *celticos.*

Entre os germanicos, elles eram denominados *douner-keile* e para os escandinavos representavam o martelo de Thor ou cravos cahidos do carro aereo de Wotan e das Walkirias. O facto das pedras cahidas do céo, foi mais tarde comprovado, mas não quanto a sua procedencia do raio, mas dos bolides. Pode muito bem ser que o homem prehistorico já tivesse observado o caso das pedras nos bolides e ligasse o phenomeno ao raio, pois ambos traçam no céo fitas de fogo.

dos Incas. Consistiam em cordões de diversas côres, cheios de nós mais ou menos espaçados. Segundo alguns autores, taes signos não representavam uma escripta, na verdadeira accepção da palavra, mas antes um systema de computo. Cada nó significava uma unidade de bens, propriedades ou vassalos do Inca, servindo as côres do cordão para designarem a natureza da propriedade.

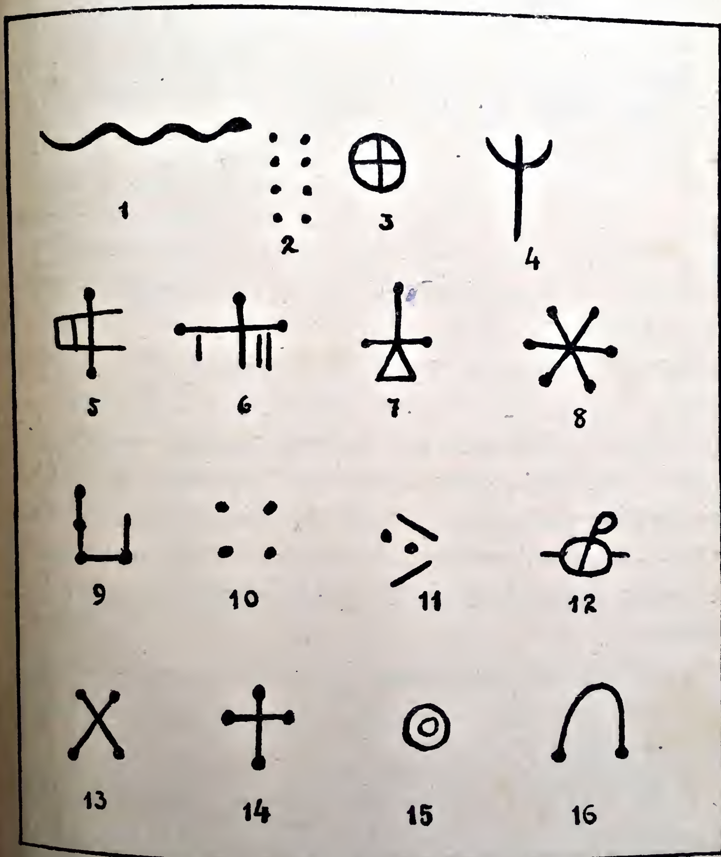
Na China, os nós tambem foram usados como signos mnemonicos e na Europa, ainda hoje, se encontram vestigios do mesmo systema, mas lá, os elementos mnemotechnicos eram, não somente como no Brasil, *coriscos* ou pedras de raio, mas ainda pequeninos pedaços de madeira.

Refere Paw, que na Allemanha as letras são chamadas *buchstaben* porque esta palavra significava pequenos bastões de faia. Seus livros foram chamados *büchen,* que equivalia dizer — uma reunião de pedacitos de faia. "As *runas,* diz ainda o mesmo autor, tiram a sua etymologia da raiz escandinava *ronne,* que significa o sorbeiro selvagem, arvore indigena do norte da Europa, da qual tiravam pequenos toros que por sua combinação exprimiam um sentido assim como nossas letras. (57)

O rosario, ainda hoje usado, é um objecto mnemonico de valor puramente numerico, empregado pelos devotos, como é sabido, para indicar a quantidade

(57) Paw, *Recherches sur les Americaines,* Edição de 1774.

ESTAMPA X



Especimens da pedra lavrada (de Retumba)

de preces ou saudações religiosas resadas num certo tempo ou numa ceremonia.

A cruz nos cemiterios é ainda um exemplo da mnemonica objectiva dos tempos actuaes. É tambem um signal mnemonico nas igrejas e á margem dos caminhos. No frontespicio da igreja lembra que tal construcção é a casa de Deus, que o filho de Deus morreu numa cruz etc. No cemiterio assignala um tumulo, recorda que no ponto onde ella se acha repousa um corpo que pertenceu a um ser vivo, que com muitas probabilidades era christão. É uma explicação que a cruz suggere a quem não conhecia o morto. Agora se alguem o conhecia, a simples indicação do tumulo fará lembrar a esse alguem factos que poderiam estar apagados na memoria: por exemplo — o morto era branco, casado, moço, negociante, etc. Se o signo apparecer á margem de uma estrada deserta, indica que alli foi assassinado um christão — homem, mulher ou criança. Si alguem conhece o facto, todas as minudencias do crime lhe vêm á memoria.

O systema mnemonico, graphico, parece ser posterior ao objectivo, parece ser desse uma modificação, uma evolução.

Na verdade o primeiro systema tornava-se muito confuso pelo seu arranjo technico e, ainda mais, acontecendo desfazer-se esse arranjo, tornava-se incomprehensivel.

A pintura ou a gravura, pelo contrario, fixava-o para todo sempre. D'ahi a estreita ligação entre a es-

cripta mnemonica e a pictorica ou figurada; achamos mesmo que ellas quasi que se identificam ou que uma é o complemento da outra.

O caçador ou o lenhador para se orientar na floresta, faz entalhas nas arvores. A entalha representa um signo mnemonico, graphico e, vê-se, muito melhor do que os seixos derramados pelo caminho.

Constituiram-se, assim, processos escriptos de auxiliar a memoria. A graphia passou a ser copia dos objectos mnemotechnicos. É por isso que vemos, pintados ou graphados nas superficies de rochedos, *coriscos, muyrakytãs* e simples pedras roladas.

Mais uma vez declaramos que a mnemonica não representa uma verdadeira escripta, não conta uma historia, não relata um facto, mas desperta na memoria os detalhes ahi adormecidos dessa historia ou desse facto.

É um systema imperfeito porque baseando-se ou referindo-se a um acto já sabido segue-se que, faltando a pessoa ou pessoas que delle tiveram conhecimento, passava a perder toda significação.

Diz um autor que é das necessidades humanas que surge a evolução.

Para remediar a imperfeição, o prehistorico usou o desenho do objecto ou a representação figurada, a imagem do ser, a representação do facto ou da scena cuja lembrança desejava guardar. É a escripta pictorica a que já nos referimos. Aqui começa a verdadeira escripta.

Os signos desenhados ou pintados falam á vista, já não se limitam a despertar na mente uma historia ahi gravada, mas desenrolam ao olhar a mesma historia.

Para nos tornarmos mais claros, diremos que a escripta pictorica foi para o homem prehistorico o que a scena muda, no cinema, foi para nós. Independente dos esclarecimentos escriptos na tela, podiamos ter conhecimento de um facto a que não haviamos assistido, pelo simples desenrolar da fita.

Notamos na escripta prehistorica brasileira, e aliás na de todo mundo ante-diluviano, uma particularidade que até aqui, segundo julgamos, ainda não foi divulgada e que vem dar razão ao que dissemos acima — que ella não se acha subordinada a nenhum systema considerado isoladamente, porque nella se contêm todos os systemas. A particularidade é que um mesmo signo pictographico pode, ao mesmo tempo, ser mnemonico, ideographico ou symbolico.

Para exemplificar vamos lembrar um signo já citado — a estrella; é um signo ideographico porque com elle era representada a idéa do céo, é symbolico porque a pintura não representa o céo, mas uma cousa que nelle apparece, é mnemonico porque a figura estrella pode acordar na memoria todo um thema, toda uma narrativa já sabida que se relaciona com o céo.

A escripta mnemonica é sagrada. Liga-se por um lado á divindade e por outro á magia.

Já vimos que na tradição de quasi todos os povos a escripta foi ensinada aos homens pelos deuses, d'ahi

as palavras *hieroglyphos* (escripta sagrada) e *hierogrammas* (letras sagradas).

A escripta dos riscos de pedra é, como veremos no estudo da interpretação, composta de signos que representam divindades, em regra geral divindades da luz ou outras que a ellas se relacionam.

Dos nossos estudos da prehistoria, chegamos á conclusão que a luz foi a divindade primitiva e universal.

O fogo e a pedra (esta ultima porque dava origem á fagulha e portanto ao fogo) foram outras tantas divindades.

Depois da luz, do fogo e da pedra é que surgem outras divindades relacionadas com estas — os meteóros celestes: o raio, o relampago, o trovão, a chuva; finalmente vêm o sol, a lua e as estrellas.

Os nossos signos primitivos, que são os mesmos dos tempos ante-diluvianos de toda a terra, com ligeiras modificações, representam pois, na maioria, divindades acima referidas e como taes passaram a glyphos mnemonicos que se modificaram com o correr dos annos.

Os magos eram os transmissores das leis divinas, cujo conhecimento era dado ao povo por meio de caracteres que representavam imagens das divindades e isto, ou para infundir mais respeito, ou porque se tratando de preceitos divinos, mistér se fazia que por signos representando deuses ou attributos de deuses fossem manifestos.

A magia desempenhou um importante papel na origem da escripta. A magia, segundo pensava o pre-

historico, era a sciencia dos deuses e tinha sido por estes ensinada aos homens. (58)

Apesar de Plinio e Diodoro della se terem occupado, apesar de muitas obras antigas, taes como a Biblia, os Védas e a Odysséa a ella se referirem, o que das sciencias magicas nos chegou, através a poeira dos annos, foram reminiscencias vagas, tradições, lendas, recitações mais ou menos deturpadas, superstições. (59)

As sciencias positivas, em suas investigações sobre a intellectualidade e conhecimentos do homem do passado, pararam nos humbraes da historia. Para além, no que dizia respeito ao desenvolvimento das idéas, nada mais havia a aprehender. A especie estava na infancia e portanto, rudimentares deveriam ser os seus conhecimentos, e assim sua sciencia — a magia — não passava

---

(58) Taylor affirma que a magia representa as primeiras manifestações da sciencia e diz mais que a escripta dos magos acadianos de Babylonia, era uma especie de adivinhação. Citando Tacito, relata que as primeiras escriptas foram feitas em rochedos. (Edward B. Taylor — *Anthropologia* — obra traduzida do inglez para o castelhano — Madrid, 1888).

(59) "Diz Plinio que todos os povos, mesmo os mais desconhecidos uns dos outros, estão de acôrdo entre si pelos laços da magia... Foi a Bretanha, que deu a magia á Persia. A magia emana de uma fonte que não é européa. Segundo Darcillus, as praticas magicas remontam ao tempo em que os anjos tinham commercio com as filhas dos homens. A arte magica nem é grega nem é latina, ella é prehistorica, penetrou na Gallia, como no resto do mundo, por uma outra via". A. Bertrand — *La Religion des Gaulois*).

Na pagina 89, dessa obra, Bertrand, baseando-se na Historia de Herodoto, acha que as civilizações procederam da *terra incognita* que existia ao norte e a oeste.

de embuste, mentiras, intrugices e praticas charlatanescas.

A Igreja, pelo seu lado, desde as epocas medievaes, considerou a magia arte diabolica.

Mal vista pela sciencia e condemnada pela Igreja, a magia degenerou e tornou-se, realmente, o apanagio dos embusteiros.

E foi assim desprezada, talvez, uma das maiores fontes de ensinamento sobre as origens e modo de ser das civilizações prehistoricas.

Deprehende-se, no entanto, que nesses tempos as bases da sciencia moderna já estavam organizadas — a alchimia que gerou a chimica, a astrologia que gerou a astronomia e o empirismo chaótico do *abrakadabra* donde veio a medicina. Todas essas idéas se ligavam a conhecimentos mais geraes, mais antigos — a magia — a qual foi a mãe das sciencias hodiernas.

A Biblia nos dá a entender que a magia reinava ainda no Egypto no tempo dos israelitas, pois Moysés, Aarão e os encantadores de Pharaó tranformavam varas em cobras. (60)

---

(60) "Então respondeu Moysés e disse: mas eis que não acreditarão. E o Senhor disse-lhe: Que é isso na tua mão? Elle respondeu: uma vara. E elle disse: Lança-a na terra. Elle a lançou na terra e tornou-se em cobra; e Moysés fugia della. Então disse o Senhor a Moysés: Estende a tua mão e pega-lhe na sua cauda e tornou-se em vara na sua mão... E então Moysés e Aarão entraram a Pharaó e fizeram assim como o Senhor ordenara: e lançou Aarão a sua vara deante de Pharaó e deante dos seus ser-

Na construcção das pyramides, parece ter havido processos magicos. Não se pode comprehender como, sem o auxilio dos apparelhos modernos de engenharia, conseguia-se elevar a tão grandes alturas os blocos enormes de pedra de que são formados esses monumentos. O abbade Moreux nos fala na *revelação,* mas os theosophistas explicam o facto pela applicação de forças que nos são hoje desconhecidas e que então eram familiares aos iniciados.

Segundo Homero, Apollo ajudou a construir as enormes muralhas de Illion.

De tudo isso se conclue que os prehistoricos jogavam com forças mysteriosas, que os homens primitivos tiveram conhecimento dessas energias.

O predominio das sciencias magicas nos tempos antigos, está hoje cada vez mais demonstrado com a decifração dos textos cuneiformes dos tijolos encontrados nas escavações das ruinas da Babylonia.

Os atlantes, ainda conforme a ópinião dos theosophistas, praticavam a magia branca e a negra, tendo esta ultima forma sido levada á Atlantida pelos turanianos, que em taes praticas usavam de energias colhidas nos raios obscuros da lua.

Esses turanianos foram na Gallia os fundadores da civilização megalithica, e dessa ainda existem muitos

---

vos e tornou-se em serpente. E Pharaó tambem chamou os sabios e encantadores do Egypto e esses magos fizeram tambem o mesmo. Porque cada um transformava varas em serpentes, mas a serpente de Aarão tragou as serpentes delles". (Exodo, 4 e 7).

restos, muitas ruinas pelo solo de França, ruinas de que como já vimos, fomos nós os primeiros a notar a semelhança flagrante com os restos dos monumentos grosseiros encontrados em nosso paiz.

Fazendo-se estudo sobre as religiões dos indigenas brasileiros, não só os do tempo da descoberta, mas tambem os dos tempos actuaes, que se encontram no seio das mattas em estado de selvageria, notam-se muitas reminiscencias das praticas de magia da antiguidade.

Leri, (61) um francez historiographo do Brasil, que chegou ao Rio de Janeiro em 1557, no tempo em que as tabas dos tupinambás cobriam a zona hoje abrangida pela Capital Federal, nos conta que esses indios acreditavam na immortalidade da alma, em seres superiores, taes como Tupan, — que fazia ribombar o trovão — e Kaegerro ou Anhangá, deus malefico que os perseguia na espessura das mattas, ora sob a forma de quadrupede ora de ave ora de qualquer outra figura.

"Esses indios tinham como sacerdotes os carahybas, que se jactavam de communicar-se com os espiritos, de vencer os inimigos e fazer crescerem e engrossarem as raizes e os fructos. Reuniam-se de quando em vez para celebrarem ritos que constavam de dansas rythmicas e de cantos harmoniosos e longos. Formavam diversas rodas e no meio de cada uma ficavam os carahybas ri-

(61) Jean de Leri, *Historia de uma viagem ao Brasil.* Trad.

camente adornados de carapuças e braceletes. Tinham em cada mão um maracá que faziam resoar. De quando em vez tomavam uma vara de madeira de 4 a 5 pés de longo, na extremidade da qual havia certa quantidade de herva *petun* acceza, cuja fumaça sopravam sobre os indios. Estes repetiam, a instantes, o estribilho de uma canção ou balada; ouvindo-a, as mulheres e as crianças que se achavam noutra cabana separada, começavam a gritar e a saltar; as mulheres, principalmente, eram tomadas de um tremor convulso e muitas desmaiavam com a bocca espumando como se estivessem atacadas de gotta coral." (62)

Os *maracás* são instrumentos feitos de uma cabaça ou coité contendo pedriscos e com um longo cabo de madeira. Agitados, produzem um som chocalhante e ouvindo esse som, os indios, é como se ouvissem a voz de Deus: curvam-se contrictos. Os carahybas enfeitam de

(62) "Fiquei absorto, diz ainda Leri ouvindo acordes tão harmoniosos de tamanha multidão, sobretudo pela cadencia do estribilho da balada, em cada copla da qual, todos, prolongando a voz diziam: *Heu, heunau, heurá, hurá heu eura oueh*".

Essas vozes deviam ser hymnos, formulas magicas, invocações e exconjuros. Agora um caso interessante: essa balada que Leri observou ha quasi 400 annos entre os tupinambás do Rio de Janeiro, é ainda hoje, embora modificada, repetida pelos descendentes dos tapuios do norte. Lembramo-nos ter ouvido outrora, nos engenhos de Alagoas, os caboclos cantarem no eito uma canção mais ou menos identicas, numa musica tão triste, tão melancolica, que, quem a ouvia jamais se esqueceria. A lettra era a seguinte: *ô lê lá ô ô lê lá uá ô lerê lá lá uá uá.* O ultimo *uá* alongava-se, esmorecendo, perdendo-se ao longe, pelas quebradas, até esvair-se de todo.

pennas os taes *maracás* e fazem crer que alguma cousa da divina e mysteriosa nelles se encerra. Infincados no meio da ocara, são objectos de adoração, rendem-lhes homenagem, trazem offerendas votivas — carne assada, caça, etc. Queimam *petun* dentro delles e o fumo da herva santa produz embriaguez. São consultados como oraculos; elles respondem e vaticinam sobre a guerra; os indios acreditam.

Southey, falando sobre os *maracás,* diz que os *pagés* pretendiam que o espirito vindo dos confins do mundo lhes dava o poder delles responderem ás perguntas e predizerem o successo. Para as reuniões evocativas, limpava-se a casa, excluiam-se as mulheres e crianças e apresentavam os homens os seus *maracás* adornados de pennas vermelhas para que se conferisse a elles o dom da fala. Assentavam-se os *pagés* no topo da sala tendo o seu proprio *maracá* erguido deante delles — perto se fixavam os outros e cada homem dava o seu presente aos charlatães para que não fôsse esquecido o seu. Concluida essa parte essencialissima do negocio, eram os *maracás* fumigados com *petun* por meio de uma canna comprida; tomava-a então o *pagé,* levava-a á bocca e mandava-a falar; parecia sahir della uma voz aguda e fraca que os selvagens acreditavam ser do espirito e os bonzos os mandavam ir á guerra e vencer os inimigos, pois que os genios que habitam o *maracá* apráz que os satisfaçam com a carne dos prisioneiros". (63)

---

(63) Southey — *Historia do Brasil* — **volume I, pagina 287.**

Tambem a respeito da mythologia dos indios e de seus *maracás,* escreve o Padre Simão de Vasconcellos:

"Têm grande canalha de feiticeiros, agoureiros e bruxos. Aquelles a que chamam *pagés* ou *carahybas,* com falsas apparencias os enganam e os embruxam a cada passo. Os Tapuias, neste particular, são os peores porque além de não conhecerem a Deus, creem invizivelmente o diabo em fórmas ridiculas de mosquitos, sapos, ratos e outros animaes despresiveis. Os feiticeiros, agoureiros e curadores são entre elles os mais estimados; a estes dão toda a veneração."

Em seguida o Padre Simão descreve o *maracá* e cita um caso de videncia de um *carahyba* amigo de uns portuguezes que faziam guerra a outras tribus inimigas no interior do sertão: "o tal carahyba fixou duas forquilhas no chão, a ellas amarrou uma clava enfeitada de diversas pennas e depois andou-lhe em torno dançando e gesticulando num cerimonial extranho, soprando-lhe e dizendo-lhe phrases.

Logo depois desse ceremonial, a clava desprendeu-se dos laços e foi levada pelos ares até desapparecer no horizonte, voltando depois pelo mesmo caminho, á vista de todos, visando collocar-se entre as forquilhas, notando-se que estava cheia de sangue. Tudo isto foi pelo feiticeiro explicado como bom agoiro e os portuguezes travando combate venceram realmente os inimigos". (64)

Ouçamos agora um facto identico que nos relata Roulox Baro, um hollandez que em 1647 viajou pelas

(64) Padre Simão de Vasconcellos — *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* — Livro II — 18

terras dos tapuias, no interior dos sertões da Parahyba, falando de uma especie de demonio dos indios denominado *Houcha,* assim se exprime: "Quando este personagem mysterioso chegava ás tabas, todas as luzes se apagavam. Havia fumigações de *petun* e o demonio sendo consultado sobre o resultado da guerra em que elles se ião empenhar, respondia e dava conselhos. Durante o dia, *Houcha* era transportado numa cabaça conduzida por mulheres, velhas e moças, ornamentadas de grinaldas feitas de flores e folhas de favas e feijão. Precedia essa procissão uma guarda de dez jovens indios cobertos de folhagem. Os feiticeiros ingeriam uma bebida feita de semente de *corpamba* (?) dissolvida n'agua e se punham a correr e a urrar como enraivecidos. A' noite todas as luzes eram apagadas e na cabana preparavam um leito de folhas, perto do qual queimavam folhas de fumo. Sendo então interrogado *Houcha* respondia em vozes de diversas entonações ás perguntas que lhe eram feitas". (65)

De tudo isto nós tiramos uma conclusão: os indios do Brasil guardam ainda reminiscencia de praticas magicas antigas. E' bem possivel que o sagrado *maracá* fôsse a principio um simples instrumento destinado

---

(65) *Narrativa de viajem de Rouloux Baro, interprete e embaixador da Companhia das Indias Occidentaes da parte dos illustrissimos Senhores das Provincias Unidas do paiz dos Tapuios na Terra firme do Brasil.* Trad. de Rouloux Baro por Mario Barreto. Bol. do E. M. do Exercito — 1923.

a produzir um som monotono, proprio para agir sobre o systema nervoso.

A natureza magica e symbolica do *maracá* é indicada ainda pela fórma do instrumento e pela significação do proprio vocabulo.

Como vimos, os *maracás* eram feitos de cabaços ou coités, fructos estes que affectam uma fórma mais ou menos conica — a fórma sagrada entre os antigos adoradores do fogo, porque lembrava o proprio fogo, a pyra, a chamma.

Conforme o dr. Theodoro Sampaio, o vocabulo *maracá*, na lingua tupy, significaria *cabeça de ficção.* (66)

A intrepretação desse nosso illustre ethnologo é baseada na descripção do Padre Simão de Vasconcellos, segundo a qual cabaça do *maracá* representava uma cabeça com os orificios dos olhos, das narinas e da bocca.

A julgar-se pela etymologia que Martius dá á palavra *maracaimbira* — o bruxo, o feiticeiro — comprehende-se perfeitamente que o instrumento em questão estava ligado a praticas de magia.

Por outro lado, parece que o vocabulo passou quasi intacto das religiões primitivas do velho mundo para ás nossas terras.

Lefèvre, em sua importante obra *La religion*, tratando das festas dos turanianos, diz que os sacerdotes, durante as cerimonias, agitavam ramos verdes de pi-

---

(66) Theodoro Sampaio — *O Tupi na Geographia Nacional.*

nheiros, a que davam o nome de *maricás,* nome, como se vê, muito semelhante a *maracá.* (67)

Acreditamos que o *maracá* já desappareceu em o nordeste brasileiro.

A dança do *Toré,* a qual assistimos outrora, entre os caboclos que desciam do sertão, lembrava no rythmo e na attitude a dança religiosa dos tupinambás, de que nos fala Leri; nada tinha de cerimonial religioso, era uma diversão ligada a recordações guerreiras. Acompanhava-a, em vez de *maracá,* a musica de pifanos e trombêtas, feitas estas ultimas de palha tenra e enrolada de palmeira pindó.

O vocabulo *Toré,* dá a entender, no entanto, que primitivamente, a dança foi religiosa. Martius diz que *Toré* significa folha de palmeira. Achamos que elle deu essa significação devido ao facto observado da circunstancia acima relatada. *Toré,* como teremos de vêr, é vocabulo ligado á divindade.

Houve, pois, uma época em que a magia dominava a sociedade humana.

Essa magia, em começo, ligava-se á religião e a todas as outras instituições sociaes. O magico era o

(67) Sobre a magia e o *maracá* dos indios do Brasil, publicamos um artigo no "Diario de Pernambuco", de 7 de Abril de 1935.

sacerdote, o chefe civil, o chefe militar, o conselheiro, o medico. (68)

Conhecia o passado, doutrinava sobre o presente e vaticinava o futuro. (69)

O magico era tirado do meio dos homens que se destacavam da massa commum pela sua intelligencia, pela maior observação dos factos e pelo conhecimento profundo das forças naturaes.

Diversas, então, eram as condições do meio, ou condições mesologicas, nessas éras longinquas da idade da terra.

Em periodo de tranformações physicas, o nosso planeta agoniado por successivos cataclysmas, as profundidades do ventre á mostra, de quando em vez, a crosta solida a dissolver-se na magma em ebulição e a magma em ebulição a resfriar-se no meio atmospherico, nessa troca de temperaturas entre o meio interno e o meio externo, é natural que outras fôssem as condições do meio physico e por conseguinte outras as condições do meio biologico.

Multiplas e diversas deveriam ser a energias de então: energias de calor, luminosidade, electricidade, vibrações e irradiações diversas para o lado physico; energias organizadoras e psychicas para o lado humano.

---

(68) Note-se a semelhança entre os vocabulos *magico*, *magé* e *pagé* ou *payé*.

(69) Em sua brilhante obra — *O Negro Brasileiro* —, o scientista Arthur Ramos, trata admiravelmente da magia, encarando o assumpto sob um novo conceito, de acôrdo com as theorias de Freud.

O homem das épocas anteriores aos cataclysmas, deveria possuir propriedades psychicas um pouco differentes das do homem actual.

Assim, parece que certos phenomenos que hoje se manifestam no homem da actualidade, apenas em condições especiaes, eram communs e naturaes no homem de então.

Entre esses phenomenos convem citar a vista e a audição á distancia, o reforço da memoria — lembrança nitida dos factos do passado — a videncia ou o dom de conhecer o futuro e a transmissão do pensamento ou a telepathia.

O homem de hoje, em estado de hypnotismo ou somnambulismo, em estado morbido tal como a hysteria, pode adquirir essas forças.

Parece que taes estados, que se acham latentes e disseminados por todo o organismo, são restos de força de um passado remoto, forças que vêm se enfraquecendo através das gerações.

A memoria do homem primitivo devia ser prodigiosa. As condições de vibratilidade de seu cerebro eram auxiliadas pelas condições de vibratilidade do meio ambiente.

Como ainda hoje, um objecto, uma simples letra inicial de um nome, o som de uma musica, um perfume, podem acordar em nosso imo a lembrança de uma pessôa querida, a lembrança de um facto passado, de uma scena, de uma historia, assim tambem, nesses tempos remotos a vista de um signo, de um objecto symbolico, des-

pertava no homem prehistorico a recordação de uma scena de que elle fôra comparsa, testemunha, ou della tivera conhecimento.

Segue-se, portanto, que, em principio, um simples signo era sufficiente para desenrolar deante delle todo um thema, todo um facto, toda uma narrativa.

Explica-se, assim, achar-se em rochedos, ás vezes, um unico signal graphico. Não ha, neste caso, como se poderia suppor, uma pobreza historica, noticiosa ou descriptiva. Tal signo pode equivaler a uma pagina, a um livro, a uma bibliotheca. O signo, ahi, não é mais do que um simples signal mnemonico, um evocador dos factos.

Logo que as condições physicas do globo terraqueo foram se modificando, tambem, se foram modificando as energias psychicas do homem.

Com a diminuição das vibratilidades do meio exterior, extinguiram-se as faculdades cerebraes da visão e da audição á distancia, no tempo e no espaço, e a memoria do homem diminuiu. (70)

(70) O facto é exacto. O homem primitivo tinha mais memoria, ao passo que o homem da actualidade tem maior a faculdade de assimilação. É notorio que o homem menos dotado de percepção possue maior memoria. O intelectual tem menos memoria que o individuo rude. O mesmo se dá na criança com relação ao adulto. Lembramo-nos facilmente dos factos da nossa infancia e nos esquecemos com rapidez dos factos recentes. O desmemoriamento, vae se accentuando á medida que o homem envelhece. O que se dá na infancia e na velhice do individuo é justamente o que se dá na especie.

Nestas condições, um simples signo não basta para despertar a lembrança do facto.

Entra então em scena a mnemotechnica — os meios artificiaes de acordarem, de avivarem a memoria, processos magicos consistindo em passes, fixação do olhar, musica monotona e ainda mais o uso de plantas enervantes, em fumigações e beberagens.

Como se sabe, ainda hoje esses processos, e mui especialmente a fixação do olhar, são usados para produzir o estado somnambulico ou hypnotico e o estado de extase, assim, manifestando-se a fadiga nervosa, o individuo adquire as faculdades acima citadas de visão e audição á distancia. Não insistiremos na descripção desses processos e no mechanismo de sua acção, sufficientemente conhecidos de quem tenha estudado um pouco de hypnotismo.

Dos vegetaes antigamente empregados, de muitos perdemos a noção, porém alguns são ainda conhecidos. Destes ultimos citaremos a *nicotina tabacum*, isto é, o *petun*, o tabaco ou fumo, actualmente ainda usado pelo homem da moderna civilização.

A jurema é uma planta que passa por ter a propriedade de tornar adivinhas as pessoas que a absorvem. O nome do vegetal já indica o seu emprego na magia e na feitiçaria, pois a palavra jurema lembra *Jurupary*, um deus da mythologia brasilica. (71)

---

(71) Plantas tambem ligadas á feitiçaria são *jurubeba*, *juá*, *caboatan*, *aninga*, etc.

CAPITULO VI

Bases para decifração da escripta prehistorica do Brasil. — Auxilio que a onomatopaica pode prestar ao estudo da interpretação. — Auxilio do valor das palavras. — Auxilio dos mythos e das lendas. — Idéas cosmogonicas dos indigenas do Brasil. — Lendas sobre as origens do mundo, dos temporaes e da chuva. — Relação dessas lendas com os signos prehistoricos. — Divisão dos signos em grupos

Pode-se dizer que foram as inscripções bilingues e trilingues que facilitaram a Champollion, Salucy, Brusbsch, Grotefend, Rawlinson e outros orientalistas o estudo dos hieroglyphos egypcios e dos signos cuneiformes de Babylonia, da Assyria e da Persia.

Na escripta prehistorica do Brasil, não possuimos nem inscripções bilingues nem trilingues; no entanto, tudo o que já fizemos sentir nos capitulos anteriores — a noção da analogia entre os nossos signos e os do velho continente; a noção de que os nossos caracteres prehistoricos são elementos da escripta *mater;* a noção de que essses elementos são figurados ou pictoricos, representando imagens de seres, objectos ou cousas; o conhecimento de uma escripta calculiforme, constituida de fetiches e amuletos, os quaes foram mais tarde gravados

na superficie de rochedos, tudo constitue bases valiosas para a decifração do nossa escripta prehistorica.

Conforme tambem já vimos, os nossos signos podem ter valores mnemonicos, ideographicos, symbolicos e phoneticos.

Já nos occupamos deste assumpto e agora vamos tratar do auxilio que a onomatopaica pode prestar á interpretação.

Na origem da lingua e na origem da escripta, dois factos nos chamam a attenção: para a primeira a onomatopéa e para a segunda a imagem figurada. Para designar um objecto na linguagem falada, o prehistorico valia-se de um som onomatopaico relacionado a esse mesmo objecto; para designar a mesma cousa na linguagem escripta lançava mão da pintura ou do desenho.

Vamos fazer algumas considerações a respeito da linguagem dos sons.

O philologo Herder, attribuiu á onomatopéa a origem das primeiras palavras. Max Muller contestou este modo de encarar o problema, achando que as raizes de que todos os vocabulos se derivam são devidas a um poder inherente á natureza humana.

Não se pode, entretanto, negar razão a Herder; apenas o que devemos notar é que se nem todas as palavras primitivas são onomatopéas, estas porém tiveram uma grande influencia no desenvolvimento da linguagem. A prova encontramos a cada passo: o homem primitivo ouvia o ribombar do trovão; feriam-lhe o ouvidos os sons *an*, *ran*, *pan*, *ão*, *rão* e assim era por

uma dessas syllabas que elle designava o phenomeno na linguagem falada, do mesmo modo que na linguagem escripta o figurava no zig-zag do raio ou do relampago.

Das origens onomatopaicas, pode-se chegar aos valores e determinação dos elementos de vocabulos primitivos, principalmente de vocabulos dos nossos indigenas, e esses elementos cotejados com os signos, orientam o estudo da interpretação.

Outro grande auxilio vamos encontrar nos mythos e nas lendas, porque nos mythos e nas lendas ha sempre um ponto de verdade do qual elles emanam ou no qual elles se apoiam.

Os nossos indios, apesar de não passarem de seres degradados, conservam ainda algumas noções, muito vagas é verdade, de relatos que se ligam aos outros povos que subiram na escala da civilisação.

Desas lendas e mythos, teremos de nos occupar á medida que formos estudando os signos.

Por emquanto limitamo-nos a contar (procurando dar uma certa fórma) o que ouvimos em diversas tribus semi-selvagens, com as quaes estivemos em contacto em nossas viagens pelo interior do Brasil.

LENDA SOBRE A ORIGEM DO MUNDO

Antes de *Itú* — o deus da *luz* — só existia *Mú* — o espaço, o abysmo — casado com a deusa *Nut* — a grande escuridão.

Uma vez, porém, *Nut* pariu *Itú* e ao parir o deus, morreu do parto

Itú — a luz, o deus da luz — fez resplandecer a face de *Mú*, o abysmo — e assim gerou-se o dia.

Como, porém, *Mú*, depois de doze tempos (que outros chamam horas) chorasse com saudades de *Nut*, sua esposa, *Itú* — a luz — chamou sua mãe do mundo dos espiritos, e para não perturbar o idyllio de seu pae, cobriu-se com um manto negro e adormeceu por doze tempos.

E assim gerou-se a noite.

Mas, o manto de *Itú* tinha bordados e rendas e pelos orificios dos bordados e pelos rasgões das rendas appareceram pedaços do corpo luminoso do deus. E assim geraram-se a lua, as estrellas e os comêtas.

E no seu sonho *Ilú* se mexia. E é por isso que as estrellas correm.

LENDA SOBRE A ORIGEM DA CHUVA

Mura — o mar — batido pelos tufões, chorava e dava mugidos em todas as longas horas do dia, e pela noite a dentro crescia o seu soffrer.

E o urrar, o gemer, os lamentos, os bramidos do desgraçado, corriam pela terra em fóra, e as cavernas da praia e as grutas das serras ecoavam em doloridos ais.

Aos ouvidos de *Ilú* —o bom deus da luz — chegaram os arruidos daquella dôr tamanha, e *Ilú* teve pena e afastou os tufões de *Múra* — o mar —. E então *Múra* — o mar — dormiu tranquillo, sob o céo azul e luminoso.

Na doce calma do dia, *Bitá* — a terra — enviou a *Múra* — o mar — a deusa *Tsi* — a brisa acalentadora. E ordenou ás palmeiras e aos caniços da patria que roçassam os seus dedos de palmas e folhas por sobre a face de *Múra* — o mar. E mandou que as flores o ungissem com o seu perfume.

Múra — o mar — calmo, sorriu a *Bitá* — a terra — e disse:

— Em essencia, encerro em mim a minha filha *Manat* — a chuva. E farei que ella suba a *Ilú* — o bom deus da luz — que depois volte ao seio de minha irmã *Bitá,* a terra.

E então á noite, o vapor d'agua começou a se elevar do mar e chegando ao céo, deante de *Ilú,* transformou-se num tecido de nuvens e depois desmanchou-se n'agua, e outra vez, quando o dia amanheceu, *Manat,* a chuva, banhava docemente *Bitá,* a terra.

LENDA SOBRE A ORIGEM DO TEMPORAL

Manat — a chuva — a filha da mão direita de *Ilú* — o bom deus da luz — olhou para baixo, de lá de sua mansão das nuvens. Depois disse:

— Vou hoje visitar a minha bôa irmã — *Bitá* — a terra.

Dizendo isto, ella já ia descendo das sidéreas e azulinas regiões.

Aconteceu, porém, que em meio do caminho encontrou-se com *Rão* — o trovão — o filho maldito saido da mão esquerda de *Ilú* — o bom deus do céo e da luz.

— Quero beijar-te e abraçar-te, *Manat.* És linda, assim rociada pelas gottas de *Mú* — o espaço —. Vamos, dá-me tres beijos e um abraço.

— Longe, maldito, longe de mim, espirito da destruição e da morte, fóge, some-te no seio trevoso da noite.

Porém, *Rão* — o trovão — o deus malfasejo dos temporaes, avançou para *Manat,* e roncando, ecoando, turbilhonando: *ra, rô, rão, ão* — abraçou-a e beijou-a tres vezes.

Então desencadeiaram-se os ventos e os tufões, abriram-se os relampagos e *Manat,* açoitada, empurrada, esmurrada, cahiu em fortes cachões, inundando e devastanda a terra.

Vê-se, pois, que os indios do Brasil conservam ainda algumas reminiscencias das idéas cosmogonicas dos seus antepassados, idéas que eram geraes em todo o mundo prehistorico, e que de certo modo se relaccionam, como veremos mais adeante, com os signos que representam a luz, o espaço, o trovão, o mar e a chuva.

O vocabulo *signo,* do qual usamos e abusamos no presente trabalho, vem do latin — *signum* — signal, marca, signaes dos passos, pegadas, vestigios. A maioria dos nossos diccionarios limitam a significação a uma das doze divisões do zodiaco e por extensão á constelação

comprehendida nesse espaço (signos de Pisces, Taurus, Scorpio, etc. representados respectivamente pelas figuras de dois peixes, de um touro e do escorpião), e ainda por extensão sina, dita, sorte, destino. Isso não passa de uma particularização porque na realidade, como o indica a origem latina, a verdadeira accepção da palavra, tomada num sentido geral, é a que nos refirimos acima. Na lingua franceza, o vocabulo *signe* tem essa mesma significação; nas mesmas condições se acham os vocabulos italiano *segne,* o inglez *sign* e o allemão *zeichen.* No castelhano, a palavra se escreve como no portguez — *signo* —.

O dicionario de medicina e pharmacia de Littré, define a palvra em questão como figura ou caracter, differente das letras e das abreviações e servindo para designar certos objectos ou a preencher phrases que se repetem muitas vezes em uma descripção. Littré nos fala em signos botanicos, zoologicos e chimicos. E' sabido que a chimica em suas origens pertencia ás sciencias occultas, dahi os seus sectarios empregarem symbolos para representarem certos corpos. Em linguagem paleographica ha o termo *sigla,* particularizado aos caracteres iniciaes ou abreviados. Pertencem, portanto, á categoria do grupo de signos que denominamos agglomerados. Em nosso modo de ver, a palavra *signo* tem uma origem prehistorica — deriva-se do *zig,* onomatopaica do som ou ruido produzido no espaço pela estrella cadente ou *bolide,* som que tambem deu origem á letra grega *sigma.* O povo chama *pedras de signaes*

os rochedos onde se encontram inscripções. Ha ainda a designação popular de *signo Saimão* ou *signo de Salomão,* do qual nos occuparemos adeante.

Fica, portanto, explicada a accepção em que empregamos a palavra *signo,* isto é, o signal, o caracter, a figura representando um objecto ou cousa.

Para simplificar o estudo, vamos dispor os signos em grupos, de acôrdo não só com o que elles representam, mas ainda sob o ponto de vista das relações que affectam com as duas ordens de civilizações a que nos referimos.

Assim fazemos a seguinte divisão:

Primeiro grupo — Signos divinos.

Segundo grupo — Signos magicos.

Terceiro grupo — Signos de animaes e vegetaes.

Quarto grupo — Signos anthropomorphos.

Quinto grupo — Signos de objectos e cousas.

Sexto grupo — Signos agglomerados.

Setimo grupo — Signos desportivos.

Oitavo grupo — Signos decorativos.

Os dois ultimos grupos não fazem parte do nosso programma, portanto delles não occuparemos, fazendo-lhes apenas ligeiras referencias.

É forçoso reconhecer que Koch-Gruenberg e Alfredo de Carvalho, em parte tinham razão: existem, real-

mente, entre os signos, traços, riscos, gravuras que nada exprimem.

No grupo desportivo estão incluidos não só desportes prehistoricos como tambem modernos, e ao lado dos rabiscos sem expressão encontram-se algarismos, datas, letras isoladas do nosso alphabeto, nomes, etc.

Os signos decorativos — as grécas, as sinuosidades, as curvas mais ou menos graciosas, as ramagens, as palmas e os festões, pertencem tanto á prehistoria como aos tempos historicos.

Um olhar experimentado, porém, distingue perfeitamente o signo que tem um valor significativo do que o não tem, o que pertence ao homem ante-diluviano e o que foi traçado pelo homem da actualidade.

CAPITULO VII

Interpretação de signos do primeiro grupo. — Signos divinos. — Signos de luz. — Signos do raio, do trovão e do relampago. — Signos do fogo. — Signos da agua, da chuva, do mar e dos raios. — Signos derivados da pedra. — Signos dos astros. O fogo-corredor e a lenda brasilica do Caapora. — Analogia dessa lenda com a do Santelmo e Kerubes de Babylonia

Os signos que denominamos divinos, foram, primitivamente, imagens, figuras ou representações da divindade, ou ainda, foram attributos dos deuses ou cousas inherentes aos deuses. Poderiamos, tambem, denominal-os hieroglyphos, mas esta designação já se acha particularizada aos caracteres egypcios.

Na interpretação desses signos, estudaremos, ora cada um isolado, em um só paragrapho, ora agrupados quando se relacionam entre sí no que diz respeito á significação.









Todos estes signos, como se vê, representam a cruz. Ha delles no Brasil prehistorico uma grande variedade graphica, com o mesmo valor significativo ou com significação differente, mas sempre relacionada ao mesmo objectivo.

Os jesuitas e missionarios cathechistas, ficaram surprehendidos ao encontrar o signal da cruz gravado nos rochedos do Brasil e portanto já conhecido em nossa terra muitos annos antes da chegada dos portuguezes.

Deste facto tiraram a conclusão que a religião de Christo havia sido propagada no Brasil, provavelmente por São Thomé, visto como os indios falavam de um lendario Sumé que havia ensinado muita cousa aos seus antepassados.

A cruz é o mais importante dos signos divinos. A cruz é entre os prehistoricos a imagem da divindade suprema — *Deus*.

É a imagem, a representação do creador do céo e da terra, adorada por todos os povos primitivos, pelas raças ante-diluvianas de todo o mundo.

Christo redimindo a humanidade, morre pendente de uma cruz, e assim, tacitamente, talvez por um mysterioso designio, restabeleceu o culto, a adoração do signo santo entre os sectarios de sua consoladora doutrina.

Para explicarmos como a cruz é a imagem da divindade, vamos primeiro procurar demonstrar que o homem

prehistorico synthetizava, encarnava, integralizava, essa divindade no phenomeno mais admiravel da natureza, no phenomeno physico a que, realmente, ainda hoje, a sciencia attribue a origem da vida — o phenomeno da luz.

A divindade suprema, a luz, por sua vez era figurada na cruz; esta seria o espirito, a forma transcendental d'aquella.

Newton, Huygens, Descartes e mais os sabios e physicos modernos que estudaram o phenomeno luz e lhe determinaram o espectro, mal sabiam que o homem prehistorico já havia lhe procurado a forma e a tinha pictogravado no signal da cruz.

Um simples facto provará o que adeantamos: se olharmos, com as palpebras semi-cerradas, um fóco luminoso, veremos que esse fóco representa um todo constituido por quatro feixes de luz: — um superior, outro inferior e dois lateraes, formando esse conjunto uma perfeita cruz.

Desse facto o prehistorico deve ter concluido que a cruz era o *substractum*, a essencia, o espirito da luz. Esta seria pois a manifestação da divindade, uma fórma sob a qual a mesma se mostrava.

Por outro lado, a cruz, de quando em quando, se acha ligada a phenomenos luminosos celestes.

Em nossas zonas tropicaes, principalmente nas horas da tarde, quando o sól se inclina para o occidente, os raios desse astro, reflectindo-se nas nuvens, affectam, ás vezes, a forma de um grande cruzeiro.

Fitando-se o céo estrellado nas noites de estio, as constellações, os grupos de estrellas, são vistos, em regra geral, dispostos em fórma de cruz.

Historiadores antigos nos falam de cruzes apparecidas no céo em rastilhos luminosos. É assim o milagre do *In hoc signo vinces* — a cruz de fogo que Constantino viu no céo, na vespera da batalha decisiva a travar-se com as forças de Maxencio, ás portas de Roma.

Principalmente nos mezes de Agosto e Novembro, o phenomeno luminoso das estrellas cadentes e dos bolides, muitas vezes, se entrecorta, traçando cruzes na abobada celeste.

Diversos chronistas, e entre esses Plinio, o antigo, citam o apparecimento, em differentes épocas, de meteóros, durante a producção dos quaes viam-se cruzes na terra sobre as pessoas e sobre os animaes. (72)

A' vista destas considerações, parece-nos ficar demonstrada a causa do homem prehistorico representar a luz na cruz.

É por isso que se encontra a cada passo, gravada ou pintada nos rochedos do Brasil ou desenhada nos productos ceramicos de Marajó.

É ella o signo primitivo que deu origem a todos os outros signos, é ella a imagem da divindade, que encerra em si todas as outras divindades... É a repre-

(72) Dalett — *Étude historique et critique sur les étoiles filantes* — *La Revue Scientifique*, 30 de Julho de 1881. Nesse interessante trabalho, o autor expõe as theorias explicativas sobre as estrellas cadentes e trata de visões e phenomenos celestes assignalados por escriptores antigos.

sentante do verdadeiro Deus universal que os nossos antepassados do Brasil adoravam, os filhos da infeliz Atlantida, que foi adorado pelos povos do antigo continente.

"O homem é o animal religioso", disseram, mas todas as religiões, todos os cultos, mesmo os mais estranhos e os mais diversos, são todos fórma de adoração ao "Deus padre todo poderoso creador do céo e da terra", o deus unico, que foi, que era figurado na luz.

Procurando estudar qual o som, qual a palavra com que o prehistorico designava a cruz, chegamos á conclusão que no principio era *Tizil*, ou *Tzil*.

O que affirmamos não é uma phantasia de nosso espirito, é uma deducção de factos que se prendem ao estudo da linguistica e da mythologia.

Tizil, é um vocabulo onomatopaico, é o ruido da estrella cadente ou do bolide ao atravessar as camadas athmosphericas. E' o que se poderia chamar o som da luz. E' a voz da divindade em estado de calma, assim como o estampido do trovão é a voz da divindade em estado de irritação.

Esse ruido do bolide, que é acompanhado de um rastilho luminoso, vae de um simples ciciar até o estampido. No primeiro caso, é semelhante ao ruido do diamante sobre o vidro. Não se trata de um som da luz, é devido ao deslocamento do ar pelo meteórolitho. Pode-se ainda comparar ao som da zôrra ou piôrra e é semelhante tambem ao ruido do fio do bonde electrico, quando se dá a descarga e o vehiculo se põe em movimento.

É um *tizil* ou *dzil* prolongado, podendo ainda se estender *tzil, thrili* e até *dzul, trul* e *tilú.*

Ao homem prehistorico não passou despercebido esse ruido do bolide e como o phenomeno se acompanhava de luz, esta teve a designação onomatopaica.

Portanto, *tizil* ou *tzil* foi a primeira denominação da luz e sendo a luz figurada na cruz, segue-se que *tizil* ou *dzil* foi tambem a primeira denominação da cruz e como por sua vez a cruz era a representação da divindade suprema, segue-se que o nome de Deus entre os homens prehistoricos era *Tizil.* (73)

Por outro lado, verifica-se que a raiz *tz* ou *ts* faz parte de vocabulos que significam deus, luz, estrella, sol, cruz, fogo, dia e claridade em muitos dialectos americanos e especialmente brasilicos, e ainda mais, essa mesma raiz, em natureza ou modificada, se encontra em vocabulos do velho continente, vocabulos que possuem mais ou menos a mesma significação. Em primeiro lugar convem citar a palavra hebraica *Tzedek,* estrella.

O signo phenicio identico ao que hoje denomina-se *cruz papal,* tinha o som *ts.*

---

(73) Deus, no dialecto canamaré é, *gamatschy,* em culino é *dz,* em carajá é *tschucurumach,* em zapára é *puetzo;* diabo em carapana é *sitzama;* luz em cauxana é *cabuchiazi,* em tapuyo é *zugwa* e *iichotzo;* estrella em macusi é *tschloco,* em canamiri é *tschy-tchy,* em manate é *iptze,* em culino é *wizi,* em uainamá é *hupuitschi,* em miranha é *ichotzo;* cruz em macusi é *utschi,* em canamiry é *eschili,* em culino é *witas, chi,* em manaté *cotzatzo,* em tapuyo *tschahi;* fogo em canamiri, é *tschu,* em caninana é *tisianá,* em banina é *tdje,* em cocamo é *tseeke;* sol em cocamo é *tshi,* etc.

Consultar a respeito o vocabulario indigena de Martius.

Tzil contrahe-se com o som *mú* (signo que representa o espaço) e forma o vocabulo *tu* que reunido a *pan*, onomatopaica do trovão, forma a divindade brasilica *Tupan* (entre os prehistoricos *Tuplan*), que traduzida ao pé da letra significa *luz e estampido no espaço.* E como luz é a representação de Deus, vê-se porque *Tupan* é o deus do raio, do trovão e dos temporaes.

Ás vezes, de *Tizil*, nota-se apenas a contracção *tl* que figura então como raiz em muitas palavras originarias talvez da Atlantida e dos povos que lhe continuaram a civilização, taes como os aztecas do Mexico e os toltecas.

A raiz *tl* apparece nos vocabulos *Atlantida, Atlas* e *Quatzecoatl*, nome de um deus da mythologia mexicana.

Tzil decompõe-se mais tarde em *ti* e *zil*, transforma-se em *Té*, que no velho mundo é mudado em *Téo*, Deus. *Dzi*, que é a mesma onomatopaica *Tzil*, altera-se em *Dzeus*, que dá origem a *Zeus*, o Jupiter grego, o qual dá origem á palavra deus.

O elemento *Te* se encontra tambem na Escandinavia, onde se vê Thor que, como Téo, como Zeus, como Tupan, é divindade do raio e dos temporaes.

Tambem derivados do mesmo vocabulo, embora já muito modificados, são os nomes grego-latinos, Jupiter e Yupiter, nomes que na Italia antiga serviram para designar o deus tonitroante do raio, o fulminador dos homens.

Pelo menos, nesses vocabulos, notam-se as raizes *iu* e *té*, sendo a primeira uma contracção de *ilú*. Ainda derivada de *ti*, é a divindade brasilica *Jacy* ou *Yacy*, a lua — a senhora da luz —; aqui, como se vê, o *ti* foi transformado em *cy*.

A particula *zil* contrae-se ainda com o signo *mú*, formando *ilú*, designando ainda a luz, ou um simples feixe de luz. *Ilú* apparece na Gallia prehistorica sob a forma da divindade *Lú*. Simplifica-se em *Il* e géra na Chaldéa e em Israel os vocabulos *El*, *Elle* e *Eloim*, nomes da divindade suprema. Como *al*, apparece em Ninive no idolo *Baal*. Em Babylonia nota-se *el* em *Bello* e *Babel*; *el* apparece ainda entre as divindades sabeanas. De relance anotamos a igualdade de nomes entre as divindades brasilicas e a desse mysterioso povo sabeano que deve ter sido um dos intermediarios entre as civilizações prehistoricas do occidente e do oriente.

O elemento *il*, que apparece no velho continente designando divindades da luz, encontra-se tambem no Brasil prehistorico na propria palavra Brasil.

De tudo isso que acabamos de expor se comprehende o papel fundamental de *Tzil* ou *Dzil*. O facto dos desdobramentos e modificações na palavra, no vocabulo, é correlativo não somente ao poder funccional da divindade e ao proprio desdobramento da mesma em multiplas pessoas, mas ainda ao desdobramento do signo que a representa em outros signos que significam outros deuses, que afinal se fundem no primitivo deus.

Diz o marquez de Vougué que toda divindade semitica se desdobra. Aliás esse facto é peculiar aos povos da antiguidade. O Egypto apresenta nos seus deuses o typo desses desdobramentos, os quaes se notam num grau muito accentuado em nossa divindade *Tzil.*

Este encerra em si o bem e o mal. Quando representa a luz benefica do sol que enche de ouro os campos e faz amarellecerem os fructos; ou a luz doce do luar que transforma em espelho a superficie lisa dos lagos, *Tzil* é *Ilú,* figurado num simples feixe de luz.

Quando *Tzil* irritado faz ribombar o trovão, em estampidos que ecôam com fragor da serra á montanha, da montanha á planicie e da planicie ao fundo das ravinas, das grotas e das cavernas; quando com o seu pulso de fogo ergue as cortinas de nuvens e mostra o clarão avermelhado dos relampagos; quando, destruidor, risca no espaço o sulco zig-zagante do raio que fulmina os homens, os animaes e as arvores; quando faz encapellar o oceano em ondas furibundas e enchendo a noite com o lamentar profundo das vagas e dos abysmos desencadeia o furacão e solta os ventos doidejantes, então *Tzil* é *Tupan.* É ainda *Mú* quando se mostra sob a forma dagua, em mares, rios e lagos ou sob a fórma da chuva — a agua do céo.

Os missionarios e primeiros chronistas de nossa terra, na crença e no temor das theorias christãs, vendo em tudo que dizia respeito á religião dos indios obras ou cousas de Satanaz, quasi que não se occuparam dos deu-

ses brasilicos, ou apenas falaram de léve, ás pressas, com receio, como quem não deseja se aventurar por um mau caminho ou abordar sacrilego assumpto.

Os escriptores que se succederam, limitaram-se a repetir o pouco que os jesuitas haviam colhido, e com as idéas então dominantes, que os nossos aborigenes eram homens primitivos que tinham parado na primeira etapa da civilização, ou antes homens que não possuiam um passado historico, descuidaram-se de fazer um estudo philosophico e critico sobre a sua religião, de modo que quasi nada nos ficou da mythologia brasileira.

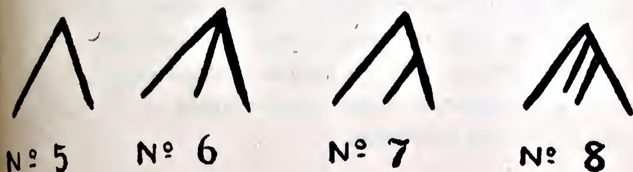
A cruz, dissemos, é a imagem da luz, e a luz é a essencia da divindade.

Logo podemos estabelecer a seguinte fórmula:

Divindade = Luz. Luz = Cruz.

O valor graphico da cruz, na escripta prehistorica, era puramente mnemonico. Fitando esse signo, toda uma serie de factos era invocada, desenvolvida no espirito do homem ante-diluviano. A idéa de *Tizil* arrastava ao mysticismo. Todo um thema divino desdobrava-se no espirito; depois passava-se para outro thema humano ou então descia-se a cousas. E assim se explica como uma simples cruz gravada num rochedo podia encerrar em si toda uma historia.

A cruz deu origem a outros signos que se transformaram em lettras, taes como T e X.



Incluimos estes quatro signos, representando angulos, numa só significação.

São figuras do feixe de luz e portanto representam a divindade.

Acabamos de ver que a cruz é a principal divindade e que contem em si todas as divindades da luz, divindades bôas, como a luz do sol ou outros astros e divindades do mal como o raio e o trovão.

Os signaes acima, representam a divindade do bem, a parte bôa de *Tizil*. Aqui chamam-se simplesmente *Ilú*.

Os angulos são mais abertos, mais ou menos longos. Os raios ou podem partir do fóco representado pelo vertice ou podem, como nos signos numeros 7 e 8, um raio partir doutro raio luminoso.

Como se verifica em o quadro das analogias, os presentes signos encontram identicos ou semelhantes em todas as outras regiões, incluindo a da Grecia e da Phe-

nicia, onde formam caracteres alphabeticos e por conseguinte representam sons de letras.

Nessa ordem de idéas, constata-se que os nossos signos correspondem, graphicamente, á *iod* do phenicio e do hebraico primitivo, pois a semelhança é flagrante.

Em seu valor mnemonico, elles desenvolviam um thema de luz, creação do mundo, Deus de bondade, bondade das creaturas e por generalização — bom tempo, bôas colheitas, felicidades.



Nº 9

O nosso *L* latino corresponde ao *lambda* grego moderno, este corresponde ao *lambda* do grego archaico o qual é igual, sob o ponto de vista graphico, ao *lamed* phenicio.

Os dois ultimos signos são muito identicos ao nosso signo prehistorico que encima o presente paragrapho, o qual tem ainda similares no *lamed* do hebraico e do palmyriano, pelo que achamos não haver repugnancia em

acceitar-se o signo prehistorico em questão como o antepassado do nosso actual *L*.

Diremos logo de começo que, de nossos estudos a respeito, concluimos que elle corresponde phoneticamente ao som *ilan*, som que se decompõe em *il* e *an*. *Il* é uma simplificação de *ilú*, luz, e *an* ou *pan* é a onomatopaica do trovão. Graphicamente, o signo é a imagem ou a pictogravura do relampago ou do raio. Literalmente seria luz do trovão. Como luz e trovão eram divindades, esse signo serviu para designal-as.

Foi *Tuplan* entre os atlantes, foi *Tupan* entre os nossos aborigenes, foi *Il* e *Elle* entre os hebraicos e palmyrianos. Na escripta deste ultimo povo o signo ainda conserva a significação de Deus.

É um signo muito primitivo no Brasil. Como teremos de ver, elle, representando *Tupan*, modifica-se, agglomera-se com o correr dos tempos. Nós o encontramos isolado num rochedo nas cabeceiras do Riacho Branco, em Viçosa, Alagoas. Apparece nas inscripções do Padre Telles, nas de Marajó e outras. É signo mnemonico, ideographico e representa tambem som, como nas palavras *Babal* e Brasil.

No seu valor ideographico, tem a significação de Deus e divindades da luz, do relampago e do trovão. Sendo a imagem do raio, representando o sulco luminoso deste ao cortar as nuvens, é por excellencia o seu significado. Por extensão significa ainda *senhor, força, poderio*. No valor mnemonico lembra casos de fulminação, tempestades, trovoadas, morte, desgraça, ameaça, etc.

Confunde-se, ás vezes, na graphia, na phonetica e na significação com o signo *mbú,* cobra. Relaciona-se com o signo *zig,* do qual não é mais do que uma modificação. Combina-se com outros signos para formar agglomerados, mudando ás vezes de significação.

Como vimos no começo deste paragrapho, elle evolue até a nossa lettra *L.*



Nº 10 10 A

O signo n. 10 foi o antepassado da nossa letra *Z.*

Affecta estreitas relações com o *ilan* de que acabamos de nos occupar. Rigorosamente é o mesmo signo, ligeiramente modificado e em posição differente. É tambem a figura do raio ou relampago.

Passou intacto da prehistoria aos nossos dias, com a mesma graphia e quasi com o mesmo som. Deriva-se de *tizil* e assim significa tambem luz, mas luz de trovão, portanto dá a mesma idéa de *ilan.*

Como a luz do relampago ou do raio, é rapida, movel, instantanea, elle tem tambem um valor ideographico de força e movimento.

Agglomerando-se forma no velho continente a *swastika* (n. 10 A) e a idéa de força, neste caso, estende-se á

força vital, ao principio que produz e entretem a vida. (74)

Dá tambem, como *ilan* e como *mbú,* uma idéa de poderio e grandeza. Lembra o deus fulminador, o demonio, a força destruidora. Sob o ponto de vista mnemonico, recorda ou desenvolve themas de destruição, vendavaes, temporaes, etc.

Este signo evoluiu de mnemonico e ideographico a phonetico.

Apparece no systema arameu formando o *zain,* apparece no iberico formando o *dz*. O som *z* ou *dz* vem da onamatopéa *dzil.*

---

(74) Não sabemos se a *swastika,* ou cruz *gammé* dos francezes, (a ultima denominação é devida ao facto della possuir algo, na forma, da lettra *gamma,* grega) se acha na escripta prehistorica do Brasil. Não a vimos nos desenhos da louça de Marajó, onde se encontram os mais variados caracteres. O sabio Alexandre Bertrand, num extenso capitulo de sua já citada obra, diz que a *swastika* representa a roda do carro do sol e que se acha ligada a tradições gaulezas e de outras partes do mundo sobre o culto do sol. "Em pontos os mais distantes e os mais diversos do *mundo conhecido dos antigos,* na Asia Menor, na Grecia e nas Ilhas Hellenicas, em Chipre, em Rhodes, na Gallia, em Inglaterra, na Irlanda, no valle do Danubio, no Caucaso, na Escandinavia, na India e até no Thibet, encontramos ainda esse signal gozando ou tendo gozado um papel symbolico importante". Das gravuras da mesma obra, se deprehende que elle já existia em Troya. Discordando das idéas de ser imagem do carro do sol, aceitamos no entanto, as que o consideram ligado ao culto do fogo e das divindades da luz. Nas figuras humanas de Bertrand, vê-se a *swastika* no ponto occupado pelo coração, indicando assim a força motora da vida.




Nº 11 Nº 12

O signo II, que tem a fórma de um *H* deitado, nada offerece de commum com esta lettra. É uma modalidade graphica do numero 10. No phenicio archaico representa o *zain* e no sidonio, tambem representando o *zain*, já se nota uma fórma de transição. É portanto um dos antepassados do nosso *Z* e a elle applica-se o que acabamos de dizer sobre o signo 10.

O numero 12, identico ao nosso *I* de imprensa, é tambem uma modificação graphica do numero 10.





Nº 13 Nº 14 Nº 15

Riscos ou traços gravados em rochedos ou pintados na louça de Marajó. Nos rochedos, alguns apparecem

com uma extensão de 50 a 60 centimetros. Têm a profundidade de um centimetro. As extremidades, em regra geral, são afiladas. Apparecem, ora isolados, ora em grande numero. Nas margens do Riachão, em Viçosa, contamos vinte traços numa só pedra. Informaram-nos que no sitio Jatobá, no mesmo municipo, contaram 80 riscos.

A disposição que affectam é muito interessante: verticaes ou horizontaes, ora são parallelos, ora obliquos, ora se cruzam em barafunda, dando as mais variadas figuras geometricas, reproduzindo muitos dos signos rectilineos de que tratamos no presente trabalho.

Tem-se uma perfeita idéa desses riscos olhando-se o entrecruzamento das dobras da palma da mão.

São esses traços que alguns autores consideram como sulcos de afiação de machados do homem primitivo — interpretação erronea, como já procuramos demonstrar noutro ponto desta obra. São ainda identicos aos que o Padre Simão diz ter visto em Cabo Frio e que, segundo uma lenda, dos indigenas, eram marcas do bastão de Sumé.

Esses riscos são encontrados em todo o Brasil, na Europa, Asia e Africa, entre as inscripções megalithicas, sabeanas e bérberes.

Louis Rinn (citado por Gattefosse), que procurou interpretar os signos bérberes do norte d'Africa, lembra que os riscos dão idéa de columnas erguidas representan-

do imagens da divindade: uma columna seria o *menhir*, a pedra bruta, o cháos, o deus desconhecido; duas columnas lembrariam um templo.

Acceitando algumas idéas desse engenhoso autor, no que diz respeito a outros signos, as regeitamos no caso em questão, achando-as ainda mais abstractas quando elle affirma que um traço é um signo igual á nossa letra *N*, e dois traços, outro signo, igual á letra *L*.

O *menhir*, como teremos de demonstrar, é realmente a imagem da divindade, mas nada tem de commum com o risco de pedra. Este, a nosso ver seria a imagem, a gravura do obelisco, o qual, por sua vez é a representação do raio de luz.

Os riscos de pedra constituiram um dos systemas graphicos mais antigos; succederam ao cyclo mnemonico calculiforme do *muyrakytã*. (75)

Primitivamente o seu valor significativo seria identico aos dos signos 5, 6, 7 e 8 e nestas condições seriam tambem os avoengos do nosso *I* latino.

Parece que mesmo nos tempos prehistoricos elle deu origem a um outro systema de escripta: o *oghamico*. de fundo commum, mas já tendendo a se diferençar.

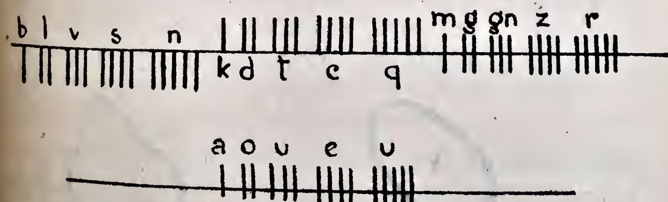
Em uma nossa memoria apresentada ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, em 1910, já fiz-

(75) Um systema mais ou menos identico ao dos riscos de pedra ainda existe hoje entre os nossos homens do campo — é o systema de entalhes nos troncos de arvores para indicarem a direcção nas florestas.

mos sentir a analogia existente, no aspecto geral dos riscos de pedra da Viçosa e a escripta *oghamica.* (76) Como nesta, a disposição dos riscos, a relação de uns com outros, o parallelismo ou a maior ou menor inclinação, a collocação acima ou abaixo de um traço principal, o cruzamento e a maneira desse cruzamento, podem expri-

---

(76) O alphabeto *oghamico* ou das pedras de *ogham,* segundo uns, deriva-se de Ogmios, deus da mythologia celtica, o qual teria ensinado aos homens a arte de escrever. Na sessão realizada no dia 3 de Junho de 1872, no Instituto Anthropologico da Grã-Bretanha, Holder deu noticias dessas inscripções que se encontram principalmente na Escocia e na Irlanda. Era a escripta nacional dos gaulezes. É formada de traços perpendiculares e obliquos collocados acima ou abaixo de uma linha ou cruzando-a. Tal systema de escripta perdurou na Inglaterra e na Bretanha, até o V ou VI seculo depois de Christo. O valor das letras já está explicado. Tem-se encontrado muitas lapides de tumulos com caracteres latinos e oghamicos. O alphabeto oghamico consta de vinte signos divididos em quatro grupos como se vê na seguinte gravura:



No que diz respeito á forma, pensaram que os caracteres se originavam de ramos dispostos de distinctas maneiras. Sobre o alphato oghamico, podem-se consultar entre outras obras as seguintes: — *Enciclopedia Espassa,* artigo *ogham;* Arbois de Joinville — *L'alphabet irlandez primitif et le dieu Ogmios* (1881); Fergusson — *Ogham inscriptions in Irland* — Edinburg, 1887.

mir varias idéas, varios themas que o estudo minucioso da mnemonica poderá um dia resolver.

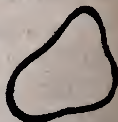
Os lithoglyphos copiados por Martius na serra do Anastacio, na Bahia, mostram um grau de parentesco notavel com os caracteres oghamicos.

Lembramos que na escripta nabatheana, os traços serviam para designar numeros.

Uma conclusão que tiramos do estudo acurado de algumas figuras prehistoricas, é que os riscos ou traços tinham um valor ideographico de graças ou favores. Realmente, sendo signos figurativos, sendo imagem do raio de luz, e por sua vez este representando uma graça da divindade ao homem, comprehende-se a logica do que adeantamos. Por extensão significam, tambem, louvores. Deduz-se esta ultima interpretação do seguinte facto: o homem prehistorico recebia a luz como um dom da divindade e para se tornar grato á mesma, bajulava-a, accendendo fogos e fogueiras de sacrificios, isto é, retribuindo-lhe a luz astral, que recebiam, com a luz de que dispunham. Portanto, accender o fogo do holocausto era louvar a divindade. D'ahi a extensão do signo.



Nº 16



Nº 17

Estes signos representam *ita* ou antes *beita* — a pedra.

Remontam a uma alta antiguidade e apparecem ora apenas esboçados os seus contornos, ora cavados na superficie dos rochedos.Neste ultimo caso, a escavação varia de tres centimetros de profundidade a uma ligeira depressão, sendo porém, escavação e depressão, lisas, dando ao tacto uma sensação de maciez. Vimos estes signos á margem do Riachão e em rochedos do leito do Parahyba, em Viçosa de Alagôas.

João Severiano descreve signos mais ou menos identicos no Rio Madeira. São depressões ovaes, ellypticas ou periformes. Todos são semelhantes aos caracteres da Gavea, no Rio de Janeiro. Apparecem iguaes ou modificados nas inscripções do Padre Telles e na louça de Marajó. Fóra do Brasil, são encontrados entre os signos sabeanos e nos monumentos megalithicos de França.

Representam figuras de pedras roladas e polidas pela acção das aguas.

É possivel que, primitivamente, taes pedras tivessem servido de symbolos e de elementos da escripta calculiforme mnemonica, symbolos que eram imagens da divindade e que depois foram gravados.

O culto da pedra era generalizado em todo o mundo anti-diluviano.

No bello começo do capitulo sobre a litholatria, em sua interessante e erudita obra — *La Religion* — André Lefèvre nos diz o seguinte:

"Entre os povos os mais afastados pela distancia, pela raça, pela cultura, no Perú como na Arabia, na Ita-

lia ou na Grecia como no Mexico, entre os Assyrios e os Gaulezes como nos gelos da Siberia, na Judéa tanto como na Oceania ou na Africa, em todas as regiões da terra e desde a mais alta antiguidade, o mundo mineral tem sido misturado a todas as crenças e a todas as liturgias. Elle tem fornecido ornamentos e amuletos ao homem quaternario, armas aos demonios do raio, moradas e fórmas aos espiritos e aos deuses, emblemas aos sexos e aos astros, balisas á memoria. A maior parte dos grupos humanos, em datas desconhecidas e diversas, atravessaram um periodo em que o culto das pedras — seixos rolados, montanhas, rochedos, cavernas, vulcões, metaes — têm por assim dizer occupado o primeiro lugar."

Mas o illustre escriptor francez não nos dá uma explicação complexa, acceitavel, sobre a causa, sobre o porque da litholatria. Attribue esse facto á seducção da fórma e da côr, ao medo e ao mysterio que certos rochedos podem inspirar pelo seu aspecto ou collocação, ao temor que a pedra produzia, visto ser então o elemento primordial de instrumentos de morte, taes como a acha e a ponta de flecha.

Lembra ainda o facto dos meteoritos, das pedras cahidas do céo. Este ultimo argumento é muito razoavel: se pedras vinham do céo, logo deveriam possuir alguma cousa de natureza divina. Tal argumento porém não é o principal.

A nosso ver, a causa da divinização da pedra póde ser encontrada no seguinte facto: da pedra sahe a faisca

ca, a fagulha, o fogo, a luz, portanto a pedra era a habitação, a morada, a geradora, a mãe de *Tizil*, o deus supremo, a principal divindade que em si encerra as outras divindades, o principio da vida, a alma do mundo.

O proprio vocabulo brasilico *ita* já dá a entender o seu principio divino. *Ita*, é uma palavra da lingua geral com a qual os indios designavam a pedra, segundo pensamos, porém, é apenas a terminação do vocabulo *beita*, o qual dá uma idéa mais completa da significação.

Beita, rigorosamente falando, é casa, residencia da luz e do fogo. Tal palavra decompõe-se em *bê* e *ita*: *bê* é um som onomatopaico — é o ruido da pedra que se choca de encontro a outra pedra, é por assim dizer a voz da pedra se nomeando. A terminação *ita*, por sua vez, decompõe-se em *i*, que é uma articulação e uma abreviatura de *il*, luz, e *ta* (que formou o *tatá*, fogo dos nossos indigenas) que não é mais do que outro som onomatopaico — o ruido, o estalido, o crepitar da chamma.

Em synthese: a pedra foi divinizada porque continha em si luz e fogo, porque era considerada a mãe, a geradora das principaes divindades. (77)

---

(77) Os nossos primeiros chronistas do Brasil dizem que os indios produziam fogo pelo atrito de dois pedacinhos de pau — um despontado, de madeira dura, o outro fragil, leve, bem secco; fazendo voltear a ponta do primeiro sobre o segundo, rapidamente, o pau secco acabava incendiando-se. Esse modo, real, não ha duvida, muito commum entre alguns povos primitivos, não era, no entanto, usado pelas nações brasilicas. Estas tinham o fogo ferindo uma pedra sobre outra, modo que nos parece mais primitivo. Ainda hoje, nas

Foram preferidas para a divinização as pedras que tinham as fórmas ellypsoide, ovoide e amygdaloide, porque estes solidos geometricos affectam mais ou menos o aspectos da lingua de fogo, da chama.

Pedras nessas condições são muito disseminadas por toda parte — nos rios, nos mares, são pedras roladas pela acção das aguas. Nos campos tambem se encontram essas fórmas amygdaloides de diversos tamanhos muito lisas, muito polidas; parece que são os taes blocos erradios, transportados á distancia pelas aguas diluvianas de éras geologicas primitivas. (78)

Nota-se agora que as raizes *it* e *bê,* no vocabulo brasilico *ita* ou *beita,* são encontradas em muitos vocabulos do velho mundo, significando ora pedra, ora fogo, ora divindades do fogo: no Grego tem-se *lithos,* pedra; no hebraico e no phenicio *bethylo* ou *bithylo*; no latim *petrum,* pedra; no sumeriano *ot,* pedra; no babylonico *bitú,* casa, terra e portanto pedra, e ainda temos Vesta,

---

mattas e sertões, os descendentes dos indios usam o *binga,* a pederneira e o fuzil. Este é uma lamina de aço e o *binga* é uma ponta de chifre de boi cheia de algodão.

(78) Estas considerações que fizemos acima, nos vêm trazer tambem muita luz sobre o papel de alguns monumentos prehistoricos que se encontram por todo o mundo. Queremos falar dos *dolmens* e dos *menhirs,* os quaes, conforme se pode verificar, são construidos muitas vezes de pedras amygdaloides. Em diversos *dolmens* de França, as mezas são formadas por bellos monolithos que representam pêras de pedra. A mesma particularidade observamos nos dois *dolmens* que tivemos occasião de vêr em Viçosa, no Estado de Alagoas. Os alinhamentos dos menhirs de Carnach na Bretanha, são tambem de pedras amygdaloides.

deusa do fogo entre os latinos, Hephaisto e Prometheus, deuses ou semi-deuses do fogo ou ligados ao fogo.

Na divinização da pedra, como já fizemos sentir, temos a considerar dois cyclos correspondentes a duas épocas: o cyclo de *beita* ou *ita,* isto é, o cyclo da pedra naturalmente polida pela acção das aguas e o cyclo *muyrakytã,* ou da pedra polida pela acção do homem. Estes dois cyclos parecem ter obedecido a uma ordem chronologica, mas não nos sendo possivel em nossa exposição seguir essa ordem, visto como a explicação de um signo depende da interpretação de outro (isto na maioria dos casos), resolvemos então seguir a subordinação, não despresando, porém, no texto ou em notas, os detalhes concernentes á antiguidade, aos cyclos, etc.

Os signos *beite* ou *ita,* graphados como ellypses ou fórmas ovaes, não passaram no Brasil prehistorico de signos mnemonicos ou ideographicos. Em compensação deram origem a muitos derivados graphicos os quaes, por sua vez, transformaram-se em letras alphabeticas, como teremos de ver em outros paragraphos.

Esses signos desenvolvem themas de creação, producção, geração, maternidade, origem da divindade, origem da luz, do fogo, do calor e do homem. Adivinha-se nelles um thema geral cosmogonico. Os signos de *beita,* como se verá mais tarde, ligam-se ou identificam-se com o signo do ovo gerador, com o germen de *mbú,* a grande serpente do espaço.









São modificações de *beita* ou *ita*.

O primeiro signo é a pedra partida e o segundo e o terceiro são fórmas evolutivas do primeiro. O 19 deu origem ás nossas letras B e H, com arredondamento dos bordos para a letra B e com perda das hastes horizontaes superior e inferior para a lettra H.

A transformação do signo 19 no signo 20 é antiquissima, data dos riscos de pedra. O H, já se encontra nos rochedos de Viçosa e nas inscripções do Padre Telles.

Todos esses signos, sob o ponto de vista mnemonico, despertam o mesmo thema de *beita*.

O H, apparece entre os signos sabeanos, entre os megalithicos de França, em Creta e na Acadia entre as populações sumerianas. Evolue até caracter alphabetico. No grego archaico e no grego moderno, representa a letra *eta* (designação quasi igual a *ita*), letra que deu origem ao nosso H latino. O iberico primitivo tambem conserva a mesma fórma. No phenicio a letra em questão não é igual mas possue traços. Vê-se pois que este signo H se estende da prehistoria até os nossos dias.

É preciso notar que o signo 19, mesmo nos tempos historicos, apparece como H no grego primitivo, no hebraico (heth) e no iberico.

Quanto ao numero 21, evoluiu até som syllabico e delle teremos de nos occupar em outro paragrapho. Apenas o estampamos aqui para mostrar-lhe a derivação de *beita*.

T

Nº 22

Como já vimos, toda a divindade antiga era sujeita a desdobramentos, os quaes se estendiam não só ao poder funccional mas tambem á designação phonetica e á expressão graphica.

Tizil, decompõe-se em *ti* e *zil;* este ultimo elemento, ou simplesmente *il,* designa uma divindade parcial da luz, representando pictoricamente o feixe de luz. Já o estudamos.

Ti transformou-se em *tê* — é uma parte ou uma simplificação de *Tizil,* tendo o poder funccional da principal divindade. No Brasil prehistorico, o elemento *tê* era representado pela cruz simples, diminuida da haste vertical superior, tal qual o nosso actual T maiusculo de imprensa.

Era portanto uma das formas ou imagens da divindade suprema. Representavam-na, ora sob a forma de amuleto talhado em pedra verde, ora gravado ou pintado nos rochedos e na louça de Marajó. Como amuleto, passou mais tarde a elemento da *escripta calculiforme,* e nossos indios o designavam com o nome de *tembetá* ou *muyrakytã.*

Se bem que a ultima palavra pode ser tomada num sentido geral, significando todos os amuletos de pedras polidas pela mão do homem, principalmente pedras verdes, ha uma distinqção a fazer entre *tembetá* e *muyrakytã.* O primeiro era uma imagem modificada de *Tizil* e o segundo a imagem de uma divindade feminina, da qual teremos de nos occupar adeante.

A palavra *tembetá,* primitivamente, talvez fosse *temubeitá* (*tê* — deus, *mú* — o abysmo do espaço ou do mar, *beita* — pedra; portanto a tradução literal será — deus do mar feito de pedra).

Como já dissemos, o *tembetá* era um amuleto feito de pedra verde ou nephrite. (79)

---

(79) Porque os geologos dão o nome de nephrite á jadeite? A palavra nephrite, em linguagem medica, significa inflammação dos rins. Vem do grego *nephris,* rim e *ite,* inflammação. Á primeira vista a relação entre nephrite molestia e nephrite pedra, parece muito distanciada. Mas, já não falando no caso de quererem achar uma possivel semelhança entre a pedra em questão e os calculos vesicaes e renaes, já não falando no emprego que os antigos davam ás pedras verdes — remedio contra as molestias dos rins, nota-se o parentesco entre *ite,* inflammação, e *ita,* pedra *Ita,* terminação de *beita,* era luz e fogo. O fogo liga-se á

Aos primeiros chronistas de nossa terra, chamou logo a attenção o facto dos indios usarem esse adorno no labio inferior. (80)

Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, foi o primeiro a mencional-o, na celebre carta enviada a el-rei D. Manoel.

Mais tarde, occuparam-se delle os historiadores Damião de Goes, Gandavo, Leri, Ives d'Evreux, o Padre Simão de Vasconcellos e outros.

---

flamma e portanto á inflammação. *Ita*, lembra lithos, pedra em grego.

Diversos lithos, conforme os hymnos orphicos, eram empregados como amuletos curativos: o crystal, que produzia a flamma, curava as dores dos rins, a *galalite*, semelhante ao leite, augmentava este nas mães, a *ostrite*, manchada como a pelle das cobras, era remedio contra veneno destas.

(80) Os indios do Brasil usavam o *tembetá*, em regra geral, enfiado no beiço inferior. Os portuguezes ao verem tal anomalia, julgaram que os indios eram a mais baixa expressão da intellectualidade. Os europeus acharam que usar um botoque no labio era o cumulo da estupidez. Os missionarios e os jesuitas não se deram ao trabalho de investigar o porque daquillo que julgavam aberração. Limitaram-se apenas a registrar o facto com despreso. No entanto, um inquerito philosophico descubriria no *tembetá* não um esquesito objecto de esquesito adorno, mas um objecto religioso, um amuleto divino ao qual, pela sua hierarchia, pela sua importancia, mister se fazia alojal-o na parte mais nobre do corpo, nos labios. É nos labios que se dá a consagração do beijo — uma das expressões de amor, amisade ou profundo respeito. O noivo beija a noiva, a mãe beija a fronte da filha, o cenobita e o crente beijam os pés chagados da santa imagem de Jesus, a criança leva aos labios tudo o que lhe agrada; o indio enfiava no beiço o symbolo do seu Deus. Não fazia mais do que realizar um sentimento innato na especie humana.

Pelo ultimo quartel do seculo passado, voltou a ser assumpto de interessantes estudos entre nós, por parte de Barbosa Rodrigues, Ladislau Netto e Affonso Arinos.

Como amuleto, não se generalizou no antigo continente. Apparece como signal graphico na Etruria, em Creta, entre os povos sabeanos, no Egypto prehistorico e no alphabeto grego archaico. O *tê* prehistorico identifica-se, depois, com o *tau* do grego moderno. No texto phenicio e no hebraico primitivo, elle retoma a forma originaria da cruz.

Como o *tau* grego deu origem ao nosso T latino, segue-se que nos sentimos habilitados a reconstituir toda a ascendencia graphica, symbolica e phonetica dessa lettra do nosso alphabeto. E assim temos: T (latino) = T (*tau* grego) = T (*tau* grego archaico) = (*tau* phenicio) = (*tau* hebraico archaico) = T (tê prehistorico) ou *tembetá.*

Symbolicamente, o *tê* prehistorico, como parte da cruz, é uma divindade e nesta significação, com o nome de *Téo,* apparece entre os gregos e ainda representando o martelo de *Thór* ou o proprio *Thór,* o deus dos temporaes e do trovão, vae tambem apparecer na mythologia Escandinavia.

No Brasil prehistorico lembrava, mnemonicamente um thema divino — deus, céo, luz, poder, força.



Nº 23

Amuleto e signo graphico. No primeiro caso era feito de pedra verde, nephrite. Tinha a forma de um pequeno disco, mais ou menos de dois centimetros de diametro. Esse disco, muito polido, era escavado no centro e perfurado. Os indios o usavam encaixado no labio inferior ou no lobulo da orelha, deformando horrorosamente essas partes do corpo. Como o signo de que acabamos de tratar no paragrapho anterior, este tambem era denominado *tembetá* ou *muyrakytã*. Já vimos que estes vocabulos não podem ser tomados num mesmo sentido. A nosso vêr *tembetá* designa o signo *T*, divindade masculina, e *muyrakytã*, a divindade feminina.

Muyrakytã, decompõe-se em *mú*, *yara*, *ky* e *ita*.

Mú dá a idéa de mar ou agua; *yara* e *ky* de pessoa, ser, e *ita*, pedra. Portanto a tradução literal seria: imagem ou representação em pedra da senhora do mar ou da agua, ou então simplesmente deusa do mar ou das aguas.

Qual a razão porque os primitivos representavam a divindade das aguas sob a fórma de um disco de pedra verde? É o que vamos demonstrar, mas de começo faremos notar que o caracter de feminilidade já se manifesta na forma. A pedra é perfurada no centro. A côr verde já desperta a idéa do mar. Porém em nosso modo de julgar, a verdadeira origem do amuleto, e portanto do signo, repousa numa lenda antiga, lenda que ainda hoje se encontra entre os naturaes do Brasil. Como se sabe, os povos primitivos para tudo criavam divindades. O mar, os rios, e os lagos não teriam de fazer excepção. A divindade masculina era *Mú*, de que teremos de nos occupar mais adeante, e a feminina era *Yara*, por extensão *Muyrakytã*, isto é a mulher de *Mú*.

Na superficie da agua tranquilla, quando cae um objecto qualquer, desenvolve-se uma serie de circulos concentricos ou ondulações. Estas ondulações, ás vezes, apparecem ou se manifestam sem causa apparentemente conhecida; em muitos casos é um desprendimento de bolhas gasosas, noutros casos é o movimento silencioso sob a agua, de algum pequeno peixe ou molusco.

Supersticiosos por natureza, os homens primitivos ao verem essas ondulações julgavam-nas os olhos da deusa dos abysmos.

Era a mulher de *Mú*, era *Yara* que estava a olhal-os. D'ahi a representação da deusa pelo circulo concentrico.

A *Yara*, *Oiara* ou *Uiara* — mãe dagua dos nossos indigenas, essa especie de genio das aguas, posteriormente passou a ser meio anthropomorphizada, como a sereia: metade mulher e metade peixe. Ao clarão prateado do

luar, apparecia boiando na superficie dos rios ou dos lagos, com fórmas encantadoras, de olhos azues e cabelleira verde, sempre a cantar, tentando os jovens e incautos pescadores.

Achamos ainda que o amuleto em questão se prende tambem ao culto da lua e ao da terra. Explica-se essa ligação porque a luz do luar descreve circulos concentricos na superficie das aguas. *Jacy* ou *Yacy* ou *Iaty* — a deusa da luz — era tambem a deusa dos rios, dos lagos e do mar. (81) A relação com a terra parece se achar no facto do nosso prehistorico pensar que a lua era a imagem daquella reflectida no céo.

Ainda em nosso paiz, o amuleto passou a ser signo graphico e assim o vemos nas inscripções do Padre Telles de Menezes e na louça de Marajó. Apparece nesta ultima como caracter symbolico, ora representando os olhos das figuras, ora os ouvidos, ora a cicatriz umbilical, ora a parte sexual feminina, significando esse facto a tran-

---

(81) A interpretação acima do vocabulo *Jacy* é toda nossa, baseando-nos na etymologia prehistorica. *Yacy* ou *Iaty* desdobra-se em *Yara* e *Ty*. *Yara* por sua vez desdobra-se em iá — luz e rá — força, raio, uma outra divindade que estudaremos mais adeante. A tradução literal de Yara seria: *luz em que se manifestou a força de Rá;* foi essa luz a divindade feminina das aguas. Anthropomorphizada, como dissemos, passou a representar mulher, especie de nympha e dahi a extensão do nome á senhora. Quanto á terminação *ty*, já vimos, designa deus. E assim temos tambem a tradução literal de *Jacy* — deus ou deusa ou senhora da luz, seria o feminino de *Tizil*, ou de *Tê*. Precisamos notar que muitos dos nossos ethnologos, por exemplo o dr. Theodoro Sampaio, dão o significado de *Jacy* — á mãe dos fructos, a lua.

sição da divindade-symbolica para divindade anthropomorphica. (82)

No velho mundo, o amuleto desapparece e apenas se encontra o signal graphico. Vemol-o na antiga Babylonia (entre os sumeres), no povo sabeano, entre os monumentos megalithicos de França, na Etruria, em Creta, na Grecia antiga e sobretudo na Phenicia. (83) Neste ultimo paiz, o signo se mostra em tudo que tem relação com o culto de Astartéa — nas pilastras, nos monumentos e nos templos consagrados á deusa.

Ainda na Phenicia, é commum nas galéras e embarcações, o que parece demonstrar que a deusa representada pelo seu symbolo, era a deusa dos abysmos e do mar, a protectora dos navegantes. Astartéa parece a fusão das divindades babylonicas Istar, deusa dos abysmos, e Géa ou Gê, a deusa da terra ou a propria terra; deve

---

(82) Uma das provas de que os desenhos da louça de Marajó não são traços vagos, sem significação, é o facto das figuras anthropomorphicas serem sempre formadas (pelo menos em suas partes essenciaes) por signos que consideramos representação da divindade. Acreditamos sermos nós os primeiros a mencionar este facto intencional dos nossos primitivos. Em taes figuras se vê o signo *T* servindo para formar a saliencia nazal e as linhas superciliares; a cruz collocada na fronte ou no lugar do coração e o mais como dissemos acima. Notaremos de relance que a mesma singularidade de se fazer representar em figuras ou imagens por meio de symbolos sagrados, se observa entre os desenhos representativos de homens e mulheres, de Babylonia e da Phenicia.

(83) O signo é muito commum tambem nas ruinas das antigas civilizações do Mexico. O amuleto de pedra verde se encontrou na estatua de Qualtzacuolt, tudo parecendo mostrar que amuleto e signo vêm das civilizações da Atlantida.

ser a mesma Tanit dos carthaginezes, a mesma Éa dos acadianos.

Estes dois ultimos nomes parecem derivados de vocabulos brasilicos: Tanit lembra a divindade Tupan e quanto a Éa julgamos ser a mesma *Iá*, a nossa divindade das aguas, *Yara*, de que nos occupamos ha pouco.

Seja porém Astartéa, Istar, Géa, Tanit, Éa, Iá, Yara, Jacy, o certo é que o amuleto e depois o signo, no Brasil e no velho mundo, serviram para designar uma divindade feminina e poderosa — a esposa, a mulher do deus principal que, de accôrdo com as idéas do tempo podia se fundir no mesmo deus, formando uma só pessoa.

Por outro lado, verifica-se na tábua da theoria de Rougê (ver Clodd, obra já citada, pg. 141) que o nosso signo 23 tem o mesmo valor da cruz anular a qual, no grego archaico representa a letra *théta*, isto é o *th* latino. No italiano antigo a cruz anular tambem figura o *th*.

Pode parecer um pouco mais difficil a transformação de *muyrakytã* em *théta*, entretanto attendendo-se ás considerações que vamos fazer julgamos que as complicações desaparecerão. Uma das formas de *beita* ou *ita* era tambem a circular, lembrando a pedra rolada. A figura de *ita* perfurada no centro, isto é, o circulo concentrico, portanto o muyrakytã, dá a idéa de feminilidade e ainda a de copula e fusão com outro elemento. Dá a idéa da acção, da força do elemento masculino sobre o feminino. É a divindade *tê* que actua sobre a divindade muyrakytã, aqui tomada no sentido de *ita*, que como vimos, deu origem a *eta*. Portanto o signo é um

agglomerado de dois elementos que se contraem ou se fundem. Pronunciados juntamente formam *teta* cuja expressão graphica é a expressão de fusão.

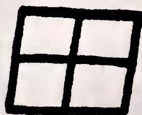
Veremos adeante que essas fusões de symbolos de divindades e de signos são muito communs na prehistoria brasilica.

Conclusão: o signo 23 foi a principio amuleto, representando uma divindade feminina; de amuleto passou mais tarde a signo graphico e nestas condições evoluiu no velho mundo até se tornar letra alphabetica — a letra *theta,* grega, que deu origem ao nosso *th.*

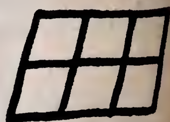
Sob o ponto de vista mnemonico, o *muyrakytã* desenvolvia um thema de divindade feminina das aguas, de poderio, de terra, de luar, de adoração, de agua, de chuva e protecção.



Nº 24



Nº 25



Nº 26

São tambem figuras graphicas de pedra, de *ita* ou *beita.*

O signo n.º 24, chamado por alguns autores cruz anular, é a representação da pedra contendo a luz, a fagulha, portanto contendo a divindade. É o continente contendo o conteúdo. É a mãe da divindade encerrando a divindade. É *Tê* no seio de *Ita,* é *Teta* ou antes *Théta,* vocabulo que passou mais tarde a designar uma letra grega que tem a mesma graphia do signo numero 23 e que deu origem ao nosso *th,* como já vimos.

Nota-se aqui a relação intima entre a graphia e a phonologia, entre a figura e a designação vocal: *Tê* mais *Ita,* ou *Éta,* igual a *Theta.*

Deveriamos estudar estes signos entre os agglomerados, porque de facto elles são agglomerados, mas por amôr ao methodo resolvemos tratar delles agora.

O signo n.º 25, é uma modificação graphica do n.º 24, e o n.º 26 é um *theta* duplo.

Já se vê que no velho continente, o 24 e o 25 evoluiram até representarem letras. O n.º 26 dá a idéa de geminação. O thema é mais ou menos identico ao dos signos anteriores, accrescentando ainda a idéa de pluralidade.

No Brasil prehistorico, conservaram todos os seus valores mnemonico e ideographico. Entretanto, em algumas inscripções já mostram uma tendencia geral para o phonetismo. O thema geral é o dos signos de *ita.*



N.º 27

Ao lado da gravidez da pedra, o primitivo admittia a fecundação da mesma por forças celestes, por divindades taes como *Té, Rá, Ilan, Mbú* e outras.

Esta noção se verifica a cada passo no estudo dos signos. Aliás não é sómente nesse estudo que se tem noção deste conceito.

Em a narrativa biblica, o homem, feito do limo da terra é animado pelo sopro de Deus, e na mythologia grega ha o caso de Uranus, ou antes o céo, a fecundar a terra, e ainda mais a lenda de Prometheu a roubar aos deuses o fogo sagrado para dar força á argilla humana.

Portanto, esse mytho, que veio do mundo ante-diluviano, teve muito valor no mundo prehistorico e não é de admirar que por detráz delle se occulte a verdade, não só sobre a origem do homem como a da divindade em geral.

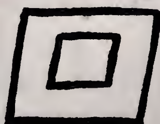
O signo acima é a expressão da fecundação, é a pictographia dessa copula de uma energia divina e da pedra. Parece que esta, sob a acção fecundante, passava a ter a accepção de terra e, por extensão, região, lugar, habitação.

Este signo, mesmo no Brasil prehistorico, evoluiu até o som syllabico *brá,* isto é *beita* mais *rá* (com eliminação de *eita* e contração de *be* com rá). O vocabulo Brasil ainda conserva esse som.

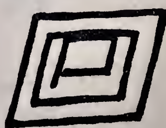
Mais tarde trataremos da relação de *brá* com *quof* ou *caf* e teremos de ver como a significação se estende á geração, creação, e como apparecm as letras *Q. G.* e *C.*



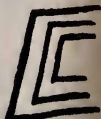
Nº 28



Nº 29



Nº 30



Nº 31

O n.º 28 é tambem a imagem de *ita*. E' a pedra virgem que ainda não foi fecundada. O 29, o 30 e o 31, representam *ita* já fecundada e ao mesmo tempo são figuras elucidativas das pedras e dos cortes do terreno, mostrando as diversas camadas e os veios.

O signo 31, na antiga Babylonia, significava terra e por extensão casa ou habitação (nesta ultima accepção tinha a designação de *bitú*).

Parece que este signo, evoluindo, deu origem a uma das formas da lettra *gamma* — a qual derivou-se de *Gê, terra em grego,* vocabulo que por sua vez vem da divindade babylonica *Éa* — a senhora da terra e das aguas.

Gê é uma transformação phonetica de *bê* (pedra e terra). *Gê* unida a *Iá* forma *Géa* ou *Éa,* o deus ou a deusa da terra e do mar.

Combinando tudo isso com o que dissemos a proposito do signo 27, vemos a lenda de geração desenvolvendo-se nos nossos signos, evoluindo em Babylonia e na Gercia e dando origem á nossa letra *G,* que aliás ainda conserva algo do *brá* e do signo 31.



Nº 32

Na paleographia grega, este signo se encontra significando a letra *P*.

Que representará o *Pi?* Achamos que é a pictographia de uma habitação vazia, vazia de um corpo material, mas habitado por um espirito. Essa idéa nos veiu de Vougüé, ao lermos a explicação que elle dá de um certo monumento funerario identico.

Ligando-se á casa, residencia, liga-se á pedra.

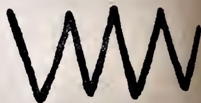
Notamos que *Pi* lembra a palavra *psychico*, que significa alma. Não é de admirar pois que o signo acima tenha tal significação.



Nº 33



Nº 34



Nº 34 A

O numero 34 é o mesmo 33, invertido.

Para interpretal-os applicamos o nosso processo: procuramos nos alphabetos historicos mais antigos os signos que a elles mais se assemelham e os encontramos no phenicio e no hebraico primitivos, nos que designam a letra *M*.

Isto já nos serve de primeiro guia.

Ainda as razões que vamos invocar muito esclarecem o ensaio de interpretação.

A letra *M* tinha no grego o som *mú*, e esse mesmo som, entre os assyrios, era um syllabico para designar a agua. (84)

A idéa d'agua entre os babylonios se divisa perfeitamente no signo que o designa: (n. 34-A) — o qual lembra o phenomeno da agua frisada pelo vento ou as rugosidades que se observam na superficie de uma pequena corrente.

Este ultimo signo, por sua vez, lembra o signo do *mu* grego, cuja expressão graphica é quasi igual ao nosso *M* de imprensa.

Por outro lado, o tridente (n. 33), o sceptro de Neptuno, o deus grego do mar, é igual, na fórma, ao nosso signo e delle parece derivar-se a letra grega.

Na propria palavra Neptuno, vê-se, embora alterada, a raiz *mú*.

Entre os egypcios, a palavra *mú* ou *nun* significava o abysmo. (35) *Num* ou *nú* é o mesmo que *mú* porque primitivamente a letra *n* fazia parte integrante de *m* ou existia em essencia no som *mú* (isto é deducção nossa).

A palavra *abysmo*, por sua vez, está ligada em sua significação a agua, profundidade, extensão, espaço e vacuo.

Como explicar esta relação? Muito simplesmente: o homem ante-diluviano tinha idéas adeantadas sobre

(84) Ver Bosan — *Assyriologia* — Milano, 1918, editor Hoepli.

(85) Primitivamente *mú* ou *nú* foi a divindade do mar e dos abysmos.

meteorologia — para elle, agua, nuvem, relampago, raio, espaço, mar e céo tudo era manifestação de um só ser potente e universal.

Do mar elevava-se o vapor d'agua, o vapor d'agua nas alturas, formava nuvens e estas produziam o relampago, o trovão, o raio e a chuva, isto é, a agua que voltava para os rios e para o mar. Dessa correlação de phenomenos, surgiu a correlação graphica e phonetica.

O som *mú* é onomatopaico da chuva. Prestando-se attenção, no silencio da noite, ao ruido da chuva, á quéda d'agua sobre as arvores ou sobre o solo, e ao ruido da enxurrada, o som que mais fere o ouvido é o som *mú*: é um *mú* prolongado — múú, úú. Portanto, o prehistorico empregou a onomatopaica *mú* para designação da chuva. Depois este nome extendeu-se á agua em geral, aos abysmos, ao espaço, ao mar e ás caudaes.

Na lingua dos indios do Brasil, entre outras palavras contendo o som *mú* e cuja significação se acha relacionada com a agua, lembramo-nos das seguintes: *caramurú, mururú, mussú, muréa* ou *moreia, motipiting*. etc.

A primeira palavra está ligada ao facto lendario de Diogo Alves. *Caramurú,* por alguns chronistas, foi traduzido por dragão do mar, e por outros "homem do fogo vindo do mar."

O termo *mururú,* ainda hoje usado, significa ficar de molho, demorar dentro d'agua; *mussú* é uma especie de moreia a qual é uma especie de peixe em fórma de cobra. O vocabulo *motipiting* significa turvar a agua.

A lingua dos indigenas não se havia modificado desde os tempos mais remotos da prehistoria até a descoberta da America. O som *mú* designava agua e mar. Conforme nota Ladislau Netto, mar, agua e rio eram denominados *pará*, Porém *pará* já era uma corruptela de *mará*.

Quando os descobridores do Amazonas perguntaram aos indios como se chamava o rio, elles responderam que o nome era *Maranan*. Ladislau Netto acha que elles deviam ter dito *Paranan* e que os europeus entenderam *Maranan* porque a pronuncia indigena do *m* tinha algo de *p*.

O que se deduz porém, o que parece mais racional é que a designação de agua, mar e rio, fosse mesmo *Mará* e não *Pará*. A terminação *an* — céo, deus, trovão — posposta a *mará*, daria a significação de *agua do céo, rio do céo*, allusão ao facto do rio ser formado de chuva, portanto d'agua vinda do céo.

Theodoro Sampaio, explicando o vocabulo *Marajó*, diz significar *braço do mar*. Vê-se, portanto, que primitivamente, entre os nossos indigenas, existiu o vocabulo *mará*, o qual era quasi igual ao vocabulo europeu *mar*, no latim *mare*, devendo todos se derivar do termo ante-diluviano *mura*, que não é mais do que uma combinação das divindades *mú* e *ra* — *mú*, a agua, o espaço, e *rá*, o raio, por extensão a força.

Ainda entre os nossos indigenas, o *mú*, perdendo o *m*, transforma-se mais tarde em *ú*.Esta terminação dá particularmente a idéa d'agua e especialmente a idéa de rio, como por exemplo, — *Mundahú*, rio dos mundéos; *Pajehú*, rio do pagé; *Anhangabaú*, rio do feiticeiro, etc.

Sobejas são as provas de que o prefixo *mú* e suas alterações *ma, me, mi, mo,* indicavam agua. Baptista Caetano, prefaciando a grammatica da lingua kariri, de Mamiani, estende-se sobre as diversas expressões da palavra agua nos dialectos indigenas; entre outros cita: *mugnon, mugnan, magnan.*

Nós encontramos ainda na lingua geral: *Massagueira,* pantano; *Maçayó* ou Maceió, restingas alagadas.

A raiz *ú,* dando a idéa d'agua, apparece na Europa, entre outros, nos vocabulos *hydro* (hydru), *pluvia, chuva* e no proprio vocabulo *agua,* no latim *aqua.* Na Assyrio, *zunnú* significava chuva, isto é, agua do céo, e *apsú* traduzia-se por oceano, profundidade. (86)

Precisamos ainda lembrar que, no hebraico, a letra *M* tem os sons de *mú, ma, me, mi* e *mo,* derivando-se estes sons de espaço.

Concluindo: os signos 33 e 34 são figurativos da agua e da chuva. Primitivamente tinham a denominação onomatopaica de *mú* e foram os antepassados da letra *m.*

No Brasil prehistorico, o seu valor foi puramente mnemonico e ideographico — serviram para desenvolver themas maritimos, themas de enchentes, rios, aguaceiros, chuvas diluviaes. Lembrava o espaço — o espaço do

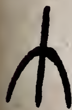
---

(86) Vimos que a palavra *mar,* no latim *mare,* deriva-se do vocabulo prehistorico *mura,* que não é mais do que a combinação de dois sons correspondendo a dois signos — *mú* e *rá.* No assyrio vemos a terminação *su,* mar, *que* provavelmente foi a origem remota de *sea,* mar em inglez; *see,* mar em allemão, *oceano,* grande mar, em portuguez. E talvez mesmo que as palavras *Sahara, Ceará,* e *Ridigem* — *mara,* lembrando mar, a elle se liguem.

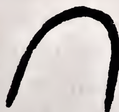
céo e o espaço das aguas ou o mar. No sentido de espaço liga-se á extensão e á noite; no sentido d'agua liga-se a mar, ás grandes e ás pequenas caudaes e aos lagos e lagôas. Unido ao signo *rá* ou *ró,* traz a idea de tempestades e furacões; lembra talvez os cataclysmas cosmicos. Unido ao signo *an*, lembra phenomenos celestes.

Posteriormente, quando as divindades se anthropomorphizaram, os signos em questão figuram a mão.

Entre os aztecas, havia uma divindade chamada "mão abençoada" que prodigalizava chuva. Era representada, ora pelos signos acima, ora por uma mão humana. Entre os Kariris, ha o vocabulo *muçambera,* significando mão ou dedos de folhas. Em muitos monigotes do Brasil prehistorico, as mãos têm apenas tres dedos. Deste facto, Hartt concluiu que os indios só sabiam contar até tres. A explicação porém, mais racional, é que elles empregavam o signo divino para significar a mão.


Nº 35


Nº 36

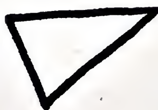
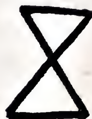
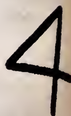

Nº 37


Nº 38

São todos variantes graphicas de *mú,* achando-se porém, aqui, particularizados. Assim é que os numeros 35 e 36 representam especialmente a chuva, da qual são a figura ou a imagem pictorica.

O signo 37 é a figura da concavidade do espaço ou do céo, é o abysmo do espaço, assim como o 38 é o abysmo

das aguas do oceano. Por uma associação de idéas o 37 lembra ainda a noite. O 38, recordando um vaso, traz a idéa d'agua e cousas liquidas.

Nº 39 Nº 40 Nº 41 Nº 42

Como estes signos se relacionam uns com os outros resolvemos estudal-os conjunctamente.

Os dois primeiros representam signos graphicos e amuletos de pedra, imagens de divindades; neste ultimo caso não são mais do que modalidades de *ita*. Têm a forma de triangulos ou de pyramides, sendo uma invertida.

A chamma, a lingua de fogo, pode não somente affectar a fórma ovoide, a fórma de pêra, a fórma de ellypse, mas ainda a fórma pyramidal. Isto pode-se verificar queimando ao abrigo do vento uma folha de papel.

O proprio nome *pyramide* já indica sua origem. Pyramide vem de pyra e pyra é fogueira, é fogo.

A fórma geometrica plana correspondente á pyramide é o triangulo, do mesmo modo que o derivado geometrico solido do triangulo é a pyramide.

Dá-se aqui o mesmo facto que já estudamos para o ovoide e para a ellypse: o homem prehistorico imaginava a divindade suprema na luz; a luz vinha do fogo e o fogo vinha de pedra. Toda a pedra que affectava

mais ou menos a fórma do fogo, isto é a fórma de chamma, era de preferencia escolhida pelo primitivo para symbolizar a divindade.

D'ahi a divinização da fórma triangular. (87)

E' claro que tendo de nos occupar das imagens pictoricas das pedras triangulares, comecemos por falar do seu papel symbolico nas edades prehistoricas.

Emquanto as pedras que affectam as fórmas de ellypsoide e ovoide são communs, como pedras roladas

---

(87) Tratando da constituição dos quatro elementos, Platão assim se exprime: "Estes quatro corpos (fogo, agua, terra, ar) nascem dos triangulos — retangulos, isoceles e escalenos. São estes triangulos a origem das moleculas de todos os corpos. Quanto ao principio desses triangulos, só Deus que está acima de nós, e entre os homens aquelles que são os amigos de Deus, o conhecem. A molecula do genero terra tem a fórma de cubo porque dos quatro corpos ella é a mais movel (cada face de um cubo é formada de dois triangulos retangulos isoceles). A molecula do genero fogo é a mais movel, a mais leve dos quatro elementos, teria a forma do menor e do mais agudo de todos os solidos, que se pode constituir com um triangulo por consequencia a de pyramide triangular. A molecula do genero agua e a do genero ar teriam a fórma, a primeira de um octaedro, a segunda do icosaedro (todos esses dois, solidos geometricos regulares) gosando de propriedades intermediarias".

Vêr o trabalho de M. Rochas — *La Physique et la Mecanique chez les grecs.* — *Revue Scientifique* — 1.º semestre de 1882, Paris.

Estas idéas de Platão, parece que eram hauridas em conhecimentos geraes mais antigos; têm qualquer cousa de esoterico ou das sciencias magicas e mostram uma ponta do modo como comprehendiam as cousas do mundo. Tudo o que nos revela, mesmo escassamente, o modo de sentir e agir da humanidade antiga, nos serve de auxilio para aprehender o fio da meada de sua escripta. As palavras de Platão nos fazem vêr a importancia que se dava á fórma triangular — fórma divina.

e polidas pela acção das aguas das correntes maritimas e dos rios, a fórma triangular plana e a fórma pyramidal são raras, visto como a acção das ondas tende sempre a desfazer as arestas angulosas e transformal-as em partes redondas.

Eis porque emquanto os amuletos de pedras de fórmas arredondadas são de origem natural, na maioria dos casos escolhidos entre as pedras roladas, os de fórma triangular são preparados pelos homens. (88)

De symbolos divinos passaram a elementos da escripta *calculiforme* e depois a signos graphicos. Como symbolos, variam de tamanho, desde a acha até o monumento pyramidal.

O segredo das pyramides do Egypto — monumentos que ainda hoje desafiam as edades — está em que ellas representam imagens da divindade. Eram amuletos gigantescos, eram symbolicos, eram signos e como taes serviam de tumulos a reis e potentados, porque os homens pelo temor da morte, pelo temor do desconhecido, procuraram sempre a proteção da divindade. (89)

---

(88) Ha excepções — entre as lascas de pedras, lascas naturaes, encontram-se algumas triangulares, porém muito grosseiras, quasi informes.

(89) As pyramides do Egypto não datam, como se diz, do tempo dos pharaós Cheops e Kefren, reis historicos, mas parecem remontar a uma mais alta antiguidade, á época das dynastias divinas, ao tempo desses soberanos mysteriosos anteriores a Menés. Segundo Scot-Eliot, ellas já existiam antes do ultimo cataclysma cosmico que subverteu a Atlantida.

Vimos que a lingua de fogo, a chamma, ás vezes tem a fórma de triangulo e d'ahi este ficou sendo a imagem, a representação graphica do fogo e, conforme pensamos, teve tal symbolo a denominação de *Ta*, palavra que é uma onomatopaica do crepitar da chamma e donde se deriva o *Tatá*, fogo dos nossos indigenas.

Como porém de imagem do fogo passou tambem o signo triangulo a ser imagem do raio?

Simplesmente por uma associação de idéas — o prehistorico havia notado que o fogo do céo — o raio, o relampago — era identico ao fogo da terra, d'ahi a lembrança de represental-o tambem pelo triangulo e dar-lhe a denominação onomatopaica de *ra*, a qual não é mais do que uma modificação da voz do trovão — *ão*, ou *rão* ou *rã*.

Para distinguir o symbolo graphico do fogo da terra, do symbolo do fogo do céo, representou-se o primeiro por um triangulo com o vertice para cima e o segundo por um triangulo com o vertice para baixo. O primeiro, representado no signo 39, é *Ta*. O segundo, o do signo 40, é *Ra*.

Assim, o raio, posteriormente, além do do signo *ilan*, passou a ter tambem o signo *Ra*. Esta denominação, estendeu-se aos signos 41 e 42 Estes ultimos já não são mais *Ta*, já não representam a imagem do fogo terrestre, mas a do fogo celeste.

No Brasil prehistorico estes quatro signos não evoluiram, não passaram de valores mnemonico, symbolico e ideographico, notando-se é verdade, que nas inscrip-

ções da povoação da Bahia e mesmo em outras mais antigas, como as do Padre Telles, o *Rá* já apparece como elemento syllabico phonetico.

A mesma particularidade se vê no agglomerado que designa a palavra *Brasil*.

No sentido mnemonico, despertam á lembrança da divindade irritada, a lembrança de justiça divina, da colera celeste contra os homens, contra as cousas, contra o mundo — fulminações, temporaes, furacões, cataclysmas, terremotos.

A nosso vêr, os riscos de pedra compostos de linhas simples quebradas e cruzadas, formando triangulos os mais variados, são agglomerados, são ideographias e pictographias mnemonicas, lembrando os cataclysmas, os phenomenos terriveis diluviaes, que durante um grande periodo de annos, e talvez de seculos, abalaram o mundo e muito especialmente o nosso paiz; taes riscos lembram as forças da natureza desencadeadas sôltas — as terras se abatendo sobre as aguas, as aguas rolando em cachões sobre os abysmos, dos abysmos irrompendo o fogo que se continuava com o fogo cahido do céo. Ao ribombar dos trovões no espaço, respondiam o éco e o atroar da terra que se desmoronava.

Tremendo espectaculo! E tudo era obra da divindade irritada, era obra desse deus fulminante, cuja voz, accesa em ira, pairava tronando sobre as cabeças dos miseros humanos: — *rá, rô, rã, rão, ão!* ...

A divindade do trovão era a mesma do raio e do relampago. O ruido do phenomeno deu a designação onomatopaica.

Rá, no Brasil prehistorico, foi uma divindade de morte e destruição. O triangulo foi a imagem da morte: mesmo significando *Tá*, era um genio de destruição. Os signos 41 e 42, a nosso ver representaram tambem *Tupan*, o deus dos temporaes, muito identico ao Thór, escandinavo, ao Zeus grego, ao Jehováh biblico e ao Jupiter latino. A ponta de setta, formada em triangulo, representa um signal de morte — é a mão vingativa do deus, é a mão maldita, assim como o signo da chuva representa a mão abençoada; é o raio fulminante, a arma toda poderosa do deus. Na louça de Marajó, o triangulo apparece, ora servindo de peanha á cruz, ora emanando da extremidade de um braço desta.

No velho continente, o triangulo evoluiu de signo divino a signo mnemonico e ideographico e chegou até caracter phonetico, letra. Deu mais origem a armas de morte — ao machado, a pontas de setta e de lança e ao *labryl* ou dupla acha. O *labryl* ou bipenna, ou *labranda*, era o *Rá*, duplo, tal como se acha desenhado no signo 41. Figura aqui o fogo da terra e o fogo do céo, formando os dois juntos uma divindade terrivel.

Em Creta, symbolizava a divindade da destruição. Era feita de bronze e algumas vezes de ouro. O templo que guardava o *labryl*, templo cheio de meandros, era chamado *labyrintho;* ahi se encontrava tambem o *Minotauro* — o touro divino.

O *Rá*, symbolo do raio, representa tambem a divindade do sol, no Egypto.

A acha dupla, segundo pensamos, deu origem á letra *A*. (90)

Baseamos a nossa opinião na similitude graphica em diversos paizes.

Todas as formas do *A* guardam ainda algo da dupla acha. Não são mais do que modificações das pictogravuras desse symbolo.

Pelo lado phonetico, vê-se que o *A* fazia parte integrante do *Rá* onomatopaico, do qual destacou-se formando a vogal.

Insistindo ainda sobre o facto de serem os triangulos no Brasil o symbolo de uma divindade terrivel — o deus da morte, da destruição e da vingança, de serem os symbolos do fogo, do raio e do trovão, de serem o sym-

---

(90) Sobre a origem graphica da letra *A*, estamos, pois, em desacordo com as idéas correntes dos autores modernos e antigos. "No hebraico, diz a *Enciclopedia Espasa* (vol. pag. 20), a palavra *eleph* é symbolo do boi, donde deriva, segundo parece, o signo original ideographico, toscamente representativo da cabeça desse ruminante. Em phenicio apparece inclinada e na moderna escripta está invertida. Os pés da lettra assignalam os chifres, o travessão prolongado marca as orelhas e o vertice forma a queixada. Em syrio, além desta significação tem a de elephante, o que parece explicar a etymologia grega *elephas*. Plutarco affirma que entre os egypcios representava a *Ibis* (ave sagrada do Egypto), pela analogia com a fórma triangular da lettra *A* com o vôo ou transmigração das ditas aves". A essa semelhança com a ave ou vôo da ave, foi devida, talvez, a idéa de Rougê, fazel-a originar-se da aguia. Nos hieroglyphos egypcios, realmente, o som *A* é representado por uma aguia.

bolo de Tupan, o deus das tormentas e dos temporaes, lembramos que a dupla acha representa dois triangulos unidos pelos vertices. Portanto é *Tá*, o fogo da terra e *Rá*, o fogo do céo, duas divindades fundidas numa só.

Phoneticamente, com uma simples mudança de vogaes, formariam muitos nomes e entre esses Turan que muito se parece com Tupan e *Toré*, vocabulo tupi que julgamos ser uma divindade indigena. (91).

No dialecto dos chavantes, conforme Martius, o trovão é *turunan*, no machacali é *tatinan*, na macuni é *teoptatinan* e em botocudo é *tarú*. Ha muitas designações identicas que vêm cada vez mais demonstrar a identificação de Tupan com o trovão, a deste com *Rá*, que, como já demonstramos é figurado no triangulo.

A acha encabada, que é mais ou menos o nosso signo 42 formou na Grecia o *rho*.

O signo triangulo simples conserva-se ainda hoje na letra grega *delta*. No hebraico a letra *D* (daleth), significa porta e no grego o *D* equivale a mão. Neste ultimo, a origem do significado vem do hieroglypho egypcio *mão* que era o desenho dessa parte do corpo.

Como já vimos, de accôrdo com as idéas dominantes nos tempos prehistoricos, o raio era a mão da divindade e, sendo a letra delta um triangulo, é mais logico de-

---

(91) Martius e Th. Sampaio dizem que *toré* significa flauta. A palavra designa tambem uma dança indigena. Achamos que a significação de flauta e dança é já abastardada. Pelas duas raizes *to* e *ré* vê-se que o vocabulo pertence a seres ou objectos divinos e isso em toda a prehistoria mundial, como por exemplo em *Thór*, *Turan*, *Tarantan* (deus do trovão na Gallia), *Tarat*, *Totem*, etc.

rivar directamente sua fórma dos signos ante-diluvianos do que do hieroglypho egypcio. Assim, este originou-se das referidas idéas, mas já numa época em que a divindade se achava anthropomorphizada, pois a imagem pictorica em vez de ser a do triangulo é a da mão. Quanto ao que diz respeito ao som da letra, vê-se perfeitamente que elle vem do *delta* grego. O nosso *D* de imprensa não é mais do que um triangulo, do qual um angulo foi arredondado.



Nº 43



Nº 44

O primeiro é o signo saimão ou signo de Salomão, que por sua vez é ainda alterado em sino de Salomão ou chave de Salomão. Não o vimos nem nas diversas inscripções que copiamos do original, nem nas copias de outros autores. Entretanto, diversas pessoas affirmaram-nos que elle se encontra entre os riscos de pedra do Brasil. É muito conhecido na Europa e o povo tributa-lhe uma veneração supersticiosa. Muitos individuos, e principalmente os turcos, o têm tatuado no braço e no dorso da mão. Os theosophistas fazem delle um symbolo de alto valor. Erroneamente, Bertrand, diz que na Gallia elle representava a imagem da roda do sol.

Achamos que elle é a fusão de *Tá* e *Rá,* e tem a mesma significação da dupla acha. Ficou sempre adstricto ao seu papel symbolico de amuleto graphico.

O numero 44 existe no Brasil prehistorico. É uma modificação do signo anterior, mas representa, especialmente, os dois abysmos — o do espaço ou do céo e o das aguas ou da terra. É o symbolo do mundo ou do universo.





Nº 45 Nº 46 Nº 47

A estrella é um signo raro no Brasil.

Encontra-se, no entanto, nas gravuras de Branner, em Pernambuco e Alagoas.

Vê-se porém que a estrella, aqui, não é uma pictographia do astro, mas antes uma modificação da cruz.

É a cruz irradiante, é a cruz de onde emanam raios de luz, é o nosso cruzeiro, é a imagem da divindade.

Explica-se a raridade do signo estrella porque esta, pela luminosidade, era uma especie de synonimo da cruz. Representar uma cruz era representar uma estrella e vice-versa.

Vê-se que esta identificação ainda existia em Babylonia, ou melhor entre os acadianos, e abrangia ainda a

onomatopaica do trovão — *an*, cujo som possuia os valores ideographicos de *Ilú*, deus, e *samú* ou *shamú*, céo.

Notamos que como a estrella, os signos do sol e da lua são relativamente raros no Brasil.

Encontram-se alguns nas copias do Padre Telles, nas inscripções do Ereré e nas da serra do Anastacio, na Bahia.

Essa raridade relativa de signos representando o sol, a lua e as estrellas vem nos provar que a religião do Brasil não era a astrolatria, como se observa no Mexico e na civilização incaica do Perú. D'ahi um corollario importante para a historia das religiões, corollario que é uma reaffirmação das idéas que defendemos: — o homem ante-diluviano adorava a luz, na qual personificava o verdadeiro Deus, cuja imagem pictorica era a cruz.

Os astros, portanto, foram divindades secundarias — agentes, instrumentos, reflexos da verdadeira divindade. E comprehende-se assim o abastardamento da astrolatria.

Como quer que seja, os signos sol, lua e estrella, podem representar ideogrammas e ideographias, e desenvolvem themas mnemonicos que se relacionam com Deus, luz e céo. Já vimos que em Babylonia, a estrella tem a mesma significação, a qual tambem se estende á noite.

Em a nossa prehistoria, o sol lembrava o dia e o tempo, a lua recordava a noite; duas luas dão a idéa do espaço de um mez, isto é, o espaço de tempo decorrido entre duas luas novas.



Nº 48

É muito commum no Brasil. Existe tal e qual o desenhamos ou com algumas variantes na lagoa do Guayba, em Matto Grosso, onde foi copiado por João Severiano.

Martius copiou tambem diversas fórmas desse signo na serra do Anastacio, na Bahia.

Á primeira vista podia-se pensar que se tratava de imagens do sol ou das estrellas, mas o facto de apresentar uma haste vertical repousando no sólo, haste, em alguns casos, como nas inscripções de Martius, muito pronunciada, leva-nos a outras conclusões: achamos que taes signos são imagens pictoricas de algum phenomeno luminoso, actualmente desapparecido ou muito raro, tal como o phenomeno da electricidade globar, o qual parece ser o fogo do Santelmo de que nos falam escriptores antigos e ao qual allude Camões no seu *Lusiadas*:

"Vi claramente visto o vivo lume
Que a gente maritima tem por santo."

No Brasil, existem lendas sobre tochas ou globos ou bolas de fogo que apparecem nos ares. Nas regiões do norte, dizem ser almas penadas de individuos que em vida tiveram amôres illicitos — são principalmente as almas dos compadres e das comadres que no mundo se haviam juntado carnalmente.

Essas tochas ambulantes, que augmentam e diminuem de intensidade, ás vezes lutam corpo a corpo, marram-se, atracam-se, vendo-se sahirem chispas, fagulhas, e ouvindo-se o ruido do choque.

Todas essas cousas horripilantes são narradas de bôa fé pelos nossos matutos do norte. (92)

Dão ao phenomeno o nome de *fôgo corredor.*

Em muitos casos, o *fôgo corredor* se apresenta como fitas luminosas, e outras vezes toma a fórma de seres vivos — apparece como um pequeno cabrito ou um pequeno ser humano — o *caapurã,* ou *caapora,* ou *caipora* ou *curupyra* — divindade diabolica, espirito malefico das selvas.

O *caapora* dos indigenas tem a fórma de um bilro de fogo — a cabeça era um globo luminoso em cujo centro apparecia um ponto ainda mais luminoso figurando o olho. Esse globo de fogo pousava sobre um suporte tambem luminoso representando o corpo que se fundia numa perna unica.

Lembramos que o meteóro denominado Santelmo é tambem conhecido na Europa pelo nome de *caipora,* o

---

(92) Octavio Brandão, em sua obra — *Canaes e Lagôas* — faz referencias a lendas sobre o *fogo corredor,* lendas contadas pelos canoeiros da lagôa Mundahú, em Maceió.

qual, segundo uns, quando apparece durante as tempestades significa bonança, e segundo outros, traz sempre infelicidade áquelles que o vêem, d'ahi a designação da palavra *caipora* para os individuos mal succedidos em seus negocios.

Já dissemos que em todas as lendas populares, em todos os mythos, ha sempre um fundo de verdade, uma verdade mutilada, deformada.

Veremos que as nossas lendas brasilicas de *caiporas, curupyras* e do *fôgo corredor,* ligam-se por um lado á lenda chaldaica dos *kerubs* (93) e por outro lado ao phenomeno meteórologico do Santelmo, o qual não é mais do que a electricidade globar. (94) Como as pessoas junto ás quaes se desenvolve tal phenomeno estão arriscadas á fulminação, procede d'ahi a affirmação dos indios de que a quem via o *caapora* acontecia desgraça. (95)

---

(93) O *kerub* de que nos fala o Genesis, o anjo que Deus collocou na porta do Eden, após a expulsão dos nossos primeiros paes, tinha a fórma de uma *espada de fogo.* O relato deve ser uma reminiscencia do homem irradiante. Em Babylonia apparecem os idolos chamados *kerubis,* sob a fórma de touros alados com cabeça de homens.

(94) Foneau de Courmelles descreve alguns phenomenos electricos no Sahara, que se parecem com a electricidade globar e vêm dar razão ao nosso modo de pensar sobre o *caipora:* "Pelo tempo de tempestade e siroco, um bastão levantado no ar deixa escapar visivelmente o fluido electrico, facil de perceber-se graças a uma phosphorescencia violeta. Os albornozes de lã, agitando-se, dão ruido e fagulhas; tocados provocam contracções, estremecimentos e commoções".

(95) O verdadeiro significado de *caápora* é, segundo Martius, habitante do matto. Parece ter havido confusão da

Além do que acabamos de dizer, achamos que o *fogo corredor* ainda pode ser explicado: 1.º — pelo fogo fatuo ou luminosidade dos cemiterios, phenomeno que se apresenta sob a forma de fitas luminosas e que é devido ao hydrogeneo phosphorado que se desprende dos corpos em estado de decomposição putrida; 2.º — pelos pyrilampos. Destes existem muitas especies que emittem luz bastante intensa, verdadeiras tochas; 3.º — pela existencia de algum phenomeno luminoso hoje desapparecido, do qual o aborigene guardou reminiscencia, phenomeno a que elle deu o nome de *caapora* e que deve ser o mesmo *kerub* das lendas biblicas e babylonicas. O *kerub* biblico é um ser vivo que se apresenta sob a fórma de uma espada de fogo; é ser pensante porque obedece ás ordens de Jehováh. O *caapora* é tambem um ser pensante porque entende-se com o homem.

Note-se que figuras de homens resplandencentes ou que apresentam um halo luminoso em torno da cabeça, são communs em muitos rochedos e principalmente na Amazonia. As nossas tradições christãs representam os santos com um nimbo radioso. O homem actual, em-

---

palavra *caápora* com curupyra, pois este ultimo é que representa verdadeiramente o mytho luminoso. Outra lenda, talvez posterior á descoberta, diz que o *caápora* era um pequeno caboclo de uma só perna, que representava o deus ou o protector da caça. O *caápora* gostava muito de fumar de modo que todo caçador que o presenteasse com um pouco de fumo obtinha as suas boas graças e fazia grande presa.

Theodoro Sampaio disse que entre os indios o fogo fatuo, as phosphorescencias, as luzes mysteriosas que elles tinham como maus espiritos eram designados com o nome de *macaia*, erroneamente *macaiera* ou *macachera*.

bora muito diminuida, possue tambem a força irradiante. Haja vista as conclusões a que tem chegado a sciencia com os estudos sobre o raio *N* e o raio *N'*.

Concluindo: o signo do presente paragrapho é a pictogravura dos *caaporas*, os quaes, por sua vez, eram seres vivos irradiantes ou phenomenos meteórologicos.





Nº 49 Nº 49 A

Com o numero 49 encerramos a longa serie dos signos divinos.

O Padre Telles encontrou-o gravado nos rochedos do nordeste. E' uma variante do amuleto Théta, já por nós estudado. Relaciona-se com Jacy, a lua, e com as outras divindades femininas de que nos occupamos.

Parece que este signo teve o seu berço na Atlantida donde se irradiou para os lados da America e para os do velho continente.

Prova-se tudo isso porque elle apparece na numismatica da Grecia antiga, representando a cabeça da deusa *Athenê*, que é a mesma Pallas de Homero, a Minerva dos latinos.

Este signo marca a éra de anthropomorphização das divindades.

Gattefosse e Benoit, dizem que *Athenê* antes de ser da Grecia já era deusa da Atlantida.

E nós dizemos: já era tambem deusa no Brasil prehistorico, e o que é mais importante, o signo nos ensina alguma cousa sobre as lendas de Minerva, a deusa da sabedoria, ter sahido da cabeça de Jupiter e a de Athenê ter o rosto de coruja.

Vejamos: o signo em questão não é mais do que uma modificação graphica do *tembetá*. Ora, o *tembetá*, foi amuleto, visto como era uma modificação da cruz; foi signo mnemonico objectivo e foi signo graphico. Em qualquer uma dessas representações, era a imagem de *Téos*, imagem que a principio não era anthropomorpha.

Mais tarde, o ante-diluviano, tanto no velho continente como no Brasil, deu para figurar o homem com signos divinos.

E' o periodo de anthropomorphização. Isto se vê em Babylonia e na antiga civilização marajoense. Nos desenhos de figuras humanas, o nariz e as arcadas superciliares apparecem formados pelo *tembetá*; os olhos pelo signo *théta*, isto é por dois signos concentricos; a bocca e os dentes pelo signo *mú*, etc.

No caso de que agora tratamos, os ramos do *tembetá*, encurvados, formando os supercilios, limitam a parte inferior da fronte, por traz da qual se aloja a sabedoria, a intelligencia, o pensamento, a imaginação, a memoria.

O escriba primitivo anthropomorphizando o *tembetá*, traçou-lhe uma outra curva acima da curva formada

pelos ramos lateraes, desenhou uma testa e formou um novo signo que passando á Grecia deu origam á deusa da sabedoria sahida da cabeça de Jupiter. Accrescentando-se os dois circulos concentricos nos respectivos lugares dos olhos, teve-se a *Athenê* de cara de coruja, pela semelhança da cara da deusa com a dessa ave. (96)

Esta ultima fórma já apparece, mais ou menos alterada nas figuras da louça de Marajó.

---

(96) André Lefèvre, em sua já citada obra — *La Religion* — diz que *Athené* era representada com cara de coruja porque esta ave era o symbolo da sciencia. Nós achamos que a coruja era o symbolo da sciencia porque se parecia com *Athené*.

CAPITULO VIII

Interpretação de signos do segundo grupo. — Signos magicos. — Signos representando instrumentos de mnemotechnica. — O olhar de Anhangá. — Signo da ventania e da inundação — O circulo magico

O segundo grupo consta de um numero relativamente pequeno de signaes.

Em regra geral, não têm valor significativo — representam instrumentos da mnemotechnica dos magos. São signos auxiliares da interpretação das inscripções.

Nos lugares onde existem lithoglyphos, as pessoas da vizinhança mostram a *pedra mãe,* isto é, a pedra onde se acham os signos magicos. Destes ultimos, alguns lembram mais ou menos os olhos — olhos de homem ou de animaes; outros lembram a saliencia do nariz, ainda outros parecem representar elementos de defesa dos magicos contra as forças occultas da natureza.

Deante delles, o ante-diluviano transtornava-se: o sub-consciente predominava sobre o consciente, elle era arrebatado na onda do extase ou do somnambulismo, ficava dotado de novas percepções e assim podia ler

e comprehender todo o thema que os outros signos mnemonicos encerravam.

Vamos estudar isoladamente cada um dos principaes.



N° 50

A figura acima parece dois olhos que se fixam em nossos olhos, que nos espiam e procuram sondar o nosso intimo, é como se quizessem nos ordenar alguma cousa, impor a sua vontade.

Quando fitamos por algum tempo o nosso olhar sobre este olhar mysterioso, parece que o sentimos mover-se, que elle se anima e que tudo em torno vae se modificar, que nós mesmos vamos cahir num estado extatico ou extra-terreno.

Parece representar o olhar da divindade ou a vontade suprema de uma força superior.

Não é de admirar que este signal, tão repetido, ora gravado, ora pintado, ora esculpido em alto relêvo, tivesse um grande valor magico entre os povos do passado.

Os nossos indigenas guardavam reminiscencia desse olhar suggestivo e ameaçador que parecia dominal-os,

fital-os, do seio das nuvens, do azul do céo, do alto dos rochedos, do meio da folhagem, do fundo das aguas. Era para elles o olhar de Anhangá.

E' bem possivel que este signo fôsse a imagem dos olhos de algum animal prehistorico, os quaes olhos teriam, ou por sua disposição ou por reflectirem poderosamente a luz, uma acção hypnotica ou inhibitoria sobre as pessoas ou outros animaes em que se fixavam.

Os olhos dos felinos, e especialmente os do gato, da onça e do tigre, brilham na escuridão como duas tochas. Nos abysmos do oceano, onde a luz do dia penetra e onde portanto existe profunda noite, os olhos dos monstros marinhos têm laivos de luz phosphorescente.

A força do olhar, ainda hoje, se manifesta em alguns animaes. Sabe-se que o olhar fixo da cobra ou do sapo atrahe a avesinha. A aranha, parecendo repousar em sua teia, atrahe tambem para os filamentos desta, com o olhar, os insectos que se acham á distancia.

A influencia dos olhos de certos animaes se exerce até sobre o proprio homem. Sentimos um certo mau estar ao fitarmos o olhar do môcho, da cobra ou de amphibios, peixes e saurios.

Não é mesmo de admirar que entre os animaes gigantescos da éra jurasica, existissem animaes de olhar eminentemente magnetico.

A mythologia grega nos conta que o olhar de Medusa, uma das Gorcondas, possuia a faculdade de transformar em pedras os homens que a fitavam. Tal lenda,

é muito provavel que se originasse dos taes animaes prehistoricos, e a petrificação não seria mais do que uma acção inhibitoria, paralysante ou mesmo mortal. (97)

O proprio olhar de certos homens, isto é por demais conhecido, tem uma acção magnetica, prompta, suggestiva ou hypnotica, e esta acção, nos tempos modernos, constitue um grande ramo de estudos scientificos, quer sob o ponto de vista therapeutico, que sob o medico-legal. (98)

Ha certos desenhos da imagem de Christo que dão uma sensação allucinatoria passageira, visual, a quem os fixa, pois os olhos da imagem parecem se mover. Este facto pode ligar-se ou ao cansaço, á fadiga do nervo optico, pelo esforço da fixação, ou achar-se relacionado á circumstancia de certos pontos da imagem irem corresponder á parte insensivel da retina, conhecida pelo nome de *punctum cecum*.

---

(97) Contam-se casos de homens que morreram pela acção do olhar de certos animaes. Taes casos, devem se referir a syncopes cardiacas causadas pelo susto. Os romancistas exploram o facto. É bem conhecido o conto de Conan Doyle, no qual um sujeito morre ao ser fixado por uma grande aranha.

(98) Como muitos outros phenomenos do organismo, ainda mal estudados, ou mal interpretados, a acção magnetica do olhar humano deve ter sua origem no grupo de energias do sub-consciente. O povo, desde épocas remotas, já havia notado a influencia do que chamam o *mau olhado*. O homem de olhar magnetico tem o dom de dominar e corromper mulheres fracas, de levar ao crime outros homens e ter influencia malefica sobre as molestias e mui principalmente sobre as lesões cutaneas. Tal influencia se estende sobre os animaes, sobre as plantas e até sobre os objectos inanimados.

De tudo isso, concluimos que o signo prehistorico acima desenhado, não era mais do que méro instrumento usado pelos magicos para desenvolver o extase e provocar no individuo faculdades sub-conscientes de videncia, televisão, etc.

Tal signo, aqui no Brasil, é mui especialmente encontrado nos restos de ceramica de Marajó, ao lado de outros signaes magicos, e em objectos, taes como a tanga ou *babal*.

Como se pode verificar em nosso quadro das analogias, elle era frequente, em natureza ou modificado, no Egypto antigo, em Creta e na Gallia. Parece que nos dois primeiros paizes representava a imagem do escarabéo sagrado. Alexandre Bertrand diz ser elle, na Gallia, uma fórma da *swastika* ou *cruz gammada*, e ter portanto uma significação solar. Do que acabamos de expor, vê-se que somos contrarios a esta opinião.

O signo em questão não evoluiu sob o ponto de vista da escripta. Apparece mais tarde na architectura romana, na architectura christã e profana da mediaedade e até na dos nossos dias, porém apenas como motivo decorativo.



Nº 51

Preposto a fins mais ou menos analogos aos do signo anterior.

Este, porém, dá á pessoa que o fixa uma percepção inversa da obtida pelo outro.

E' talvez a imagem da contradicção, ou então traz ao espirito esta idéa. Note-se que é formado por dois caracóes — um que se enrola para o lado esquerdo e outro para o lado direito. Comprehende-se que a fixação de tal signo pode dar ao mesmo tempo duas percepções e portanto estabelecer a confusão. Diremos que o caracter acima, além do papel de instrumento mnemotechnico, tem tambem um valor mnemonico e ideographico, e neste ultimo sentido, lembra themas ou scenarios onde dominam a anarchia e as revoluções, o principio do mal e a desordem. Lembra o estado revolto das aguas pela acção do tufão, e recorda o proprio tufão, o temporal, o mar tempestuoso, o phenomeno das trombas, o pé de vento ou ventania e por extensão o principio, o genio do mal e o proprio mal.

O homem prehistorico fazia do vento uma divindade. Os chaldeus, que continuaram as tradições dos acadianos, possuiam em sua mythologia diversos genios que presidiam ao tufão e aos ventos do deserto, do mar e dos abysmos, notando-se entre muitos *Bin* — o senhor das tempestades, do turbilhão e da inundação.

Os caledonios e os antigos gaulezes tinham creado os genios alpestres das florestas, e o espirito dos vendavaes.

Os nossos indigenas acreditavam que pelas noites de temporal, espiritos maus andavam pelas mattas a

retorcer as arvores. O ranger dos galhos roncando uns sobre os outros, era a voz desses espiritos.

Ainda hoje, é uma crença entre os matutos do norte que o *redemunho* (corruptela de redemoinho ou rodomoinho) não é mais do que o diabo.

Ás vezes, por um bello dia de sol, na occasião das mudanças de tempo, o phenomeno do rodomoinho apparece nos campos com um aspecto verdadeiramente phantastico: surge no horizonte, muito ao longe, uma massa enorme, affectando a fórma de um cone invertido, de um gigantesco funil. As arvores, até então paralysadas, começam a se mover, e quando o rodomoinho avança, assoviando, gemendo, turbilhonando em seu vasto bojo, poeira, folhas e galhos de arvores, retorcendo estas, ás vezes arrancando-as pelas raizes, destelhando casas, derrubando cabanas, agitando as aguas dos rios, dos lagos e das represas, então o rodomoinho é bem a imagem, a incarnação do genio do mal, deixando após si o arrasamento, a morte, a desolação.

O genio do mal nos tempos prehistoricos do Brasil, era designado vocalmente pelo som *ang* — som este que na mesma accepção ainda se encontra na palavra *anhangá* dos nossos indigenas do tempo da descoberta.

A raiz de tal palavra vem já das civilizações do velho mundo, ou mesmo do mundo prehistorico, porque, como já fizemos sentir, *an* é a onomatopaica do trovão e pertence a vocabulos representando divindades, cousas divinas ou espirituaes. *Nú* ou *Anú*, entre os egypcios, é o deus dos abysmos. *Aná* é um deus principal entre os acadianos e antigos babylonios. *Uranus* é um deus

grego. Os judeus tinham os seus *anjos* que ainda hoje, nas crenças christãs, representam auxiliares ou emissarios de Deus. Derivada do grego *anima* — espirito ou principio que dá vida aos seres, possuimos em nosso vocabulario não somente a palavra *alma*, mais ainda o verbo *animar*.

Os genios do bem e do mal, entre os povos primitivos, eram partes ou modificações ou aspectos da divindade suprema. A mesma raiz *an* se encontra em *Tupan*.

O signo de que nos estamos occupando, apparece ligeiramente modificado na Gallia (veja-se o quadro comparativo) e nas inscripções cretenses e afins. A. Bertrand, diz ser uma representação das rodas do sol e estar ligado ao culto desse astro. Aliás, o mencionado autor relaciona quasi todos os signos megalithicos ao culto do sol — é a *swastika*, é o *tricecle*, é o signo *de Salomão*, a cruz, a roda, etc.

Evans diz que elle, em Creta, significava o *Peak* — laço, cordão, driça. O vocabulo inglez *peak*, por extensão, tambem significa figura ignobil, cara de doente (vêr a gravura de Clodd, na já citada obra, pag. 176).

Apparece representando os escarabéos egypcios da XII dynastia e nos primitivos sêllos cretenses.

Ladislau Netto (99) apresenta um signo mais ou menos identico e não sabemos em que se baseou para affirmar, embora dubiamente, que elle representa o

(99) Ladislau Netto. *Archivos do Museu Nacional*, Vol. VI, pg. 462.

symbolo da paz ou da alliança. E' uma interpretação perfeitamente antagonica á nossa.

Na architectura christã, elle apparece nos motivos de decorações das velhas cathedraes e nos frontões e frontespicios dos templos.

A supervivencia desse signal magico e pagão, em obras e assumptos da nossa religião, pode ter duas explicações — ou elle representa trophéo de victoria, ou é porque, primitivamente, foi considerado symbolo de divindades subalternas — de anjos bons (cherubins, seraphins) ou de anjos maus (demonios, diabos).

Na architectura profana dos tempos hodiernos, elle é muito commum. E' frequente nos desenhos da louça de Marajó — em urnas funerarias, em alguidares, discos, etc.



N° 52

Já nos occupamos do circulo concentrico e agora vamos tratar do circulo simples. E' commum na pintura da louça de Marajó e apparece entre os lithoglyphos do nordeste. Nós o encontramos n'um lageado á margem do Riachão, no municipio de Viçosa, em Alagoas, traçado em grande dimensão, talvez uns quatro

metros de diametro. Branner assignala-o por mais de uma vez — ora em traços simples, ora pontilhado, ora em cadeia.

Achamos dois valores no signo circular — um valor mnemonico e symbolico e um valor puramente magico.

Considerado sob este ultimo aspecto, era uma simples arma defensiva, um escudo de que se serviam os magicos para evitar acção malefica dos seres ou das forças evocadas ou desenvolvidas pelas suas praticas mnemotechnicas.

Os tratados sobre a magia falam do poder do circulo.

Maxwel dá uma explicação vaga; apoiando-se no magico Agrippa, diz que as "figuras geometricas são regidas por numeros; o circulo representa a unidade e a unidade representa o infinito. A circumferencia é uma linha que não tem fim e portanto é a imagem do infinito. "(Maxwel — *La Magie* — Paris, 1922).

Não nos satisfaz tal explicação e de conjectura em conjectura, chegamos a uma conclusão toda nossa: achamos que o poder do circulo repousa nos seguintes factos — primeiro: a curva da circumferencia tem uma acção inhibitoria ou alheiatoria sobre as pessoas dadas a extase ou mesmo sobre as simplesmente sensitivas, ou ainda de systema nervoso impressionavel. (100)

(100) É um facto muito commum aos sonhadores e aos poetas se isolarem do mundo e das cousas presentes ao contemplarem, por uma bella tarde de verão, as curvas longinquas do horizonte esbrazeadas pelos ultimos clarões do sol pôsto.

Um effeito inhibitorio, quasi completo, se produz em certos animaes e principalmente em certas aves. (101)

Outro facto em que se apoia o poder do circulo magico é, a nosso vêr, na relação que o circulo simples affecta com o circulo concentrico.

Este, como já vimos, é a imagem ou a representação graphica da divindade feminina; o magico, sentindo-se protegido por ella, torna-se forte e apto para enfrentar as energias maleficas, visiveis e invisiveis (neste ultimo caso significando as energias desconhecidas).

Como se vê, tudo se reduz, em ultima analyse, a phenomenos de ordem puramente psychicos, a um predominio do sub-conciente sobre o consciente. O magico, amparado pelo circulo, sente-se capaz de todas as energias. Em sua imaginação allucinada, elle vê sahirem chammas dos contornos da circumferencia.

O circulo torna-se então uma barreira intransponivel que o defende das agressões exteriores. (102)

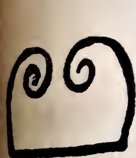
---

(101) Uma experiencia muito simples, que pode ser verificada por qualquer pessoa, é a seguinte: descreva-se no solo, a carvão, uma circumferencia e colloque-se no centro um perú; a ave ao fixar o circulo, fica, a principio, como que aterrorizada, depois torna-se immovel, bestificada e alheiada durante um grande lapso de tempo. A explicação é facil: a curva da circumferencia teve uma influencia inhibitoria sobre o systema nervoso do perú e o mecanismo dessa inhibição é o mesmo á que já nos referiamos, a respeito do processo de fixação do olhar.

(102) Helmholtz, querendo demonstrar a possibilidade de uma quarta dimensão geometrica, figura a existencia de um animal pensante que possuisse somente as dimensões da linha recta — isto é, o comprimento e a largura, sendo destituido

E' baseado nestas considerações que damos ao circulo simples, tão frequente entre os signos prehistoricos do Brasil e de outras regiões, um valor de instrumento mnemotechnico magico. E' ainda a explicação que achamos para os *cromlecks,* monumentos prehistoricos feitos de pedras brutas, dispostas em circulos.

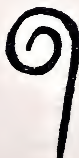
O signo circular simples, o concentrico e a ellypse, parecem, como imagens pictoricas dos olhos, ter dado origem ao *omicron* e ao *ain* dos alphabetos grego, phenicio, judaico primitivo, e portanto á nossa letra O.



Nº 53



Nº 54



Nº 55

São variantes do 50 e do 51. Representam tambem instrumentos da mnemotechnica. Apparecem nos rochedos da Amazonia e dos paizes circumvizinhos, traçados a tinta. Tambem pintados, apparecem na lonça de Marajó.

---

da altura. Tal animal, segundo a engenhosa hypothese do grande physico allemão, se fosse encerrado dentro de um circulo, não encontraria em sua imaginação, por mais que raciocinasse, um meio de sahida, visto não possuir a noção da altura. Julgar-se-ia completamente fechado, isolado. Com o magico no centro de uma circumferencia, dar-se-ia um phenomento mais ou menos identico.

Schomburgh vio-os na margem do Cassiquiare, Wallace copiou-os no Uaupés e Koch-Gruenberg photographou-os junto ás cachoeiras Jurupary, Jacaré e Macucu, no rio Cayary.

Nas inscripções da serra do Ereré, o sabio Hartt descobriu todos esses signos, com a particularidade de serem radiados.

Von Martius tambem os descobriu em Aracorara, no rio Jupurá.

O signo 55, parece ter dado origem ao nosso ponto de interrogação.

CAPITULO IX

Interpretação de signos do terceiro, quarto, quinto e sexto grupos. — Signo de mbú, a grande serpente do espaço. — Signo do boi-tatá. — Imagem da palmeira. — Signos anthropomorphos. — As pegadas de São Thomé. — Signos phallicos. — Signos agglomerados. — Os elementos do vocabulo Brasil



Nº 56



Nº 57

Deveriamos ter estudado estas figuras na ordem dos signos divinos mas, como affectam a forma animal, resolvemos incluil-os, bem como os seus variantes, neste terceiro grupo.

A figura da cobra é muito commum entre os riscos de pedra do Brasil. Nas inscripções de Branner, ella apparece sob differentes aspectos e posições. Na copia da Pedra Lavrada, feita pelo engenheiro Retumba, vê-se a cobra no espaço, deixando cahir da bocca ovos sobre a terra.

Segundo Stradelli, as linhas sinuosas, como que oleantes, que elle viu gravadas num rochedo em Uaupés, seriam figuras de serpentes e elle achou que significariam — "lugar pouco seguro onde devia ser collocada uma sentinela".

Esta interpretação escandalizou Koch-Gruenberg que diz pertencer ella "ao numero das mais temerarias hypotheses, jamais formuladas por um investigador". (103)

Ladislau Netto, que encontrou estes signos em vasos e urnas funerarias de Marajó, pensa que elles podem corresponder ao symbolo *Quatzal-coatl* dos mexicanos e ao *Uroens egypcio.* Mas não dá uma explicação satisfactoria.

A serpente, a nosso vêr, liga-se a phenomenos celestes e luminosos.

No silencio da noite, uma estrella cadente atravessando o céo, lembra uma grande cobra luminosa. O sulco do relampago ou do raio tambem recorda a serpente.

Cobra em nossos dialectos indigenas, principalmente tupy, é *mbó, mboya,* primitivamente *mbú.* Este ultimo vocabulo decompõe-se em *mú* — espaço, céo, e *bi* ou *bê* — pedra; literalmente a traducção seria *pedra do espaço.*

Vê-se logo desta etymologia que a figura, em principio, referia-se a um phenomeno celeste, a pedras ca-

(103) Citação de A. de Carvalho, na *Prehistoria Sul Americana.*

hidas do espaço, cujo assumpto já tratamos um pouco atraz.

Pelas raizes de vocabulos, nota-se ainda a mesma idéa de phenomenos celestes em tribus talvez mais antigas do que os tupys, taes como os coroados, os uinamas, os jumans, os passés e os tapuias, onde a palavra serpente é designada, respectivamente, por *schunmum, tschiema, ipgzi, ebautschú, ghitanca, mahatzo.* (104)

Aqui porém, *mu* e *bê* ou *bu* são substituidos ou se acham misturados ás raizes que têm os valores onomatopaicos do phenomeno luminoso, isto é: *sha, ca* ou *ça, chi, ts, tsi, tzo, zi,* valores esses que são os mesmos do continente, figurando tambem taes raizes em vocabulos como nas proprias palavras cobra (no latim *coluber*) e em serpente (no latim *serpens*).

Na mythologia, nas lendas e nas narrativas da Europa e da Asia, a serpente desempenha um papel importante: na Biblia ella instiga Eva a comer o fructo prohibido da arvore da sciencia do bem e do mal. Comprehende-se que essa narrativa se relaciona com o acto da fecundação e conseguintemente da geração, e tanto assim que as idéas christãs a ligam ao peccado original.

O signo cobra, que o medico ainda hoje usa no anel, refere-se á lenda de Esculapio, o deus grego da medicina: Plutão, rei do Averno, queixou-se a Jupiter que Esculapio, curando os homens, despovoava a região das trevas. Jupiter para castigar Esculapio, deportou-o para a constellação da Serpentaria. Observe-se que a

(104) Vêr a respeito o *Glossario* de Martius.

palavra Esculapio conserva as raizes *i* e *u*. Parece que essa lenda tem o seu fundo de verdade na possibilidade de processos curativos antigos por meio de energias electricas, ou outras, colhidas no meio atmospherico.

Os gaulezes adoravam a figura de uma cobra nos ares, deixando cahir um ovo da bocca. Como vimos, tal figura se encontra tambem entre os riscos de pedra do Brasil, na inscripção da Pedra Lavrada, de Retumba.

Ha ainda o mytho egypcio de *Knef*: o deus *Amon-Rá* creou a deusa *Neith* e fecundando-a produziu *Knef*, poder creador que deixou cahir da bocca um ovo, isto é, a materia do universo que encerra o agente divino, a intelligencia ordenadora.

Temos tambem entre os indios do Brasil a lenda da *cobra grande* e da *filha da cobra grande* que geraram a escuridão. Ha mais a do *boi-tatá* — cobra de fogo, e ainda hoje, nas zonas do nordeste, existem muitas narrativas de cobras de ouro, encantadas, que moram em locas de pedras que sôam.

A conclusão de tudo isso é que o signo mundial da cobra era *mbú* — a grande serpente do espaço, e, como acima dissemos, é a figura do sulco luminoso do raio ou da estrella cadente, ou ainda de outra energia atmospherica hoje desconhecida, a qual, por sua vez prendia-se a uma noção ou a uma lenda de fecundação.

Que haverá de verdade nessa lenda? Prende-se ella ás sciencias magicas? Prende-se a alguma noção real que se desconhece sobre as origens da vida? Notamos de passagem que a idéa de uma energia do espaço actuando sobre a terra e fazendo surgir a vida, não

está em desacordo com o Genesis, quando diz que o Senhor fez o homem do limo da terra e animou-o com o seu sopro divino; notamos tambem que alguns scientistas modernos explicam a vida, em nosso planeta, pela acção de germens vindos de outros astros.

Mnemonicamente, pois, o signo cobra, lembra deus creador, creação e força; e o valor ideographico é o de poderio e grandeza, refere-se a mando, dominio; significa chefe, rei, governador, potentado, donde, entre os nossos indigenas, a palavra *mburubichá*, chefe, em que se divisa claramente o vocabulo *mbú*.

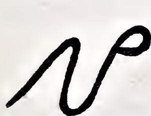
Este signo evoluiu no velho mundo: é o *sigma* do grego, é o *shin* hebraico, é o *S* iberico, é o nosso *S* latino, guardando todos alguma cousa da figura da serpente.

Nº 58 Nº 59 Nº 60

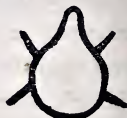
São todos variantes do signo serpente ou cobra, portanto, a elles se applica o que acabamos de dizer a respeito dos numeros 56 e 57. O 58, nas inscripções prehistoricas da povoação abandonada da Bahia, para-

ce indicar, ideographicamente, chefe, rei. O numero 60 tem a mesma significação, mas já se mostra como signal de plural. Todos estes signos, bem como os do paragrapho anterior, são ás vezes tomados na mesma accepção ou confundem-se na graphia, no som e na significação com os signos *ilan, zig* e *mú*.

O 58, em alguns casos, se apresenta desdobrado em duas partes. Parece que, devido ao facto de multiplicar-se, passou tambem a ter a significação de plural, accepção que depois se estendeu ao signo 60, que como vimos é modificado de *mbú*.


Nº 61


Nº 62


Nº 63


64

O numero 61 é uma variante do 56, parecendo a cobra com o ovo na bocca. Encontra-se nas inscripções da povoação abandonada da Bahia. Aqui já tem valores ideographicos symbolicos, valores que são os mesmos dos signos 58 e 59, isto é, de poderio, força, grandeza, chefe, rei.

O numero 62, um caracol cheio de raios, foi copiado pelo sabio Hartt nos rochedos do Ereré. Não nos parece, como este autor affirma, ser um symbolo solar. Talvez aqui seja a figura do *boi-tatá*, a cobra de fogo. Tem um valor puramente mnemonico.

O numero 63 é um desenho grosseiro da tartaruga, Quer nos parecer que a tartaruga era um animal sagrado entre os nossos primitivos, e isso por causa do aspecto oval, a fórma, a figura symbolica do fogo. A palavra tartaruga vem do latim, mas ainda conserva a raiz *ta*, que nas linguas antigas entra em vocabulos que significam fogo.

O numero 64 é a figura do lesardo. Conforme a obra já citada sobre inscripções rupestres do Brasil, do engenheiro Luciano, tal figura apparece com frequencia nas inscripções de rochedos na Parahyba e no Rio Grande do Norte. Pela forma ellyptica, parece tambem ligar-se ao culto do fogo.



Nº 65



Nº 66

Estes dois signos têm a forma de palma e lembram arvores.

Pelo estudo comparativo, veremos que elles eram tambem iguaes ao Kafe, isto é, o *K* phenicio, se bem que a accepção deste ultimo seja outra.

São desenhos de palmeiras ou outras arvores. De-

veriam ter o som *K*, pois os nossos indios ainda o possuiam na palavra *caá*, matto.

Caá será uma onomatopaica do rumor da folhagem?

Ha uma caracteristica não apresentada pelos signos da Eurasia: os nossos pousam sempre sobre uma pequena bola; que é a forma de *ita*, já tendo uma significação mais lata — a significação de germen.

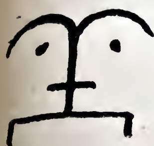
Defrontamos aqui nestes signos um mysterio que não podemos decifrar, desvendar radicalmente — elles são, ora a imagem pictorica de vegetaes, ora de animaes, especialmente do homem.

Prende-se tudo ao facto de alguma lenda mais antiga da existencia de *homens-arvores?* Prende-se a alguma theoria genesiaca, corrente entre os prehistoricos, de uma origem commum dos homens e das arvores? Não teria surgido d'ahi uma confusão graphica e phonetica? A porta fica aberta a conjecturas. (105)

Os signos representando arvores são communs na gravura da Pedra Lavrada, na Parahyba. São signos mnemonicos e desenvolvem themas florestaes e lembram lendas que se ligam á origem das plantas e á germinação dos vegetaes.

Nº 67 Nº 68 Nº 69 Nº 70

(105) Parece que a ultima hypothese, a de uma lenda ou noção antiga de uma origem commum dos animaes e dos



Nº 71



Nº 72



Nº 73

O signo 67 veiu intacto da prehistorica aos nossos dias. E o nosso *K* latino que é igual ao *kapa* grego archaico e phenicio (com a differença de que os ramos destes dois ultimos em vez de serem á direita são á esquerda).

No Brasil prehistorico, é um signo figurativo, é a imagem do homem visto de perfil. Representava talvez o nome de uma grande e poderosa familia de guerreiros ou de chefes.

O *K* significa o Kario, o Kariba, o Kacique, o Kara, o Karahyba, especies de dynastias ou familias reaes. Designar o Kariba, o Kario, o Kara, era designar um chefe de tribu. (106)

---

vegetaes, é mais variavel. Com effeito, deduz-se da philosophia de Anaxagoras, que vegetaes e animaes tiveram um principio commum.

(106) O que dissemos acima sobre a significação generica do termo karahyba, é opinião de Barbosa Rodrigues. Em sua importante obra — O *Muyrakytã* — o nosso illustre ethnologo e distincto botanico, affirma com muita razão "que o nome karahyba, hoje corrompido no Amazonas, é karina que no sul fazem kariba, isto é, o superior, o senhor,

Nas inscripções cuneiformes da Persia antiga, um signo designava Dario pelo Achemenida, isto é, um rei dessa familia.

Na prehistorica brasileira, houve tempo em que o signo *K* designava o homem em geral. Na época da descoberta, os indios chamavam os europeus *carahybas*, isto é, homens valentes.

No mesmo tempo existiam tribus chamadas Karahybas ou Caribas, das quaes ainda existem nos sertões do norte os descendentes, com o nome de Karibas ou Kariris ou Cariris.

As raizes *ka, ke, ki, ko, ku,* (107) são elementos de palavras que designam o homem; parecem reportar-se a remotissima antiguidade.

Nas civilizações antigas do velho continente, apparecem povos com a denominação de Cananeus, Coseus ou Cushitas, Cabilas, Carios, etc., onde se vêem tambem as raizes *ka, ko* e *ku*. Ora, os povos antigos tiram sempre o nome dos seus patriarchas, portanto comprehen-

---

o valente, o estrangeiro notavel, por consequencia o branco porque é o dominador, o escravisador do indio". Diz ainda o mesmo autor "que os *Karas*, que deram origem ao nome karahyba, eram de origem asiatica e que se intitulavam *filhos do sol e da serpente. Kara, Kari* ou *Kará* é o chefe supremo e magestativo, o sabio. Corresponde ao *Augustus* dos latinos, e nas raças indigenas peruanas ainda hoje quando se referem aos seus reis antigos, é sempre com o tratamento *Kari* que equivale ao que se dá as pessoas reaes — o de sua magestade. É assim que com sublime respeito quando querem falar dos incas antigos dizem: *Kari, Inca, Manco, Capaco; Kari, Inca, Ataulpa*".

(107) Encontramos essas raizes, entrando na estructura de palavras designando o homem, em 24 dialectos america-

de-se que os sons em questão designavam individuos talvez em significação generica, ou eram elementos de vozes designando o homem e por extensão o chefe, o rei, o governador e ainda mais os dominios do mesmo, o lugar, a região.

Conclue-se ainda que esses sons eram graphicamente representados pelo *K*, pois este signo é a figura do homem visto de perfil. Os signos 68, 69 e 70, como se comprehende logo á primeira vista, são *monigotes* representando tambem o homem.

Apenas temos a notar, no 70, os tres riscos que indicam os dedos das mãos.

Isto da mão ser desenhada apenas com tres dedos, repete-se fartamente nas figuras humanas.

Hartt querendo explicar esta anomalia, tirou a conclusão que os indios só sabiam contar até o numero 3.

Nós achamos que o caso se acha relacionado ao facto que já mencionamos — ao dos homens primitivos representarem a sua figura por meio de signos divinos. Aqui o signo é *mu*, formando o braço e a mão com os dedos.

Um outro exemplo de anthropomorphização de signos divinos, temos no numero 71. E' um agglomerado esboçando uma face humana.

Os signos 72 e 73 prendem-se tambem ao periodo anthropomorpho: são uma figura de pé e uma pegada.

---

nos. Além das já citadas acima, mencionamos: *Kariboca* (que deu origem ao vocabulo caboclo), *Katapai*, *Kará*, *Kanan*, *Kecha* ou *Checha*, *Kotopai*, *Cuciman*, etc.

Já os jesuitas, nos primordios da historia do Brasil, attribuiram o signo 73 ao apostolo São Thomé. Era o molde do pé do santo, deixado sobre a rocha.

Que tal signo, muita vezes, é uma pegada antiga, do tempo em que a rocha que a apresenta se achava em formação, não se pode contestar, mas, que na maioria dos casos — e principalmente quando elle se acha junto de signos differentes — é artificial, é um elemento de escripta, não resta a menor duvida.

Nas inscripções megalithicas da Bretanha, elle é muito commum, em rochedos perto de fontes que passam por milagrosas, e a crendice popular diz ser a impressão do pé de Nossa Senhora.

Consta-nos que uma lenda identica existe na Bahia, a proposito de umas pegadas que se vêem num lageado perto do Santuario de Nossa Senhora das Candeias.

Os signos pé e marca de pé, são encontrados na escripta sumeriana dos antigos babylonicos e tinham, ambos o valor syllabico de *ka* e *kri*, significando caminhar, andar.

O sumeriano querendo dizer que um homem entrou numa casa, desenhava a figura de um homem, a de um pé e a de uma casa.

Nós encontramos num rochedo da Bica da Pedra, sitio que fica á margem do canal grande das lagôas, perto de Maceió, pégadas humanas — umas de quasi meio metro de extensão e outras pequenas, indubitavelmente de crianças. Pareceram-nos artificiaes. O ro-

chedo onde se acham taes signos — talvez um antigo *dolmen,* tem a forma mais ou menos de um casco de tartaruga.

Conforme se pode verificar na estampa VIII, na pedra da Gavea, no Rio de Janeiro, ha signos identicos a botas.

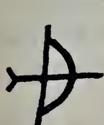
Achamos que esses signos brasileiros, como os seus congeneres da Mesopotamia, podem tambem significar o acto da marcha e assim lembrarem a passagem de expedições.

Para terminar as inscripções anthropomorphicas, convem ainda citar a existencia de desenhos phallicos (como se encontram nos letreiros da Parahyba e nos do Padre Telles) e a de desenhos da parte sexual feminina. (108)

---

(108) A proposito dessas ultimas gravuras, que dizem ser em grande numero num rochedo junto á cachoeira de Itaparica, no rio São Francisco, no Estado de Pernambuco, um velho caboclo, originario das tribus semi-selvagens do sertão, contou-nos, em sua algaravia, a seguinte lenda que reproduzimos por nossas palavras:" Foi isto ha muito tempo. As moças Kariris fugiam cheias de medo, perseguidas de perto pelos portuguezes. Ao chegarem á cachoeira, pararam irresolutas. Que fazer? Não podiam atravessar o rio. Demorar seria cahir nas mãos dos inimigos impiedosos. Já se ouvia, perto, os estampidos dos tiros e o ladrido dos cães. Em baixo, ao pé da cachoeira, as aguas rugiam tumultuosas. As indias, nuas e bellas, abraçaram-se e começaram a chorar. Então viram que do fundo do abysmo surgia alguma cousa — era a principio uma especie de massa vaporosa que tomou logo a fórma de um velho colossal de cabelleira longa e branca e que chorava tambem. As moças Kariris reconheceram nelle o mysterioso genio das aguas, o qual lhes falou assim: — minhas lindas e desgraçadas filhas, já pas-

Taes desenhos, muitas vezes, desenvolvem themas relacionados á geração.







Nº 74 Nº 75 Nº 76 Nº 77 Nº 78

O 74 é o desenho do arco armado com a flecha. Era a principal arma do mundo primitivo. O 75 e 77 são simplificações do 74, e o 76 é uma modificação dos mesmos, uma especie de bésta ou funda, a que ainda hoje os caboclos do norte dão o nome de *bodoque*. (109)

Não nos foi possivel ainda determinar exactamente os sons que no Brasil prehistorico designaram o arco.

No velho mundo elle era denominado *caf* e *quof*, designações que são a onomatopaica do disparo da arma — representam o som produzido pelo deslocamento do ar sob o impulso da flecha.

Possuem a significação ideographica de força, poder, morte, dominio, chefe.

---

sou o vosso tempo na terra. O branco usurpador se apossou de vossos campos, incendiou as vossas tabas e vos reserva a escravidão e o suplicio. Vinde libertar-vos na morte. Levar-vos-hei para o reino esplendoroso de Jacy, para as "Montanhas Azues" onde sereis sempre felizes, mas, para eterna lembrança de vossa beleza, farei que fiquem gravadas nas pedras da terra que vos pertenceu, as imagens de vossas *fórmas* divinas".

(109) O *bodoque* é uma especie de arco que em vez de flecha tem como projectil uma bola de barro cozido.

Nas inscripções nordestinas, copiadas pelo engenheiro Luciano, vê-se perfeitamente que o signo 74 é a figura do arco. A gravura é mais completa, pois contem ainda o alvo, o ponto a que se dirige a flecha, ponto este representado por um cone estriado, lembrando uma pedra.

O conjuncto da figura nos faz recordar o facto de que já nos occupamos — de uma força actuando sobre a terra para produzir a vida, havendo aqui a variante da força, em vez de cosmica, ser produzida pelo homem.

Como quer que seja, se deprehende que *cap* e *quof*, foram tomados tambem, como *bra*, no sentido da creação.

Estes signos, se bem que differençados graphicamente, se confundem pois na expressão.

O signo 78 é a flecha. Tem valor mnemonico e ideographico. No primeiro caso servia para indicar nas florestas o caminho a seguir, valor este que ainda hoje é adoptado nas grandes cidades — indicador de direcção.

No segundo caso, a setta, como o proprio arco, significa poder, força destruidora, morte.

Sabe-se que muitas linguas primitivas obedeciam ao principio da agglutinação, isto é: as raizes, que no systema monosyllabico exprimiam objectos ou cousas, reuniam-se ou agglomeravam-se para formar outras tantas palavras designativas.

Um facto que observamos na escripta prehistorica, é que os signos, tambem muitas vezes, se apresentam sob essa forma agglutinativa ou agglomerada.

É bem possivel que o systema agglutinativo fôsse o da linguagem primitiva universal.

A graphia, portanto, segue passo a passo a lingua: palavra falada agglutinada, palavra escripta agglomerada.

Tal systema apparece no homem primitivo pela lei do menor esforço.

A um signo juntam-se-lhe um ou mais traços, junta-se-lhe outro signo, invertem-se as partes, prolongam-se ou diminuem-se os elementos constitutivos, entrelaçam-se esses elementos, encurvando-os aqui, tornando-os rectos ali, bipartindo-os, deslocando-os, e têm-se assim novos signos, exprimindo novas idéas e muitas vezes com a conservação da idéa inicial.

A noção dos agglomerados, noção que somos os primeiros a dar conhecimento, vem facilitar, sobremodo, a traducção. A's vezes depara-se com signos tão complicados que, á primeira vista, parece uma cousa impossivel decifral-os. Com um pouco de attenção, com uma analyse minuciosa, notar-se-á que elles são compostos de outros signos já nossos conhecidos, em muitos casos com anteposições ou posposições de elementos, e não raras vezes com elementos de uns servindo de elementos de outros.

Esta noção, segundo julgamos, virá abrir novos horizontes a novos conhecimentos.

A nosso ver, o systema agglomerado da graphia, alliado ao systema agglutinado das palavras, constituiu o facto fundamental da transformação da escripta ideographica na escripta phonetica. Esta não foi creada artificialmente pelo homem, ao contrario, desenvolveu-se por si, naturalmente, lentamente. Muitas palavras primitivas não são mais do que a reunião de sons onomatopaicos (110), do mesmo modo que a graphia dessas palavras representa, em ultima analyse, a figura de objectos ou seres productores dos referidos sons.

Para exemplificar tomemos a palavra Brasil. Como já vimos, esse vocabulo é de origem prehistorica. Primitivamente era representado pelo signo 79, um agglomerado que pode ser decomposto nos seguintes signos primitivos — (ns. 16, 39, 10) — portanto, *beita, ra* e *ilan* ou *zilan,* cujos respectivos sons somados dão mais ou menos o nome do nosso paiz. Realmente, contraindo-se *beita* com *ra* (fazendo-se eliminação de *eita*), tem-se *bra,* e se a esta syllaba juntar-se *zilan,,* tem-se o nome *br-zilan,* donde se derivou Brasil.

Vê-se que já nesses tempos prehistoricos havia tendencia para a transformação da escripta ideographica em phonetica. O agglomerado 79 é uma ideographia que significa *terra do senhor da luz,* ou *terra da luz, terra do raio,* ou simplesmente *terra da divindade* ou *terra de Deus.* Tal ideographia, por sua vez, já reco-

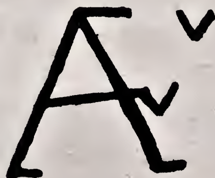
(110) Essas palavras foram modificadas por meio de contrações, elisões, anteposições, posposições, etc.

nhecia sua origem no valor dos signos mnemonicos e figurativos de *beita, rá,* e *zilan.* *Beita,* era a pedra, a qual sob a acção de *rá,* formava *bra,* isto é, terra, região, que unindo-se a *zilan,* aqui tomado especialmente, no sentido da divindade da luz, formava ou dava idéa do que o nosso paiz realmente é — uma região de grande luminosidade, uma terra privilegiada onde o bom Deus não fez economia de raios de sol.



Nº 79

As vezes encontra-se a graphia ainda mais simplificada, apenas com dois elementos — a linha curva representando a pedra, e o agente fecundante representado pelo signo do raio ou pela cruz.



Nº 80

Estampa XI



BABAL (em posição envertido)

Um outro exemplo de agglomeração temos no signo 80, da povoação abandonada da Bahia, o qual, como veremos mais adeante, decompõe-se em diversos signos.

A dupla acha, o signo saimão e outros já estudados, são exemplos flagrantes de agglomerados.

Para terminar o estudo dos agglomerados, vamos agora nos occupar do *Babal,* o tal objecto mysterioso a que já nos referimos, encontrado nos ceramicos de Marajó. (111)

É um objecto feito de barro cozido, affectando mais ou menos a fórma de um triangulo, do qual os vertices dos angulos são arredondados.

Na parte anterior, se encontram, pintados, estranhos desenhos em caracteres vermelhos sobre um fundo branco. A fórma e as dimensões do tal objecto são mais ou menos as mesmas em todos os especimens, mas os desenhos variam na disposição geral, repetindo, é verdade, as linhas, os traços e os signaes.

A estampa n.º XI dá idéa do *Babal.*

Hartt notou que esses desenhos foram recortados de um desenho maior, de modo a cobrir a superficie da

---

(111) Trataram minuciosamente da *tanga* ou *Babal* o sabio americano Hartt e os nossos illustres compatriotas dr. Penna e dr. Ladislau Netto. Consultem-se a respeito os volumes I e IV dos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.*

Tratam tambem da *tanga* o dr. João Severino, em sua obra *Viagem ao Redor do Brasil,* Angione Costa e D. Heloisa Torres.

tanga. Este nome foi dado pelo mesmo sabio, pois lhe pareceu, bem como a outros archeologos, que o papel do tal objecto era o da folha de vinha com que se cobriu Eva, depois do peccado.

Militam em favor dos que dão tal explicação, os factos da *tanga* affectar mais ou menos a forma pubiana e ter tres orificios, um em cada extremidade superior e um na parte inferior, orificios que seriam destinados a dar passagem aos fios que teriam de o prender ao corpo.

Procurando tambem investigar o papel desse objecto, chegamos a uma conclusão differente.

Em nosso modo de vêr, aqui não se trata de uma *tanga*, de uma peça de vestuario ou de um objecto de adorno, mas antes de um amuleto sagrado ou magico, de uma especie de pequenino templo onde a divindade se achava encerrada, se achava de um modo invisivel, tendo porém a imagem pintada sob a fórma de cruz ou sob uma modificação desta.

Vê-se, portanto, que a *tanga* é uma evolução de *ita*. O aspecto differençou-se um pouco, mas a idéa de que a divindade nella reside, é ainda a idéa capital.

Apenas não tem mais o significado de mãe, porém o de *casa, habitação, morada, residencia.*

Sob este ponto de vista, achamos muito mais adequado o nome *Babal*, com que é designado o objecto pelos indios da região. Foi este vocabulo que nos levou á pista do verdadeiro papel da chamada *tanga*.

Babal (segundo nossa supposição), é palavra prehistorica, cujo significado é identico ao vocabulo hebraico *Bethel* — casa do Senhor.

As raizes de *Babal* pertencem (como aliás todas as raizes do nosso vocabulario indigena) á lingua primitiva universal — a lingua mãe que se falava na Atlantida, no Brasil prehistorico e nos paizes então existentes no velho continente.

Decompõe-se o vocabulario *Babal* em duas partes; *bab* e *al*. *Bab*, nas linguas orientaes, significa porta, casa, sabedoria, confusão, o que não se comprehende etc.

Parece-nos que destes significados, o primitivo é o que designa *casa, residencia*. *Babel*, por exemplo, significou em começo *Casa de El*, casa do Senhor. Posteriormente, devido á lenda da confusão das linguas e da dispersão dos povos, é que passou, por extensão, a representar tambem confusão, como ainda é hoje corrente, mesmo entre nós, dizer-se a seguinte phrase: — "isto é uma Babel" — referindo-nos a uma cousa que se não comprehende, a uma reunião em que todos falam e ninguem se entende, a uma reunião de pessôas de linguas differentes, etc.

Procurando tambem interpretar a origem da raiz *Bab* achamos que ella primitivamente foi *Bê*.

Este ultimo som, como já vimos, não é mais do que a onomatopaica da pedra, é o ruido da pedra que se choca de encontro á outra pedra.

Bê, foi, pois, um outro som com que se designou a pedra. *Bê*, como *Ita*, passou a ser a casa da luz e do fogo, a casa do Senhor.

Essas duas raizes no velho continente se combinam para fazer o *Bitú* ou *Biti* — casa — dos babylonicos-semitas (ver Oken vol. I, pg. 367).

Por sua vez, o vocabulo *Bethel* ou *Betel* que, como dissemos, em hebraico tem a significação de casa de Deus, parece uma modificação de *Bitú*.

As idéas das pedras serem moradas dos deuses, parece que se estenderam das épocas ante-diluvianas ás épocas historicas. "No templo dos Paphos, a divindade era um marco de pedra de base redonda e conica, á maneira de um *méta*", diz Tacito.

Os phenicios da Syria, os cananeus ou philisteus, os phenicios de Carthago e os judeus (112) tambem professavam as mesmas idéas.

Portanto, *Babal* significa a casa do *Senhor da Luz*, a casa de Deus, a residencia da divindade. (113) E',

---

(112) Refere a Biblia que Jacob em viagem para a casa do tio Libão, viu a noite chegar em pleno campo. Tomando então uma das pedras d'aquelle lugar, fez cabeceira; deitando-se, adormeceu e em sonhos viu uma escada que se estendia da terra ao céo e pela qual os anjos desciam e subiam, achando-se o Senhor no alto dessa escada. Ao acordar, Jacob exclamou: "Este não é outro lugar senão a Casa de Deus e esta é a porta dos céos. Então levantou-se Jacob pela manhã, de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por cabeceira e a poz por columna, e derramou azeite em cima della. E chamou o nome d'aquelle lugar *Beth-el*: o nome porém d'aquella cidade dantes era Luz (Genesis XXVIII — 17 — 18 — 19).

(113) *Babal* tem pois uma significação muito identica á do vocabulo *Brasil*.

como se vê, a mesma significação da pedra, mas aqui o homem já procurou tornar a habitação do ser supremo mais digna, por meio de adornos. Nessa habitação artificial, Deus já não se encontra em essencia, isto é, sob a fórma da fagulha, mas a imagem da luz e do fogo, a cruz, ahi se encontra desenhada, em suas fórmas mais simples — a cruz grega, a cruz de Malta, a cruz hebraica, a cruz egypcia.

A's vezes não se vê á primeira vista, mas, com um exame minucioso se as descobre, ora disfarçadas entre arabescos e grécas, ora formadas em diversos outros symbolos. Parece que o homem prehistorico querendo occultar assim a cruz entre os desenhos do *Babal*, quiz dar uma idéa do caracter invisivel da Divindade.

Como amuleto, (114) fetiche, miniatura de templo, o *Babal* encheu-se de outros signos que eram partes ou dependencias da divindade e formou verdadeiros hierogrammas que se transformaram em ideographias.

Nota-se no *Babal* uma agglomeração de signos e uma tendencia da phase mnemotechnica da escripta para a phonetica. Ao mesmo tempo os signos divinos parecem tender para a humanização: o anthropomorphismo começa a se esboçar.

---

(114) A fórma mais ou menos conica de *Babal* tornou-se a fórma sagrada dos antepassados dos indios brasilicos e dos proprios indios. O *maracá*, instrumento sagrado de que já nos occupamos, teve provavelmente sua origem no *Babal*. Como este, era a habitação do deus e tinha a mesma fórma conica. Muitas urnas funerarias encontradas em Marajó tinham a fórma do Maracá e do *Babal*. Têm a mesma origem o culto das montanhas e dos cabeços conicos de serra e a idéa dos nossos indios, das *Montanhas Azues*.

CAPITULO X

Modo de lêr as inscripções. — Direcção dos signos. — O Boustrophedon. — Decifração de algumas inscripções. — Inscripções da Pedra Lavrada, na Parahyba. — Inscripções dos rochedos de Viçosa, em Alagoas.

Qual é a direcção da escripta prehistorica do Brasil? Lê-se da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo ou de baixo para cima?

Verificamos não só a existencia de qualquer um desses generos, mas ainda o conjuncto de todas as direcções na mesma inscripção, formando o que os paleographos denominam *Boustrophedon,* porque nesse caso, a escripta affecta a fórma do sulco deixado na terra pelo arado arrastado pelo boi. Vê-se ainda o systema dos caracteres isolados e disseminados sem ordem, parecendo ser obra de differentes autores, feita em differentes épocas.

Esse ultimo modo é especial e caracteristico do systema mnemonico e assim, cada signo, como simples despertador da memoria, pode-se encontrar ao lado de outros signos sem ter com elles a menor connexão.

É o que se nota, por exemplo, nas inscripções da Pedra Lavrada, de Retumba. Aqui, um signo ou um grupo de signos, parece relembrar factos independentes um dos outros.

Portanto, neste caso, não se trata de uma verdadeira inscripção no sentido rigoroso da palavra; seria antes um registro de noções e narrativas, parecendo que esses caracteres têm uma origem variavel no tempo e que foram obra não de um só individuo, mas de muitos e em épocas diversas.

O systema *boustrophedon* encontra-se nas inscripções do Padre Correia Telles e nas dos rochedos de Viçosa, ao lado do typo isolado.

Nota-se nessas inscripções que ás vezes ellas começam da direita para a esquerda, depois sobem e dirigem-se da esquerda para a direita. Outras começam de cima para baixo, dão uma volta ou uma curva e descem. Em alguns casos, descrevem verdadeiras espiraes. A direcção dos caracteres pode ser perfeitamente orientada quando nellas figuram seres animados ou então settas e pontas de lança.

Quando apparecem seres animados, em regra geral, são de perfil.

Muitas das inscripções do Padre Telles offerecem uma grande semelhança com as dos *ridjins* da Syria, copiadas pelo marques de Vouguê.

Aliás, todos esses diversos typos de direcção são peculiares a quasi todas as escriptas primitivas. Os su-

merianos, em idades remotissimas, usavam o systema isolado, depois adoptaram o systema linear, lido de baixo para cima; depois, horizontalizando essas linhas, deram a direcção da esquerda para a direita, systema este que entre os semiticos, e notavelmente entre os hebreus, transformou-se em da direita para a esquerda, direcção que os gregos, logo seguidos pelos latinos, voltaram a transformar da esquerda para a direita.

Este ultimo genero tambem se encontra entre os prehistoricos brasileiros. As inscripções da cidade abandonada da Bahia já têm essa direcção.

DECIFRAÇÃO DE ALGUMAS INSCRIPÇÕES

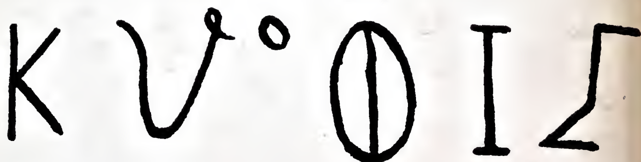
A interpretação que aqui vamos dar é imperfeita, somos os primeiros a reconhecer. O nosso trabalho não passa de um simples tactear, onde aliás, até hoje, tudo ainda é escuro.

Como quer que seja, todas essas novas canceiras poderão projectar alguma restea de luz a futuros interpretadores.

DECIFRAÇÃO DAS INSCRIPÇÕES DA POVOAÇÃO ABANDONADA DA BAHIA

Começaremos por essas inscripções que nos pareceram menos difficeis, visto constarem dos tres systemas: o mnemonico, o ideographico e o phonetico.

INSCRIPÇÃO I



N.º 1 — pessoa ou nome proprio, o Cara, o Karahyba, Karahy.

N.º 2 — signo de *mbú* ou *mbó* — a cobra, a grande serpente do espaço, a fita de fogo, a geradora. Por extensão este signo significa tambem o senhor, o chefe, o rei (allusão ao facto da grande serpente do espaço dar idéa de força e poder). (115)

N.º 3 — é beita, a pedra atravessada ou a pedra fecundada, formando um elemento phonetico — o *bra,* a terra.

N.º 4 — é uma modificação do signo *zig,* representando aqui um elemento phonetico com o som de *z.*

N.º 5 — este signo muito identico ao 58 é, porém, um agglomerado do signo 5, é um *il* duplo indicando plural, figurando aqui como elemento phonetico.

Portanto a inscripção, que como se vê, tem algo de ideographico e de phonetico, poderá ser traduzida do seguinte modo:

Karahy é o chefe (ou rei) *da terra dos brasis* ou simplesmente *dos brasis.*

---

(115) Deve-se ler com attenção o estudo que fizemos nas paginas anteriores sobre os diversos signos.

INSCRIPÇÃO II

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7)

N.º 1 — O Senhor Deus, a divindade.

N.º 2 — Raios de luz emanados da Divindade. Concessão de favores, graças, faculdade.

N.º 3 — Chefe, rei.

N.º 4 — Dois signos agglomerados — um é a luz o outro o raio ou uma energia identica. O agglomerado é uma ideographia do bem e do mal (a luz representa o bem e o raio representa o mal).

N.º 6 — É o signo de *ita*, pedra, aqui na accepção de terra.

N.º 7 — Modificação dos signos de *mbú* e *zig*, aqui significando signal de plural, (veja-se o que dissemos a respeito, na interpretação do respectivo signo).

Nestas condições a decifração é a seguinte:

O Senhor Deus concede ao rei poderes de fazer o bem e o mal sobre o mar e sobre as terras. (Quer dizer — poderes discricionarios sobre terra e mar).

INSCRIPÇÃO III

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) (10) (11)

N.º 1 — Figura do fogo sahindo da pedra, isto é, o espirito do fogo symbolizando Deus.

N.º 2 — Representam dois deuses ou espiritos de menor categoria. Os tres primeiros signos juntos podem ser traduzidos por *os deuses.*

N.º 3 — Figuras de *ita,* a pedra. Representam, aqui, divindades femininas, portanto *deusas.*

N.º 4 — É uma alteração do signo *ilan,* empregado aqui no sentido symbolico de poder e força.

N.º 5 — Alteração do ultimo signo da primeira inscripção e como aquelle servindo para indicar o plural, modificando o significado anterior.

N.º 6 — Figura do céo.

N.º 7 — Agglomerado de *ilan,* de *il* e de *mú,* significando symbolicamente força, bondade e espaço, dando portanto a idéa de protecção.

N.º 8 — Figura de *il,* aqui symbolicamente representando favores, graças.

N.º 9 — Agglomerado de *il* e *mbú.* É um dos symbolos de chefe, rei.

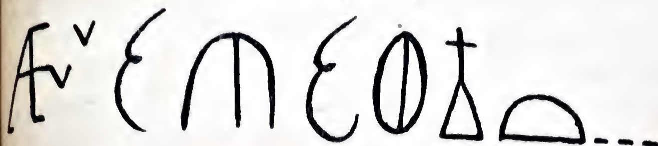
N.º 10 — Este signo está incompleto. Julgamos tratar-se do signo phonetico — *bra,* ao qual falta a parte que o circumscreve.

N.º 11 — É uma das formas da divindade, podendo ser *tzil* ou simplesmente *il.*

A inscripção é ideographica e phonetica, podendo ser interpretada do seguinte modo:

Os deuses e as deusas poderosos do céo, protegem e concedem graças ao chefe do Brasil, isto é, ao mburubixá do Brasil.

INSCRIPÇÃO IV



N.º 1 — E' um agglomerado de *tzil, mú ,ra* e *mbú*. É uma forma de representar a divindade com os seus principaes attributos, Deus com todos os seus desdobramentos, com os seus poderes de creação, bondade, justiça e castigo — attributos estes que se acham ideographados nos symbolos componentes.

N.º 2 — É o signo 59, o qual, como já se vio, dá a idéa de supremacia, chefe, individuo poderoso, grandeza, etc. Aqui serve para reforçar o primeiro signo desta inscripção.

N.º 3 — Signo da chuva, e o que já dissemos a respeito nos dispensa de mais explicações, apenas temos a notar que aqui a figura tem a significação de prosperidade (é uma extensão que se comprehende perfeitamente: a chuva traz a abundancia).

N.º 4 — Grande, poderoso.

N.º 5 — É o grupo phonetico *bra*.

N.º 6 — Representação da divindade *tzil,* aqui simplificada em *il,* formando a respectiva syllaba, tendo portanto um valor phonetico.

N.º 7 — É uma pictographia grosseira de *ita,* aqui na accepção de terra, região.

N.º 8 — Riscos figurando raios e por extensão: favores, graças.

Tradução ou decifração:

Ó senhor Deus (Tupan), creador do raio, da luz e do espaço, (ou então: *Ó senhor Deus do raio, da luz e do espaço) senhor todo poderoso, concedei á grande* (ou extensiva) *terra de il* (isto é, o Brasil), *graças e favores.*

INSCRIPÇÕES DA PEDRA LAVRADA (Parahyba)

Estas inscripções, colhidas pelo engenheiro Retumba, não são verdadeiramente inscripções, no sentido rigoroso da palavra. Como já fizemos sentir, são signos mnemonicos isolados, não tendo connexão uns com os outros (isto na maioria dos casos) formando themas e assumptos distinctos.

Parecem ter sido gravadas em diversas épocas por individuos differentes. De qualquer modo, porém, apesar da difficuldade da interpretação, pelo facto do sentido ser muito vago, adivinha-se que tudo se prende á cosmogonia — recitações das origens do mundo, das origens dos seres e das cousas, a um semeamento de germens por forças e energias cosmicas do espaço, principalmente por *mbú, rá, ilan,* etc.

Desse acervo de signos, destacamos os seguintes que nos parecem ter um sentido mais claro: (Ver estampa X).

De accordo com o que já expusemos, estes signos têm os seguintes valores:

N.º 1 — *mbú,* a grande serpente do espaço, podendo ser a figura do relampago, do rastilho da estrella cadente ou a imagem de uma outra energia que nos é hoje desconhecida. Aqui personifica, symbolicamente, o deus creador.

N.º 2 — Figuras de *ita,* representando ovos geradores, sementes do espaço, germens fecundadores.

N.º 3 — É a imagem de *ita* fecundada, a pedra gravida, a pedra contendo a fagulha, o fogo, ou contendo os germens da vida. A pedra fecundada, aqui, figura a terra, o sólo.

N.º 4 — É um esboço de homem ou de planta.

Portanto pode-se traduzir:

O Senhor Deus Mbú, o grande Creador, semeou os germens, fecundou a terra e fez surgir o fogo, e fez surgir o homem (ou a planta).

Sendo esta inscripção de natureza mnemonica, é claro que só pode ser traduzida pelo sentido e assim prescinde-se da lingua em que foi redigida.

A recitação de origens, como já fizemos ver, é repetida de diversos modos. A energia creadora, ora é representada pelo arco flechando a pedra, ora parece emanada da cruz, ora é symbolizada pelos signos *il, ilan, mú* e *mbú.*

Na Pedra Lavrada, vêm-se as figuras dos ovos ou germens espalhados por toda a pedra, e por todos os lados surgem esboços de homens e plantas. Destas ultimas, algumas parecem cahir directamente dos ovos.

DECIFRAÇÃO DE INSCRIPÇÕES DE VIÇOSA (Alagoas)

Os caracteres da estampa primeira são especimens colhidos em diversas pedras, portanto não formam uma inscripção seguida. São méros signos isolados, cuja interpretação já demos nos capitulos anteriores.

Os da segunda estampa são ideogrammas, ou por outra, são inscripções ideographicas e assim vamos procurar decifral-as:

a) Primeira pedra.

N.º 1 — É a figura da divindade, é um esboço da dupla acha, é talvez a imagem de Tupan, o Deus dos temporaes.

N.º 2 — Signo representando força, poderio, poder.

N.º 3 — Agglomerado figurando a luz e a dupla acha, a vida e a morte.

N.º 4 — Signo agglomerado representando dois zigs, portanto significando raios, temporaes, trovões.

N.º 5 — Dois traços, significando graças, louvores.

A traducção é pois a seguinte:

Tupan, poderoso, é o Senhor Deus que concede a vida e a morte, Elle é o senhor dos raios e dos temporaes. Louvores a elle.

b) Segunda pedra.

N.º 1 — Figura do raio de luz, representando a divindade.

N.º 2 — Signo representando uma casa, vasia, habitada porém por um espirito.

Ns. 3-4 — Traços significando louvores, graças.

A tradução é a seguinte:

Isto aqui é a residencia (ou templo) *de Deus. Muitas graças e louvores a Deus.*

Nota: A pedra, com a inscripção acima, ficava em frente a um *dolmen* e a um monumento prehistorico que dava a idéa de um baluarte. Trataremos de tudo no appendice.

APPENDICE

A PREHISTORIA DE ALAGOAS

Os vestigios do homem prehistorico são encontrados por toda a parte no Estado de Alagoas.

Um facto que logo á primeira vista chama a attenção do investigador, é que esses vestigios pertencem não somente aos aborigenes contemporaneos da descoberta, mas ainda a raças antiquissimas que floresceram ha milhares de annos.

Os restos dessas raças são representados por meio de ossadas, sambaquis, instrumentos de pedra, fragmentos de lonça, monumentos megalithicos e inscripções em rochedos.

Vamos tratar de cada uma destas partes especificadamente:

I

RESTOS DE OSSADAS E ANTIGUIDADE DO HOMEM EM ALAGOAS

É de justiça mencionar, em primeiro lugar, as investigações feitas sobre este assumpto pelo notavel escriptor alagoano, dr. Dias Cabral, o qual, num lumino-

---

Nota: — O presente trabalho (agora mais ampliado) já foi publicado no Almanach de Viçosa, de 1920.

so relatorio apresentado ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, em 2 de Dezembro de 1874, pode-se dizer, iniciou o estudo da prehistoria de Alagoas.

Nesse relatorio elle se occupou das descobertas archeologicas feitas pelo professor Nicodemos Jobim na Chã de Cajazeira, na fazenda Taquara, no municipio de Anadia.

Ao lado de diversos outros objectos, aos quaes teremos ainda de nos reportar, no correr do presente trabalho, encontraram um craneo e fragmentos de duas ossadas, uma de criança e outra de adulto.

Esses restos humanos achavam-se dentro de grandes vasos de barro, cobertos, cada um, com uma tampa tambem de barro em fórma de tina.

Os ossos longos dos membros inferiores do adulto, estavam partidos, e os do craneo se apresentavam delgados, havendo ainda a notar que a abobada frontal era deprimida.

O dr. Dias Cabral, foi da opinião que taes despojos deveriam pertencer aos indios. Para justificar este seu modo de pensar, elle citou, não somente o facto do achado archeologico ter sido num lugar onde ainda se encontravam os restos de uma estacada (o que denotava a existencia de antiga ocara), mas ainda a circumstancia de se haver retirado da escavação um pequeno machado de ferro, já muito oxydado, o qual deveria ter pertencido aos conquistadores.

Se porém os despojos humanos da Chã da Cajazeira são de origem relativamente recente, outros, parecem ter uma mui longa ancianidade.

Conforme tivemos noticia, entre 1866 e 1870, foi encontrado um craneo petrificado nas immediações da Cachoeira de Paulo Affonso. Os jornaes, que na época se publicavam em Maceió, deram conhecimento deste facto, accrescentando que o craneo tinha sido achado no interior de uma pedra partida em consequencia de um raio.

Informaram-nos, ainda, que tal preciosidade archeologica fôra enviada para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Nos numeros 1.º e 6.º dos *Archivos do Museu Nacional*, vêm publicados trabalhos dos drs. Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, sobre a anthropologia brasileira, nos quaes ha um estudo minucioso dos craneos existentes no Museu.

De craneos petrificados, elles apenas descrevem o que foi encontrado pelo sabio dinamarquez, dr. Lund, nas cavernas do arraial Lagôa Santa, no Estado de Minas Geraes.

É claro que se existisse no Museu um outro craneo em condições identicas, elles teriam feito referencias.

Como quer que seja, esta circumstancia não implica falsidade na informação, podendo perfeitamente acontecer que o referido craneo tivesse um outro destino. O facto delle ter sido encontrado no interior de um rochedo, parece, á primeira vista, um pouco inverosimil, mas si considerarmos que esse rochedo podia ser formado de concreções de camadas alluvionicas, tudo fica explicado.

De resto, casos semelhantes foram constatados por Withnay, na California.

Soubemos tambem que no municipio de Santa Luzia do Norte existia, em densa floresta, uma gruta com grande quantidade de corpos humanos resequidos, quasi petrificados.

O mesmo se dá noutra gruta do municipio de Porto de Pedras.

Além de ossadas humanas, encontram-se ainda no Estado de Alagoas, na zona do sertão, ossadas de animaes gigantescos, pertencentes a especies completamente desapparecidas.

O sabio geologo americano John Branner, numa excellente memoria publicada em *The American Journal of Science,* de fevereiro de 1902, trata detalhadamente desses fosseis.

Merecem especial destaque os que foram encontrados na fazenda Lagoa da Lage, perto de Aguas Bellas, e os do povoado Meirús (Campo Alegre), tres leguas a nordeste de Pão de Assucar.

Em muitas rochas dessas regiões, vêem-se grandes depressões cheias de uma camada de terra, de pouco mais de um metro de espessura.

Os fazendeiros aproveitam essas depressões para deposito d'agua. As ossadas fosseis foram postas a descoberto, justamente quando se faziam desobstrucções em alguns desses tanques naturaes.

Julga Branner que taes ossadas pertenceram a mastodontes — grandes mamiferos dos tempos primitivos — os quaes, sem duvida, pereceram nesses tanques em lutas titanicas quando procuravam se desalterar.

Fosseis identicos são tambem encontrados em todas as zonas do nordeste do Brasil, devastadas pelas seccas.

O que empresta a esses factos um grande interesse para o estudo da prehistoria, é o encontrarem-se de permeio com os ossos, objectos fabricados pelo homem.

Nas escavações da Lagôa da Lage, Branner desenterrou uma grosseira mão de pilão, de um bello granito da vizinhança, tendo cerca de 18 centimetros de comprimento para nove ou dez de diametro.

Achados mais ou menos identicos, appareceram em Maceió. No relatorio sobre os trabalhos apresentados ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, em 1882, o dr. Dias Cabral fala em ossos fosseis de um animal gigantesco encontrados quando eram feitas escavações no predio numero 35 (numeração antiga) da rua do Commercio.

No mesmo relatorio, consta que quando se abria um poço na rua da Bôa-Vista, rua contingua á do Commercio, foi encontrada uma machadinha de diorito. (116)

Sendo assim, a existencia do homem em Alagoas, deve remontar ha milhares de annos, visto como os mastodontes são animaes que viveram na superficie do globo no começo do periodo quaternario.

Nos municipios de São Miguel e Viçosa, foram descobertos vestigios de outros animaes de raças tambem já

(116) Vol. II da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.*

desapparecidas. Queremos referir-nos ás escavações em forma de galerias, attribuidas pelos caçadores a um animal de enormes proporções — "*o tatú-assú*, o qual deve ter sido identico ao Glyptodonte", cuja carapaça, encontrada na Republica Argentina e em diversos pontos do Brasil, pode abrigar um boi.

As galerias attribuidas ao "*tatú-assú*, devem ser examinadas, porque é bem provavel que ahi ainda possam existir armas e utensilios do homem primitivo.

II

SAMBAQUIS

Tambem denominados ostreiras e sernambys. São muito semelhatnes aos *kjokhenmoddings* das costas da Dinamarca.

Representados por montões de conchas, cascas de ostras, sernambys, sururús, e diversos crustaceos, encontram-se em muitos pontos do littoral do Brasil e não raramente em sitios distantes da costa.

Os archeologos ainda não estão de accordo sobre a sua origem. Uns dizem que são restos de cozinha do homem primitivo, outros os julgam monumentos prehistoricos, talvez monumentos funerarios, e ainda outros pensam que os sambaquis são devidos a causas puramente naturaes — ao acumulo de conchas na praia, acumulo produzido pelo refluxo da maré.

Como quer que seja, o homem dos sambaquis deixou nelles muitos signaes da sua passagem — desde os seus esqueletos até os talismans dos seus cultos; desde as suas armas até os seus adornos.

Em Alagoas, existem muitos sambaquis, os quaes ainda não foram estudados, sendo porém barbaramente destruidos para a fabricação de cal.

Em o numero 1 do volume III da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano,* tratando do municipio de Coruripe, o dr. Francisco Izidoro assim se exprime: "Ha, a meia legua da séde da cidade e a uma do Pontal, um enorme sambaqui começado agora a explorar, para o fabrico de cal, o qual denota a existencia de um cemiterio ou de uma aldeia de tribu de indios.

Alli, tem se encontrado igaçabas com ossos petrificados, machados, arma de guerra, pilões e outros artefactos de pedra mui rusticos que pelo seu estado denotam uma origem remota".

Um moço, empregado viajante do commercio de Maceió, declarou-nos ter visto em Coruripe diversos sambaquis. (117) Falou-nos tambem numa especie de aterro que alli existia num pantano e que passava por ser obra de hollandezes.

Informaram-nos que um pouco adeante do Porto do Francez e tambem na praia ao norte de Maceió, vêem-se muitas ostreiras. Vale a pena serem examinadas.

---

(117) O illustrado dr. Castro Azevedo, muito recentemente, nos fez referencias a sambaquis em Coruripe, os quaes ficam situados ha tres leguas da costa.

III

INSTRUMENTOS DE PEDRA

São denominados *coriscos,* não só em Alagoas mas em todo Brasil.

Na Europa existiam as mais variadas lendas para explicar a origem dos *coriscos.* Na França elles eram denominados *alfinetes de fadas,* porque, na media idade, acreditavam que durante o silencio das noites, ao clarão da lua, as fadas e as *willes,* vestidas de bruma, dançavam na clareira dos bosques, de mãos dadas e em circulo, e que, pela manhã, viam-se sobre a relva pequeninas lascas de pedra, que haviam rolado do coifado luminoso dessas bailarinas nocturnas.

Na Escandinavia, representavam pregos ou cravos desprendidos dos carros aereos das Walkirias, e na Grecia mythologica passavam por fragmentos de projectis, lançados por Zeus sobre os gigantes que intentaram escalar o céo.

Boucher de Perthes, foi o primeiro a esclarecer a verdadeira procedencia desses objectos: eram utensilios, instrumentos, armas, amuletos, adornos ou enfeites do homem primitivo.

Elles serviram para a classificação das primeiras idades prehistoricas: a idade da pedra lascada, ou idade paleolithica, e a da pedra polida ou idade neolithica.

Os instrumentos que podemos observar em Alagoas pertencem quasi todos á segunda idade. Alguns, no en-

tanto, parecem datar de um periodo de transição entre a pedra lascada e a pedra polida.

Encontramos machados para cortar arvores (alguns apresentam ainda as entalhas onde deveriam ser adaptados os cabos de madeira), cavadores de terra, brunidores, especies de facas, com certeza destinadas a retalhar a caça, percutidores, mãos de pilão, pontas de lanças e de flechas, emfim, utensilios variaveis na extensão, na grossura, e sobretudo na forma; uns chatos com extremidades cortantes, outros cylindricos e ainda outros bojudos no centro, com todos os caracteres da acha que Mortilet denominou *coup de poing*.

Esses instrumentos são fabricados de diversas qualidades de rochas. A's vezes de pedras coloridas — ordinariamente verdes ou vermelhas. Achamos que todos elles representam o producto da industria de raças antiquissimas.

Em 1912, offerecemos ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano a *Collecção Padre Eloy Brandão*, composta de 18 instrumentos de pedra, dos quaes, fizemos uma descripção, que foi publicada mais tarde, em 1915, no numero 2.º do volume VI da revista do mesmo Instituto.

Vamos dar aqui a relação desses objectos:

N.º I — Machado de pedra verde-escuro, muito resistente (nephrite?), com 10 centimetros de extensão e 13 de circumferencia na sua porção mais volumosa. Tem uma forma mais ou menos triangular. A parte inferior, representando o gume, é bem polida e a extremidade su-

perior é um pouco aspera. Pela sua bella côr verde e pelo cuidado do polimento, parece ter pertencido a chefe de tribu. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 2 — Machado de pedra verde-claro (nephrite ou jadeite?), com 10 centimetros de extensão e 11 1/2 de circumferencia. A contextura desta pedra é menos dura do que a da precedente e o trabalho do polimento não é tão esmerado. Este instrumento foi encontrado no municipio de Paulo Affonso.

N.º 3 — Machado de pedra ligeiramente avermelhado que, pela sua estructura, parece pertencer á classe dos fibrolithos. Tem 14 centimetros de extensão e 14 de circumferencia. Apresenta a forma de um cylindro achatado no sentido do comprimento. A extremidade inferior, polida em bisel, constitue um gume cortante. A extremidade superior parece ter sido simplesmente talhada.

Foi encontrado no municipio de Paulo Affonso.

N.º 4 — Pequeno machado de pedra escura que parece diorito. Tem 7 centimetros de extensão e 13 de circumferencia. É ligeiramente puriforme e parece ter sido usado como percutidor. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 5 — Pequenino machado de pedra granitoide, com 5 centimetros de extensão e 10 de circumferencia. O gume é polido obliquamente. Parece que era empregado pelo homem primitivo como raspador. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 6 — Machado de pedra cinzenta com 13 centimetros de circumferencia e 9 de extensão. O gume acha-se gasto, sem duvida pelo uso. A extremidade opposta apresenta um vinco bem pronunciado, mostrando o vestigio do encabamento. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 7 — Machadinho de pedra granitoide, solida, com 10 centimetros de circumferencia e 6 e 1/2 de comprimento.

O gume acha-se um pouco estragado. Parece ter servido de raspador. Foi encontrado no municipio de Alagoas.

N.º 8 — Grande machado de pedra polida, que parece diorito. Pesa mil grammas, tendo 18 centimetros de extensão e 19 de circumferencia. O todo affecta uma forma achatada. Apresenta duas faces quasi planas e dois bordos ligeiramente convexos. O gume, que deveria ser muito cortante, acha-se gasto pelo uso. Este instrumento parece ter sido utilizado para cortar arvores e é bem provavel que fosse manuseado sem encabamento. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 9 — Machado de granito com 14 centimetros de circumferencia e 12 de comprimento. Como o precedente, apresenta uma forma achatada, porém o trabalho do polimento é menos esmerado. Foi encontrado no municipio de Anadia.

N.º 10 — Machado de granito, rico em mica. Parece pertencer a uma industria mais primitiva, ao periodo da transição entre a idade paleolithica e a neoli-

thica. A pedra apresenta vestigios de ter sido talhada e polida grosseiramente, sendo a sua superficie bastante aspera. Apresenta os caracteres do typo *coup de poing*, de Mortillet. Foi encontrado em Anadia.

N.º 11 — Machado de pedra grosseiramente polida. Tem 12 centimetros de extensão e 15 de circumferencia. Como o precedente, parece pertencer ao typo *coup de poing*. Foi encontrado em Anadia.

N.º 12 — Machado mal feito, talhado e polido grosseiramente. Está nas mesmas condições que os dois ultimos. Foi encontrado em Anadia.

N.º 13 — Parte de grande machado de pedra polida muito dura, parecendo diorito. Foi encontrado em Anadia.

N.º 14 — Machado de granitoide escuro, côr de café, de tamanho medio, com 12 centimetros de circumferencia e 9 e 1/2 de extensão. Foi encontrado perto de um circulo formado de pedras perpendicularmente no chão (provavelmente um *cromleck*), no engenho Bom Jesus, na Viçosa.

N.º 15 — Instrumento de pedra escura. É mais ou menos uniforme. Parece ter sido uma pedra rolada, empregada pelo homem primitivo como percutidor ou como projectil. Na parte curva apresenta vestigios de ter sido talhada. Foi encontrada em Maceió.

N.º 16 — *Tembetá* de pedra verde-claro (nephrite ou jadeite?) pequenino, em forma de martelo, de dois centimetros de extensão. Talvez representasse uma joia,

um objecto de adorno do homem primitivo e assim deveria ser usada pendente, ou do labio inferior ou do lobulo da orelha.

N.º 17 — Fragmento de *tembetá* da mesma pedra verde, mostrando ser mais volumoso que o precedente. Ambos foram encontrados, ao lado de ossos humanos, dentro de uma igaçaba, no municipio de Anadia.

18 — Fragmento de um grande machado de pedra, de fundo escuro com manchas amarelladas. É muito chato e apresenta duas faces quasi planas, tendo cada uma 12 centimetros de largura. O comprimento da parte existente é de 16 centimetros. Foi encontrado nas margens do rio São Francisco.

Como acabamos de vêr, entre os objectos figuram dois pequenos *tembetás*.

Os *tembetás* ou *muyrakytãs*, são encontrados em todo o Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

A palavra *tembetá* vem do tupi — de *tembe*, beiço, e *ita*, pedra. (118)

Como os indios usavam o *tembetá* enfiado no labio inferior, os primeiros exploradores do Brasil julgaram que esses adornos de pedra verde, que ora affectavam a forma de martelo, ora a de disco perfurado, eram fabricados no paiz.

---

(118) Esta definição é a de Martius. Noutro ponto desta obra já manifestamos a nossa opinião a respeito.

A verdade, porém, é que ainda não se poude explicar ao certo, a origem dessas pequeninas joias, ou antes amuletos, visto como eram levados com respeito supersticioso. Parece, no entanto, que os aborigenes os tinham herdado dos seus antepassados e que ás pedras verdes se ligam antigos mythos do velho continente.

Sabe-se, realmente, pelas narrativas de Plinio, o velho, que antigamente a jadeite e a nephrite (pedras de que são feitos os *muyrakytãs*) eram usadas para curar todas as molestias e especialmente as dores dos rins.

A questão das pedras verdes tem suscitado seria controversia entre os ethnologos.

O immortal naturalista Alexandre de Humboldt, registava o facto de não existirem essas pedras na America, fazendo parte de montanhas ou de serras, e que, no entanto, eram encontrados a cada passo objectos dellas fabricados.

O que se colheu dos indios, sobre a origem dos *tembetás,* foram apenas explicações absurdas: a pedra verde existiria sob a forma de barro maleavel, no fundo de um certo lago, nas cabeceiras do rio Jamundá.

Logo depois de se preparar o amuleto, o barro ficaria endurecido, tomando a consistencia da pedra.

O nosso sabio Barbosa Rodrigues, baseando-se noutro sabio, o allemão Fischer, attribue ás pedras verdes uma origem asiatica, porém Sylvio Roméro, por seu lado, apoiado-se na opinião do dr. Meyer, contesta este modo de ver.

É um problema que ainda não foi resolvido e cuja solução virá talvez, trazer alguma luz sobre o passado do homem americano.

Como se verá no nosso livro sobre a Viçosa, nesse municipio já se têm encontrado amuletos de pedra verde.

IV

MONUMENTOS MEGALITHICOS

Em Alagoas não são raros os pontos onde se vêem essas testemunhas irrefragaveis da existencia do homem em idades antiquissimas. São *dolmens, cromlecks, menhirs, pedras de equilibrio* (*loghans*) *pedras de trempe, pedras de sino* e muitos outros monumentos de pedra bruta ou ligeiramente talhada.

O *dolmen* é formado por uma lagea disposta horizontal e obliquamente sobre uma ou mais pedras verticaes. Uns parecem ter servido de tumulos e outros de altares.

Em nosso livro *Viçosa de Alagoas,* referimo-nos a dois *dolmens* que tivemos occasião de ver — um no engenho Matta Verde e outro na fazenda Veados. (119)

Vamos transcrever o que dissemos a respeito:

"Um verdadeiro dolmen, encontrei no engenho Matta Verde, numa grota dominada pelo alto da Bôa

---

(119) Alfredo Brandão — *Viçosa de Alagôas* — (Notas historicas, geographicas e archeologicas) — Recife, 1914.

Vista. Consta de uma pedra plana superposta sobre tres pedras brutas. O que torna esse dolmen curioso, não é somente o facto de se achar no meio do leito de um regato (não tendo, portanto, servido de tumulo), mas, a anormalidade da disposição da pedra que serve de meza, a qual, em vez de estar a chato, se encontra de lado, sobre as outras. Numa das extremidades vêem-se alguns riscos dispostos em angulos."

"No sitio Sapucaia, no engenho Bom Jesus, existe um pequeno monumento prehistorico que, segundo a descripção que fizeram, parece ser um *cromleck* — trata-se de um circulo formado de pedras brutas implantadas verticalmente no solo."

"O monumento prehistorico de Viçosa, o mais importante que cheguei a ver, já não existe, pois foi demolido mui recentemente, quando se construia o prolongamento da via-ferrea que se destina a Palmeira dos Indios.

"Essa recordação do homem primitivo, a que me referi ligeiramente na *memoria*, por simples informações, e que ficava no sitio Veados, foi por mim visitada posteriormente, em principios de 1911, antes de terem começado o serviço de demolição. Dava a idéa de uma velha fortaleza, lembrando ao mesmo tempo um desses *tumuli* gaulezes, tão magistralmente descriptos pelo sabio Alexandre Bertrand. Era formada de grandes pedras ou lageas, regularmente talhadas, superpostas

entre si e mui intimamente unidas. Apresentava tres faces: uma anterior e duas lateraes. O fundo encostava no morro. A face anterior poderia ter uns oito metros de comprimento para uns seis de altura. Não havia signal de portas. Nos dois lados dessa construcção cyclopica, viam-se os vestigios de uma especie de cêrca ou fortificação, feita de pedras brutas dispostas perpendicularmente no chão, prolongando-se em grande distancia. No espaço limitado pela cerca, do lado direito, notei um grupo de pedras que parecia um *dolmen,* e perto deste uma pequena lagea coberta de riscos dos quaes tirei uma copia. Tambem tirei uma grosseira planta de todo o monumento. Quando o destruiram, encontraram diversos amuletos de pedra verde talvez nephrite ou jadeite."

Ao lado dos *dolmens,* se encontram com frequencia os *cromlecks* ou circulos de pedras brutas. Especialmente no sertão, é preciso distinguil-os dos curraes de pedra, que pertencem a época actual.

Muitas vezes representam verdadeiras trincheiras do homem primitivo.

Soubemos que acima de Sant'Anna do Ipanema, no lugar chamado Olhos d'agua do Frade, na margem do caminho, existe uma especie de baluarte de pedras soltas, parecendo com um *cromleck.*

Nunca tivemos occasião de ver *menhirs* em Alagôas, mas pelas descripção que nos fizeram de certas pedras, suspeitamos que elles existem no centro do Estado. Alguns monolithos da estação da Pedra me-

recem estudo. Nas mesmas condições se acha um outro monolitho da fazenda Navio, no municipio de Agua Branca. O nome da fazenda origina-se da forma da pedra.

As *trempes*, formadas por tres grandes pedras dispostas em angulos equilateros, são frequentes nas catingas de Alagôas e Pernambuco. Interrogue-se qualquer sertanejo que elle dará indicações dessas curiosidades.

As *pedras de equilibrio* parecem, como os *menhirs*, assignalar algum feito.

Umas das mais importantes de que tivemos sciencia, é a do Serrote do Thimoteo, distante duas leguas da cidade de Paulo Affonso.

Tal monumento consta de tres pedras arredondadas, collocadas uma sobre a outra — a da base é muito volumosa, a do meio tem um diametro menor e a do vertice é a de proporção mais reduzida.

Cita-se o caso de uma *pedra de sino*, perto de Aguas Bellas, que quando era vibrada se ouvia na distancia de uma legua. Ha com certeza muito exagero neste relato. Tivemos occasião de observar pedras sonoras, no municipio de Viçosa, mas as vibrações são ouvidas apenas ha poucos passos.

Os ingenuos filhos da matta e do sertão inventam lendas muito interessantes sobre essas curiosidades: de uma grande *trempe* existente para os lados do rio São Francisco, contava-se que o diabo, todas as noites, ia

collocar sobre ella um caldeirão de ferro, no qual preparava uma sopa de enxofre.

Na estação prehistorica da fazenda Veados, segundo asseveram os moradores da visinhança, appareciam *visagens,* ao meio dia e á meia noite.

Um almocreve relatou-nos que passando ahi uma vez, vira no alto do serrote um cabrito luminoso.

V

AS CHÃS DE CACOS E OS RESTOS DE CERAMICA

Vamos começar o presente paragrapho citando alguns topicos da nossa memoria — *Vestigios de Raças prehistoricas na Viçosa* — apresentada ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, na sessão de 12 Julho de 1910. (120)

"No engenho Paredões, de propriedade do coronel José Aprigio Villela, existem diversas *chãs* onde a quantidade de cacos é tão grande que, quando ahi fazem roçados, difficulta a lavragem do solo.

Nas primeiras derrubadas, os restos de louça foram encontrados em grandes fragmentos, achando-se tambem ás vezes, enterrados em pouca profundidade, vasos em forma de grandes potes de bocca larga e de paredes bas-

(120) A memoria foi publicada no *Jornal de Alagoas,* em suas edições de 26, 27, 28, de Julho de 1910 e no numero 4 da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano,* de Dezembro de 1913, tendo sido mais tarde incluida no livro *Viçosa de Alagoas.*

tante espessas. Esses vasos, segundo me informaram, apenas continham uma pequena quantidade de terra.

Em taes locaes, tambem foram encontrados cachimbos de barro, de formas esquisitas e descommunaes.

Todas essas preciosidades, sendo estragadas pelos roçados que todos os annos se repetem nos mesmos terrenos (porque a experiencia demonstrou que as *chãs de cacos* são extraordinariamente ferteis), tendem a desapparecer em um futuro mais ou menos proximo, desapparecendo da nossa prehistoria.

Deixando para posteriores observações as chãs do Cangote, do Urubú e da Bôa Vista, muito ricas em destroços antigos, encaminhei-me para a que é especialmente conhecida pelo nome de *Chã de Cacos*.

O monte, cuja chapada tem tal designação, fica á margem directa do Riachão, regato um pouco volumoso nas estações invernosas, o qual, banhando o municipio pelos lados do nordeste, vae lançar-se no Parahybinha.

Esse monte tem mais ou menos a forma de um cone truncado, sendo de facil accesso pelo lado do poente. Ao contornal-o, em um estreito valle entre a sua base e o Riachão, fui impressionado não só pela sua conformação especial, como tambem pelo facto de encontrar-se elle ligado por uma ponta de terreno, que me pareceu um aterro, a um outro monte que não pude explorar, visto achar-se coberto de capoeirões.

A principio pensei que estava deante de um desses *mounds* contruidos pelo homem primitivo, e que são tão communs no Arkansas, no Ohio e no Mississipi, mas a

simples reflexão sôbre o papel e fins do *mound*, demoveu-me a primeira idéa. Com effeito, taes monumentos, como os *teocalis* dos aztecas e as *chulpas* das margens do Titicaca e do Umaio, no Perú, eram construidos não somente para servir de templos e tumulos, mas tambem de pontos estrategicos de observação e defesa.

Ora, num terreno extremamente accidentado como o da Viçosa, onde os valles estreitos serpenteiam como profundos fóssos num labyrintho de montes e colinas, não seria razoavel admittir que as raças antigas se dessem ao trabalho de construir novos montes, quando qualquer chapada poderia offerecer todas as condições de segurança e defesa.

Logo em meio da subida, começaram a apparecer os fragmentos de louça, em quantidade crescente á medida que eu galgava o cume. Ahi então, através do algodoal que o cobria, os cacos appareciam aos montões, de modo que se poderia julgar que tinham sido accumulados por muitas gerações.

Os fragmentos eram grossos, de tres a quatro centimetros de espessura, apresentando alguns o abahulamento peculiar ás parte de grandes vasos, pelo que imaginei tratar-se de restos de igaçabas.

Toda louça representava o producto de uma ceramica rudimentar, não se notando o menor adorno que revelasse gosto esthetico. Era mal cozida, pois a parte voltada para cima achava-se gasta, manifestando a acção dissolvente das aguas da chuva. Alem disto se quebrava com facilidade e tinha uma côr negra de fumaça.

A materia prima empregada na confecção, era uma argilla grosseira e mal trabalhada, pois a superficie de secção de um fragmento, apresentava-se aspera e pontilhada de pequeninos grãos de seixo branco. Em alguns pedaços, mais raros é verdade, notei que a parte concava era coberta de um verniz acinzentado, sem duvida destinado a tornar a louça impermeavel.

Um facto essencial despertou-me a attenção: todos os destroços que alli se achavam eram apenas os restos de utensilios domesticos, nada havendo que podesse revelar, pelo menos no exame superficial que fiz, ruinas de construcções.

A' primeira vista, julguei ser o povo que ahi tinha vivido pertencente a raças nomadas que habitavam em tendas, ou então representantes dos aborigenes que povoavam o territorio de Alagôas na época do descobrimento do Brasil, os quaes, como é sabido, construiam as suas habitações de ramos e folhas de arvores, que desappareciam com o tempo, sem deixar vestigios."

No municipio de Viçosa, ainda se encontram diversas *chãs de cacos*, taes como as de Gereba, Mar Vermelho e Chã-Preta.

O dr. Brandão Villela, enviou-nos ha pouco tempo uma interessante curiosidade encontrada nessa ultima localidade: trata-se de um objecto de uns 20 centimetros de comprimento, affectando a forma de uma coronha de espingarda. E' de marmore branco e compacto. O polimento é tão esmerado que se diria ser feito em uma officina moderna.

Esse objecto pertence ao tempo actual ou ao prehistorico?

A materia prima de que é confeccionado e a fórma, poderiam fazer pensar num trabalho da nossa época, mas ha nelle uns riscos que lembram signos antigos.

No que diz respeito á materia prima, lembramos que, distante umas 3 ou 4 leguas da Chã-Preta, existe, no sitio Lunga, uma grande mina de marmore.

Fizeram-nos referencias a outras *chãs de cacos* em Atalaia, Capella, Paulo Affonso e Palmeira dos Indios. Neste ultimo municipio descobriram, ha poucos annos, um cemiterio de aborigenes: foram desenterrados igaçabas contendo esqueletos humanos, collares de ossos e machados de pedras em forma de crescente (amuletos do culto de Jacy, a lua).

Os restos de ceramica encontrados em Alagôas, ao contrario dos monumentos megalithicos, parecem pertencer á raças que viveram num tempo mais ou menos recente; no entanto, pensamos que se forem feitas escavações, serão encontrados vestigios d'uma civilização mais adeantada.

VI

INSCRIPÇÕES EM ROCHEDOS

Já em 1869, o inglez Richard Burton dava noticia de inscripções no Baixo São Francisco. No sitio Itacutiara, elle viu um talhado de arenito de cuja superficie se projectava um rochedo horizontal, em forma de

alpendre. Abaixo desse tecto, a rocha estava inteiramente coberta de caracteres. O mesmo autor cita ainda a existencia de *pedras de letreiros* nos sitios Pé de Serra, Icó da Ipueira e Salgado.

John Branner, copiou em um grande gneiss em decomposição diversas figuras (umas gravadas e outras pintadas), representando estrellas, serpentes, seres anthropomorphicos e as mais variadas figuras geometricas.

No texto da presente obra, já nos occupamos das inscripções em rochedos de Viçosa, das quaes publicamos a copia. Temos a accrescentar que ainda se encontram lithoglyphos na cachoeira da serra Dois Irmãos, no engenho Barro-Branco, no engenho Minas, no leito do rio Parahyba (perto da cidade) e no engenho Limoeiro.

Octavio Brandão, declarou-nos ter visto riscos de pedra na desembocadura do riacho Gorungumba, no Parahyba. Verificamos, mais tarde, a existencia dessas inscripções, as quaes, constam de figuras em forma de ellypses.

Wenceslau de Almeida — esse grande e talentoso investigador dos nossos archivos — barbaramente assassinado ha pouco tempo, declarou no *Jornal de Alagôas* que encontrara lithoglyphos no municipio de Capella.

Ha pouco mais de quatro annos, vimos inscripções num rochedo da Bica da Pedra, perto de Maceió, nas immediações do aprazivel sitio Leopolis, do illustrado dr. José Leão. Essas inscripções, a que nos referimos

no texto, já tinham sido citadas pelo literato alagoano Pedro Nolasco Maciel, em seu romance *A Filha do Barão.*

Tambem têm sido encontrados lithoglyphos nos municipio de Atalaia, Tatuamunha, Porto de Pedras (na povoação de Porto da Rua), Palmeira dos Indios e Anadia.

Entre os dois ultimos municipios, no lugar denominado Pau do Esquecimento, existe, á margem de uma pequena lagôa, uma pedra muito curiosa, onde se encontram pegadas de homens e de crianças ao lado de pegadas de cães e de outros animaes.

Para terminar, vamos trancrever o artigo que sobre uma estação prehistorica em São Luiz do Quitunde, publicamos na *Gazeta de Alagôas,* em sua edição de 24 de Dezembro de 1934.

A PEDRA DA MOÇA

"Correspondendo á gentileza de um convite, tivemos ensejo de visitar uma curiosidade prehistorica existente na fazenda Cachoeira, propriedade do illustrado advogado dr. Rodolpho Lins.

A fazenda Cachoeira fica á margem do ribeirão Gitituba, perto do povoado Raiz, no municipio de São Luiz do Quitunde.

Logo ao se descer a encosta do povoado, a fazenda se descortina ao olhar. A paysagem é lindissima — em baixo o Gitituba rola as suas aguas encachoeiradas, torcicollando entre cannaviaes verdejantes, alongando-se na

varzea e perdendo-se entre collinas coroadas de mattas e capoeirões.

Além fecha o horizonte a serra do Feijó com os seus penhascos abruptos.

A pedra da Moça, como é vulgarmente conhecida a tal curiosidade prehistorica, acha-se perto da casa do engenho, na aba de um monte.

E' um rochedo de constituição granitica, de 6 a 8 metros de altura e de forma arredondada.

No lado voltado para o engenho, vê-se, perfeitamente gravada, uma imagem de mulher. Essa imagem apresenta-se de perfil, com a cabelleira negra, a fronte espaçosa ornada de um diadema, o nariz bem feito e o pescoço com um collar.

O busto parece envolvido num amplo manto que desce até a raiz da pedra, notando-se porém, perfeitamente modeladas a saliencia dos seios e uma parte do braço e do hombro.

O todo da gravura apresenta em suas linhas o typo caracteristico da elegancia e da belleza gregas.

A imagem se acha sob o braço esquerdo de uma grande cruz que se estende, tambem gravada, de alto a baixo do rochedo.

A' direita dessa cruz, apparecem diversos caracteres representando signos prehistoricos, identicos a outros já por nós estudados em differente pontos do Brasil.

Entre esses signos notamos o *tembetá,* symbolo da divindade masculina, o signo da *thêta,* em forma de su-

percilios, figurando a divindade feminina e ainda mais a pictura do raio e a de *mbú,* a grande serpente do espaço.

Não pudemos examinar a parte posterior do rochedo, visto achar-se coberta de espesso mattagal.

Conforme ouvimos de naturaes do local, sobre a *Pedra da Moça* correm diversas lendas de assombramento — falam em thesouros occultos, em luzes mortiças que vagam nas cercanias, e dizem ainda que muitas vezes, á meia noite, mãos invisiveis atiram do alto uma corrente de ferro que se vae ligar a uma outra pedra, no meio do rio.

Além da *Pedra da Moça,* ha ainda outra curiosidade — a *pedra serrada* — que fica no valle, quasi á margem do caminho da serra.

Trata-se de uma rocha, tambem de constituição granitica, de um e meio metros de altura para dois de comprimento, apresentando uma fenda em toda a extensão.

Parece que a pedra foi serrada com um instrumento de metal, porque se fôsse uma simples scissura natural, devido ao facto da decomposição do granito pelas acções physicas do meio atmospherico, a linha de ruptura apresentaria sinuosidade, de accordo com os pontos menos resistentes.

Mas é justamente o contrario que se observa — a fenda, em toda a sua altura, é de uma rectidão admiravel, portanto, a conclusão logica a tirar é que houve ali trabalho humano.

O Brasil, de norte a sul, apresenta uma quantidade prodigiosa dessas curiosidades. Para explical-as, uma corrente de archeologos pensa que tudo é obra dos phenicios, os quaes, muitos annos antes da descoberta da America, andaram a visitar as nossas plagas, erigindo monumentos e gravando inscripções em rochedos.

Já nos manifestamos contra essas idéas, em diversas publicações, e um dos principaes argumentos que invocamos, se acha justamente no facto de taes monumentos e inscripções não se encontrarem somente no litoral, mas tambem em pontos os mais centraes e reconditos do nosso paiz.

Tudo dá a entender que esses monumentos mysteriosos são devidos a um povo que aqui existiu por muitos annos, que desenvolveu uma civilização compativel com a sua época, e que essa civilização só poderia ser a dos atlantes, pois cada vez mais os estudos da geologia, da oceanographia e da anthropologia vêm demonstrar que o tão falado continente Atlantida não foi uma creação phantasiosa da Platão e dos sacerdotes de Sais.

Explica-se, assim, a imagem da moça gravada num rochedo de nosso Estado — era a figura de uma deusa dos atlantes. Dizemos deusa porque se acha cercada de signos symbolizando divindades ou attributos de divindades.

Seria Athenê? Affirmam Perone e Pierre Benoit que essa deusa antes de ser adorada na Grecia, já era adorada entre os atlantes, os quaes, de resto, eram antepassados dos gregos.

Sobre a *pedra serrada,* o que podemos por emquanto adeantar, é que ella deve ter servido de balisa e que, talvez, na phantasia dos montanhezes sobre a existencia de thesouros, haja algum fundo de verdade. Não thesouros encantados, mas reaes, representados pela existencia de minerios na região.

Isso não passa de uma conjectura nossa, conjectura a que chegamos depois de termos lido uma noticia de que os hollandezes, durante a sua estadia no Brasil, tiveram conhecimento da existencia de minas de ouro e prata, em uma serra que ficava oito leguas a oeste de Paripueiras.

Essas minas, se existem, podem muito bem ter sido exploradas pelos atlantes, visto como os metaes preciosos, taes como o ouro, a prata e ainda o *oricalque,* eram delles conhecidos."

A nossa terra guarda, pois, em seu seio e em sua superficie, a historia do homem que a habitou em eras longinquas. O que se torna preciso agora é recolher, sem cessar, os documentos esparsos dessa historia, afim de serem apagados os pontos de interrogação que enchem as suas paginas.

INDICE DOS CAPITULOS

INDICE DAS ESTAMPAS

Est.

Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo para Civilização Brasileira S/A. — Rio de Janeiro em Maio de 1937.

BIBLIOTHECA
DE DIVULGAÇÂO SCIENTIFICA

Dirigida pelo PROF. DR. ARTHUR RAMOS

VOLUMES PUBLICADOS:

I — **Arthur Ramos** — O NEGRO BRASILEIRO
II — **Nina Rodrigues** — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS
III — **Bastos de Avila** — QUESTÕES DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIRA
IV — **Arthur Ramos** — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL
V — **Josué de Castro** — ALIMENTAÇÃO E RAÇA
VI — **Octavio Domingues** — HEREDITARIEDADE E EUGENIA
VII — **Edison Carneiro** — RELIGIÕES NEGRAS
VIII — **Ruy Coutinho** — VALOR SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO
IX — **Gilberto Freyre e outros** — NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
X — **Renato Mendonça** — O PORTUGUEZ DO BRASIL
XI — **Alfredo Brandão** — A ESCRIPTA PREHISTORICA DO BRASIL

PROXIMAS PUBLICAÇÕES.

Manuel Querino — COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL
Arthur Ramos — AS CULTURAS NEGRAS NO NOVO MUNDO
Gonçalves Fernandes — XANGÔS DO NORDESTE
Arthur Ramos — NEGROS ESCRAVOS
Edison Carneiro — NEGROS BANTUS
Nina Rodrigues — A LOUCURA DAS MULTIDÕES
Lages Filho — O BRASILEIRO DO NORDESTE

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. — EDITORA
Rua Sete de Setembro, 162 — Rio de Janeiro